

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Adriano José Fernandes Vareiro

Junho de 2010



**Universidade do Porto
Faculdade de Desporto**

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de estágio profissional,
apresentado com vista à obtenção do 2º
Ciclo de Estudos conducente ao grau
de Mestre em Ensino de Educação
Física nos Ensinos Básico e Secundário
(Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março
e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de
Fevereiro).

Orientadora: Doutora Paula Maria Leite Queirós

Professora Cooperante: Dr.^a Maria Laura Gouveia Lopes

Adriano José Fernandes Vareiro

Porto, Junho de 2010

Ficha de catalogação

Mestrado:

Vareiro, A. J.F. (2010). Relatório de Estágio Profissional. Porto: A. Vareiro. Relatório de estágio profissional para a obtenção do grau de Mestre em 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, MICROMEIO, ESTABELECIMENTO DE ENSINO, EDUCAÇÃO.

Dedicatória

Dedico este todo meu trabalho ao meu pai e à minha mãe por todo o apoio e ensinamentos que me deram ao longo da vida, à minha irmã que já não está presente mas continuará sempre no meu coração e também à minha namorada Daniela Pinheiro Ferreira por toda a compreensão e apoio que me deu neste largo caminho a percorrer.

Agradecimentos

Ao finalizar este meu trabalho, gostaria de aproveitar este espaço para agradecer a todos aqueles que, de uma forma directa ou indirecta, me acompanharam e apoiaram nas diferentes etapas de realização do mesmo. Assim, em especial, agradeço a todos eles e expresso aqui a minha gratidão e o meu muito obrigado.

Aos meus **queridos Pais**, toda esta aventura foi devido ao vosso trabalho e esforço, algo que jamais poderei pagar, apenas vos prometo ser a pessoa digna que sempre fui e sempre serei. Por vocês lutarei sempre com todas as minhas forças.

À minha **Avó**, aos meus **Tios/as (Arnaldo, Fernando, Paulo, Rosa, “Lina”, Idalina)** e **primos/as (Susana, Sara, Rute, Paulo, David, Maria, Chico e Nela)**, por todo o apoio que me deram nestes últimos tempos, sem vocês não conseguiria superar todas as minhas dificuldades e angústias a vocês o meu profundo obrigado.

À minha **namorada Daniela Ferreira** e aos **seus pais** Rui Ferreira e Maria de Fátima, que me apoiaram desde o início em todo o meu processo, obrigado por tudo.

Aos **avós da minha namorada** e **sua família**, por todo o apoio que me deram neste percurso cheio de obstáculos.

A **toda a minha família**, por tudo que significa para mim.

À **Professora Cooperante Laura Lopes**, por todos os conhecimentos que me proporcionou ao longo deste ano lectivo, pela paixão que tem pelo ensino, a ela o meu agradecimento por tudo aquilo que me deu a conhecer.

Aos meus dois colegas estagiários, **Hélio Machado e Rui Ribeiro**, por toda a simpatia e disponibilidade, sem o contributo deles a realização deste estágio não era igual, a eles os meus gratos agradecimentos.

A **Professora Orientadora Doutora Paula Queirós**, pela sua abertura, por ter partilhado connosco anos da sua reflexão profunda que muito contribuíram para o enriquecimento deste trabalho.

A todos os **meus verdadeiros amigos**, mas com especial relevo para Rui Ribeiro, por tudo aquilo que passamos juntos durante estes anos.

Aos professores do **agrupamento de Educação Física** da Escola Secundária Fontes Pereira de Melo, por todo o apoio e auxílio que me deram durante este ano lectivo 2009/2010.

Aos **professores entrevistados**, um agradecimento especial, pela forma simpática que me receberam e aderiram a este estudo.

À **Doutora Maria Rosa Portela**, por todos os conhecimentos, simpatia, disponibilidade e conselhos que me deu ao longo de toda a minha escolaridade.

Aos **Professores, Alexandre Dias e Helena Martins**, por todo o apoio e auxílio que me deram nesta recta final do meu percurso académico.

A todos quantos não citados individualmente, mas que se sabem merecedores do meu reconhecimento e amizade, e que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Índice Geral

	Páginas
○ Dedicatória	III
○ Agradecimentos	V
○ Índice Geral	VII
○ Índice de Figuras	X
○ Índice de Quadros	XI
○ Índice de Anexos	XII
○ Resumo	XIII
○ Abstract	XV
○ Lista de abreviaturas	XVII
1. Introdução	3
2. Enquadramento biográfico	9
2.1 Quem sou “eu”	9
2.1.1 “O início da minha vida”	9
2.1.2 “Entrada na Faculdade”	10
2.1.3 “Em Estágio”	10
2.2 Expectativas em relação ao estágio profissional	11
3. Enquadramento da prática profissional	17
3.1 Uma das funções da Educação Física na Escola	17
3.2 A Escola e o Desporto Escolar na Escola	18
3.3 Objectivos da disciplina de Educação Física no Ensino	20
Secundário	
3.4 Características e eficácia do professor	21
3.5 Conhecimento profissional do professor	23
3.6 Projecto de ensaio acerca do enquadramento conceptual e	24
institucional do EP	
3.6.1 A educação como “acção de educar”	25
3.6.2 As definições de Educação	25
3.6.3 O acto educativo	26

3.6.4 Os quatro Pilares da Educação	28
3.6.5 Influências da socialização e a dinamização da participação em actividades físicas/desportivas	30
3.6.6 Mudanças sociais e mudanças na educação	32
3.7 Os factores que determinam as situações de educação	34
3.7.1 Os três grupos de factores	36
a) Os que correspondem às condições gerais da educação - instituição;	36
b) Os que correspondem às condições locais das situações de educação;	38
c) Os que correspondem às condições da própria relação educativa.	43
4. Realização da prática profissional	47
4.1 Área 1 - Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem	48
4.1.1 Concepção	49
4.1.2 Planeamento	52
4.1.3 Realização	58
4.1.4 Avaliação	64
4.2 Área 2 – Participação na Escola “Secundária Fontes Pereira de Melo”	68
4.3 Área 3 – Relações com a Comunidade	72
4.4 Área 4 – Desenvolvimento Profissional	73
4.5 Projecto de estudo de um problema decorrente do processo de ensino/aprendizagem	75
4.5.1 Metodologia	75
4.5.1.1 Grupo de estudo	76
4.5.1.2 Processo de recolha de informação	76
4.5.1.3 Construção e validação da entrevista	79
4.5.1.4 Aplicação das entrevistas	79
4.5.2 Processo Analítico	80
4.5.3 Objectivos específicos do estudo	84
4.5.4 Apresentação e discussão dos resultados	85

4.5.4.1 Análise de conteúdo	86
4.5.5 Conclusões do estudo	95
5. Conclusão e perspectivas para o futuro	99
6. Síntese final	105
7. Referências Bibliográficas	115
8. Anexos	XXI

Índice de Figuras

	Páginas
Figura 1 – Relação entre a Educação Física e a Educação da Saúde (Adaptado de Bovend'eerd, 1988, cit. por Mota, 1991)	17
Figura 2 – Processo educativo (Cabanas, J. (2002)).	27
Figura 3 – Distinção dos três grupos de factores (Mialaret, 1980)	35

Índice de Quadros

	Páginas
Quadro 1 – Variáveis que se relacionam com a aprendizagem social (adoptado de Greendorfer, 1992)	31

Índice de Anexos

	Páginas
Anexo I – Guião da entrevista	XXIII
Anexo II – Transcrições das entrevistas (CD)	

Resumo

Para iniciar o meu relatório de estágio profissional, decidi transmitir um pouco sobre quem sou "eu", desde o início da minha vida até aos dias de hoje, pois assim, faz-se entender melhor quais as minhas expectativas em relação ao estágio, de forma a desenvolver uma ligação desde do que pensei que era importante no início e o que na realidade foi ou não no fim do ano lectivo. Neste seguimento o meu enquadramento da prática profissional destinou-se a explorar uma das funções da Educação Física na Escola, perceber o proveito da Escola e o desporto escolar na escola, os objectivos da Educação Física na Escola Secundária, as características e eficácia do professor como o seu conhecimento profissional. No que respeita à minha realização da prática profissional, tive como objectivo expor as ocorrências com maior importância, e toda a forma de organização, planeamento, realização e avaliação do processo ensino/aprendizagem, do ano lectivo 2009/2010. Ao longo deste trabalho foram descritos, com algum pormenor, as dificuldades sentidas, os problemas, as estratégias, que surgiram durante o estágio profissional e a partir deste ponto, o desenvolvimento deste trabalho foi dirigido para as soluções, recursos e reflexões que utilizei para conseguir ultrapassar essas dificuldades, no sentido da superação dos meus objectivos. Assim, o tema que me propus analisar foi os factores que determinam as condições locais da educação (micromeio e estabelecimento de ensino), em que o processo ensino/aprendizagem se desenrola. Pretendeu-se pois perceber, o modo como essas condições têm implicações no processo de aprendizagem dos alunos. Ao finalizar o estudo, as principais conclusões a que cheguei foram: a escola é um meio de educação, o micromeio influencia no processo ensino/aprendizagem, o local onde o estabelecimento de ensino se situa é preponderante para o desenrolar de algumas actividades e o estabelecimento de ensino influencia também, porque as escolas possuem determinadas arquitecturas, mas nem todas são iguais. Por fim, as obras na Escola de Fontes Pereira de Melo tiveram implicações no ensino e a Escola é um local de aprendizagem mas não é única.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, MICROMEIO, ESTABELECIMENTO DE ENSINO, EDUCAÇÃO.

Abstract

As a way to begin my professional traineeship report I've decided to transmit a little about "me", since the beginning of my life until now, because, in this way, I can better expose my expectations towards this traineeship by developing a connection since from what I thought it would be to what it really was in the end of the academic year. As a consequence my professional context was based in the exploration of one of the physical education purposes at school, to better understand school's richness, the function of school sports in it, the objectives of physical education in the Secondary School, the characteristics and the teacher effectiveness as well his professional knowledge. Concerning my professional practice my objective was to expose the main events and all forms of organization, planning, execution and evaluation related with the teaching/learning process from the academic year of 2009/2010. During this work I described, with detail, the felt difficulties, the problems and the strategies that I adopted during the professional traineeship. The basis to the development of this work was in finding solutions, resources and reflexions used by me to overcome difficulties and also to overcome my personal objectives. In this way I analyzed the factors that determine local education conditions (micro-environment and teaching institution) in which the teaching/learning process occurs. It was intended to understand how these conditions can influence the learning process of students. In the end of the study the main conclusions that I obtained were: the micro-environment influences the teaching/learning process due to some factors such as the location of the teaching institution being vital to the success of some school activities and the teaching institution different architectures. As a final observation I can state that the restructuration of the Fontes Pereira de Melo Secondary School had implications in their teaching process and that School is not the only learning place.

KEY WORDS: PHYSICAL EDUCATION, PROFESSIONAL TRAINEESHIP, MICRO-ENVIRONMENT, TEACHING INSTITUTION, EDUCATION.

Lista de Abreviaturas

A.D.E	Associação Desportiva de Esposende
C.D.	Cultura Desportiva
C.F.	Condição Física
C.P.	Conceitos Psico-sociais
Dr ^a .	Doutora
E1	Entrevistado número um
E2	Entrevistado número dois
E3	Entrevistado número três
E4	Entrevistado número quatro
E5	Entrevistado número cinco
EF	Educação Física
EP	Estágio Profissional
E/S	Escola Secundária
FADE-UP	Faculdade Desporto da Universidade do Porto
H.M.	Habilidades Motoras
JDC	Jogos Desportivos Colectivos
MEC	Modelo de estrutura de conhecimento
Nº	Número
PFI	Projecto Formação Individual
PNEF	Programa Nacional de Educação Física
Pr ^a	Professora
S/d	Sem data
S/L	Sem lugar
UD	Unidade Didáctica

1. INTRODUÇÃO

1. Introdução

Este documento denominado de “Relatório de Estágio Profissional” insere-se no âmbito da disciplina de Estágio Profissional I e II de Educação Física, integrada no plano de estudos do 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Sendo o Estágio Profissional I e II, uma referência na formação inicial do professor de Educação Física, parti para o presente ano lectivo 2009/2010 com muitas expectativas, confiança e também com certo receio, pois sabia que um grande desafio me deparava. É também um desafio bastante complexo, que requer muito empenho e muito trabalho, mas que é simultaneamente um desafio aliciante, pois permite a passagem da teoria à prática e a vivência da situação e de experiências que nos ajudarão, quando devidamente equacionadas, planeadas e avaliadas, a tornarmo-nos no futuro profissionais mais eficazes e competentes, conduzindo a uma intervenção com qualidade e ao alcançar dos objectivos de formação e desenvolvimento integral e harmonioso dos nossos alunos.

Nesse sentido, afigura-se indispensável uma intervenção não só planeada, sistematizada e intencional, mas acima de tudo reflectida.

É necessário tornar o ensino um acto reflexivo e fundamentado pedagógica e cientificamente, tendo como objectivo o reforço do exercício consciente da nossa acção profissional.

Não chega fazer as coisas, pôr em prática os conhecimentos e ensinamentos retirados ao longo destes anos de formação, é preciso analisar o que foi feito, porque foi feito, em que circunstâncias, com que efeitos, equacionar alternativas e estratégias para melhorar o nosso desempenho no processo de ensino e de aprendizagem. Só assim a nossa actuação adquire sentido e um carácter de enriquecimento pessoal e profissional, podendo, por isso, ser considerada uma experiência válida, uma experiência provida de sentido.

Num sentido mais particular, este documento constitui-se numa “reflexão” sobre o Estágio Profissional I e II, que está estruturado em torno das quatro áreas de desempenho descritas no Regulamento e no Documento Orientador do Estágio Profissional. No entanto, tenho presente que estas áreas não são estanques, independentes, mesmo que devam funcionar em interligação e interacção umas com as outras, ou seja, todas as tarefas efectuadas no âmbito de uma área têm repercussões ou são influenciadas pelas tarefas no âmbito de outra área, pelo que procurei que a minha actuação como professor e como parte integrante do sistema educativo e escolar cruzasse as várias áreas.

Para além desta componente geral também tem uma componente específica, um Projecto de ensaio acerca do enquadramento conceptual e institucional do EP e um Projecto de estudo de um problema decorrente do processo de ensino/aprendizagem.

Em relação ao projecto de ensaio vou debruçar-me especificamente nos factores que determinam as condições locais da educação, pretendo ver se o micromeio e o estabelecimento de ensino (os espaços e os materiais), são determinantes nas situações, tendo como objectivo neste estudo procurar saber se estes factores são decisivos na Educação Física e se influenciam na aprendizagem. Por fim, o projecto de estudo decorrente irá incidir-se na Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, que se encontra em processo de mudança e as condições não são as melhores. Para conseguir obter alguns resultados sobre este assunto tenciono realizar entrevistas a professores de Educação Física com experiência profissional que exercem a sua profissão na Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, para poder retirar o máximo de conclusões possíveis. Com isto pretendo perceber até que ponto este problema das condições tem implicações no processo de aprendizagem nos alunos.

Em suma, este trabalho encontrar-se-á então dividido em oito partes distintas. Assim, o trabalho iniciará com introdução, enquadramento biográfico, enquadramento da prática profissional onde é apresentada uma revisão da literatura centrada em aspectos directamente relacionados com o tema em questão e com o ensino, de forma, a que alguns conceitos fundamentais para a

compreensão do trabalho possam ser clarificados. Posteriormente, seguirá a realização da prática profissional, onde estará inserido todo o processo do EP e a esta, seguir-se-á a metodologia utilizada para o processo de estudo com a recolha e tratamento dos dados, bem como a caracterização do grupo de estudo utilizado. Depois, os resultados, seguido da análise de conteúdo, no intuito de permitir uma leitura mais fluida e encadeada. Por fim, a apresentação das conclusões e das perspectivas para o futuro, a síntese final, bem como toda a bibliografia utilizada. Todas as transcrições das entrevistas realizadas são apresentadas em anexo (CD).

2. ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO

2. Enquadramento Biográfico

2.1 Quem sou “Eu”?

2.1.1 “O início da minha vida”

Eu, Adriano José Fernandes Vareiro, nasci a 01/10/1985, ou seja, neste momento com 24 anos, na cidade de Esposende do distrito de Braga. Sendo conhecido como “Adry” para os amigos mais próximos, por “karagounis” na faculdade (nome de praxe) e onde trabalho por Adriano Vareiro.

Os meus primeiros anos foram vividos em casa da minha avó, localizada em Esposende. Posteriormente os meus pais construíram casa e mudamo-nos, para o bairro social em Esposende sendo que até ao momento continuo a habitar nesta zona.

O meu agregado familiar consiste nos meus pais e eu, mas tenho uma irmã mais velha 7 anos que faleceu há 6 anos por motivos de doença. O meu pai chama-se Adriano Alberto Novo Vareiro, a minha mãe Maria da Conceição Barbosa Fernandes Vareiro e a minha irmã Vera Dulce Fernandes Vareiro.

Foi aos 2 anos que entrei para o infantário, onde comecei a ter muito mais contacto com outras crianças e ficava satisfeito quando me deixavam brincar até à exaustão. Andei na Escola primária até à 4ª classe, depois na passagem para o 5º ano mudei-me para a Escola Básica António Correia de Oliveira e o do 7º até ao 12º ano andei na Escola Secundária 2/3 Henrique Medina. No 10º ano, entrei em Desporto, e aí sofri na pele o tentar fazer tanta coisa ao mesmo tempo com o corpo, pois além das aulas ainda tinha Futebol e natação por fora. Durante a primeira semana descobri músculos que não sabia que tinha, mas depois de entrar na rotina, aquela agitação passou a fazer parte de mim.

A minha fascinação sempre foi a bola, principalmente o futebol. Desde os meus 12 anos envolvi-me, no clube da terra, Associação Desportiva de Esposende (A.D.E.). Claro que isto importou muitas dores de cabeça aos meus pais e familiares, que andavam sempre atrás de mim para me observarem e

acompanhar o meu crescimento. Joguei futebol até aos meus vinte e um anos. O Futebol não é a minha única paixão, a água também faz parte da minha vida.

2.1.2 “Entrada na Faculdade”

De várias opções apenas a de desporto me agradou. Candidatei-me à “Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física” da Universidade do Porto, agora apenas Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADE-UP), onde entrei no ano lectivo 2004/2005. Nesse ano ainda jogava futebol e a conciliação com a faculdade no início foi um pouco complicado e desgastante mas com muito gosto e prazer consegui enfrentar essas dificuldades.

Entreí sozinho na faculdade e sem conhecer ninguém que lá se encontrava e a primeira surpresa que deparei foi que as turmas eram divididas por sexos. Depressa dei conta porquê. Estava relacionado com a optimização do ensino e as avaliações, visto que os dois primeiros anos são essencialmente práticos. O objectivo destes anos visa fazer-nos sentir as dificuldades dos alunos, e assim aprendermos as diferentes abordagens às diversas modalidades. Nos dois primeiros anos o objectivo central foi executar bem e posteriormente aprender a ensinar.

No 3º ano tive de optar por alto rendimento ou desporto adaptado ou recreação, a minha opção foi alto rendimento futebol porque foi sempre a minha ambição estar ligado mundo da “bola”. Ao longo destes cinco anos na faculdade, muitas das expectativas foram-se reconstruindo, e optimizando.

2.1.3 “Em Estágio”

O Estágio Profissional representa uma nova etapa de formação, há muito tempo desejada e é a transição do mundo estudantil para o mundo do trabalho, mesmo que agora de uma forma, controlada pela professora cooperante e orientadora, visto que somos estudantes – estagiários e não professores.

Este ano para mim foi uma oportunidade de aplicar e desenvolver os meus conhecimentos e aumentá-los, quer a nível teórico quer prático. Para tal contei com o auxílio dos meus companheiros de Estágio, Hélio Machado e Rui Ribeiro, da Professora Cooperante Dr^a. Laura Lopes e orientadora Doutora Paula Queirós.

O cenário encontrado perante os alunos foi de alguma dificuldade em perceber a importância da Educação Física, como meio de um desenvolvimento desportivo e cultural saudável, muitas vezes apresentando desmotivação e por isso a minha intervenção foi no sentido de contrariar estas situações.

2.2 Expectativas em relação ao estágio profissional

Após a conclusão do 4º ano do curso de Ciências de Desporto na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, devido ao processo de Bolonha, dá-se início a um momento sublime na carreira académica do estudante. Este momento, o Estágio Profissional de Educação Física, com equivalência ao grau de mestrado, diz respeito à aplicação de todos os ensinamentos didáctico - metodológicos e científicos, “colhidos” ao longo da vida escolar, na situação real e complexa, que é o ensino na própria escola.

Trata-se portanto, de uma formação que vem sendo construída nos últimos quatro anos, encontrando-se agora (no estágio profissional) fortemente presente a componente prática.

Para mim, o estágio profissional é principalmente um ano de grande mudança, em que se abandona a condição simples de estudante e inicia-se a de professor. Mas o processo de formação profissional não pára a seguir ao estágio. Na minha opinião, será apenas o início de um longo caminho a percorrer, que estará cheio de obstáculos, alegrias e frustrações. É necessário pois, nunca se acomodar e estar permanentemente em investigação, senão corremos sérios riscos de sermos ultrapassados.

Em relação aos vários elementos directamente ligados ao estágio, e começando pela própria Escola onde decorreu esta prática pedagógica, posso

dizer que desde o início fiquei satisfeito ao saber que tinha sido colocado na Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo. Como tal, trata-se de uma instituição de prestígio e que está bem preparada ao nível das condições materiais e humanas, essenciais para uma prática docente de qualidade. A escola neste momento encontra-se em processo de mudança, por isso, durante este ano lectivo e o próximo (15 meses), as obras na Escola vão ser uma constante.

Deste estabelecimento de ensino recebi o acolhimento necessário à minha integração no ambiente escolar, no sentido de me tornar um elemento activo na comunidade envolvente, estabelecendo todo o tipo de interações com o pessoal docente, funcionários, pais, encarregados de educação e alunos procurando contribuir assim para a dinâmica da própria escola.

No que diz respeito aos meus colegas do núcleo de estágio, o Hélio Machado e Rui Ribeiro, estiveram sempre presentes e ajudaram-me como eu os ajudei a ultrapassar os vários obstáculos que apareciam ao longo do ano lectivo. Posso dizer que o facto de todos nós sermos colegas há já bastante tempo e de existir entre nós laços de amizade, foi um factor benéfico para a obtenção de sucesso, quer do ponto de vista profissional, quer do social, visto que muitas das actividades foram realizadas em grupo. Agora que estamos a chegar à recta final posso dizer que conseguimos ultrapassar todas as dificuldades que apareceram ao longo deste árduo caminho. Destes mesmos colegas, recebi um contributo crítico, criativo e inovador, que me permitiu melhorar o meu desempenho e a minha competência profissional.

Em relação à professora cooperante, Dr^a Laura Lopes, a primeira impressão que fiquei foi bastante positiva. Ao longo deste largo processo demonstrou sempre uma enorme disponibilidade, dedicação, rigorosidade, competência e organizada o que foram óptimos indicadores para um bom trabalho. A sua enorme experiência e competência ajudaram bastante na resolução dos vários problemas que surgiram, principalmente ao nível do planeamento, condução e avaliação do processo pedagógico. Também contribuiu para a identificação das principais carências ou necessidades da própria escola, ajudou-nos a desenvolver acções e actividades de interesse

para a própria comunidade escolar. A professora foi não só para mim mas também para os meus colegas estagiários a pessoa que mais nos ajudou, compreendeu e contribuiu em todo nosso processo.

A Professora orientadora da FADE-UP, Doutora Paula Queirós. Posso dizer que sempre que foi possível mostrou a sua disponibilidade, preocupação em relação a todos os problemas que iam surgindo, quer na escola ou na faculdade. Teve o cuidado de nos compreender, motivar e orientar no estágio profissional e na componente específica, permitindo assim a obtenção de boas performances.

Em particular o grupo de Educação Física da Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, considero que é constituído por pessoas experientes e profissionais. Todos os professores deram o auxílio e o apoio necessário à nossa integração e desempenho nesta actividade.

Relativamente aos alunos, as expectativas desde o início eram bem realistas uma vez que tinha consciência de que poderiam surgir situações que me podiam trazer uma maior dificuldade de resolução, dado que a minha experiência como docente era praticamente nula. A disciplina e o respeito, são aspectos que me marcaram como professor, empenhei-me “a fundo” para que não existissem problemas a este nível, pois considero-os fulcrais em toda a dinâmica do processo ensino - aprendizagem. A “minha turma” não é propriamente a que todos os professores gostariam de leccionar, porque “atrai” enormes problemas a nível disciplinar e pedagógico mas graças ao rigor imposto logo no início do ano lectivo estas dificuldades foram quase nulas.

3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3. Enquadramento da prática profissional

3.1 Uma das funções da Educação Física na Escola

A Escola tem uma enorme função perante os educandos, a educação física não “foge” à regra e também contribui para esse papel.

A evolução social tem atribuído à actividade física e desportiva uma importância crescente (Bento, 1991; Constantino, 1991; Mota, 1991 a). A escola enquanto espelho da sociedade e agência de socialização não pode deixar de assumir as mudanças que ocorrem com o passar do tempo. A sua maior função prende-se com a educação dos jovens para a vida futura. Assim, a evolução verificada tem como primeiro objectivo, na nossa sociedade, a educação para a saúde, tentando desta forma superar a hipoactividade existente no mundo actual e que é geradora das doenças da modernidade.

A Educação Física, neste sentido, assume um papel cada vez mais crucial no processo educativo do aluno como ser humano e participante na sociedade que o rodeia, caracterizando-se pelo fomento das actividades escolares relacionadas com a saúde (figura 1).

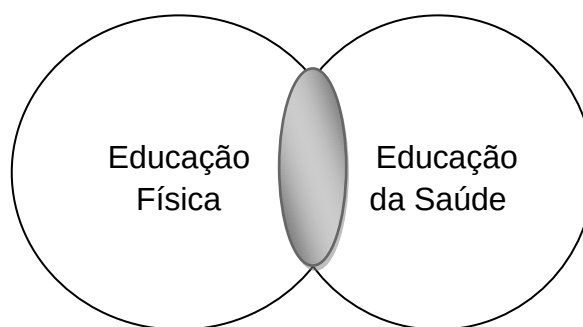


Figura 1 – Relação entre a Educação Física e a Educação da Saúde
(Adaptado de Bovend'eerdt, 1988, cit. por Mota, 1991)

Segundo Bento (1991), uma importante função pedagógica é a de diminuir a diferença entre o conhecimento acção, entre o esclarecimento e comportamento, através da formação e estímulo de atitude de comportamentos e modos de vida conscientes e favoráveis à saúde no convívio com a

apetreche sociocultural. Contudo, o mesmo autor diz, nem toda a forma de desporto é apropriada para realizar, como objectivo primeiro, as intenções da saúde. Pois, o desporto não contém em si mesmo mecanismos de saúde que se desencadeiam de forma espontânea, porém, a possibilidade de o desenvolver e desencadear essa sim é-lhe imanente, requerendo para o efeito uma abordagem cuidada e sensível. Cada um de nós encontra no desporto adequado os nossos interesses, desporto neste entender, é plural.

O “desporto no plural” – o “desporto para todos” – é por isso mesmo, o desporto individual que não mais se deixa ficar preso num qualquer pretensão sistema unitário e totalitário de valores mas que adquire sentido e relevância à escala individual, na relação com os problemas e os motivos da vida daquele que o pratica (Bento, 1991). Não é o desporto em si mesmo que deve ser fomentado e recomendado, mas sim o desporto que permite sentido individual, que enriquece o estilo de vida de cada um.

Do que foi anteriormente relatado, importa ainda salientar que a saúde na escola terá que constituir objecto e meta educativa abrangente de todas as disciplinas (nomeadamente, disciplinas de arte, expressão dramática, música, etc), da organização escolar, da estrutura dos horários, dos espaços de ensino e recreio, da construção de todas as aulas e não apenas da disciplina de Educação Física.

Duarte A. M. (1991) refere que a Educação Física promove o crescimento saudável e a aptidão física dos alunos, de várias formas, por exemplo, desenvolvimento das capacidades motoras; cria o gosto pela prática de actividades físicas e desportivas, que poderão ser praticadas mais tarde na ocupação de tempos de lazer; melhora o conhecimento sobre os princípios de higiene e desenvolve hábitos pessoais de saúde.

3.2 A Escola e o Desporto Escolar na Escola

A Escola desempenha um papel importante no processo de formação desportiva das crianças e jovens, já que é na escola que as crianças passam, actualmente, a maior parte do seu dia.

Hoje em dia a Escola é o maior meio de ensino – aprendizagem, onde se desenvolve as diversas capacidades dos alunos, como nos diz Mota, J. (2001, p. 34) a escola é vista como lugar excepcional para a obtenção de conhecimentos, desenvolvimento de capacidades e especialmente na formação de convicções e hábitos a respeito da actividade física e da sua relação com a saúde.

Segundo Pina (1995), a Escola desempenha um papel importante no desenvolvimento integral das crianças e jovens, na formação de comportamentos e decisões sempre no contexto de todos os fenómenos sociais e em interacção com outras influências educativas.

Para Bento (1991), a Escola contribui não apenas a única instituição social onde todas as crianças e jovens se juntam, mas o único local onde podem e devem ser apreciadas experiências e competências. A Escola assume-se como o local privilegiado em aproveitamento de uma verdadeira democratização da cultura do desporto.

O Desporto Escolar é uma actividade de complemento curricular, voluntária, que permite aos alunos a prática de actividades desportivas, num ambiente educativo e sob a orientação dos professores devidamente qualificados, configurando-se como principal possibilidade, para muitos dos nossos “alunos” poderem participar em quadros competitivos de forma regular.

A Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, não “foge” à excepção e também dá oportunidade aos alunos de participarem nestas actividades desportivas com carácter competitivo. Durante o ano lectivo participei nesta área como professor “auxiliar”, porque nós estagiários não podemos desempenhar o papel do professor responsável. Acompanhei o desporto escolar de futebol masculino e voleibol feminino, ambos juniores, por isso, tive a oportunidade de estar por dentro deste processo que é o desporto escolar. O principal objectivo é permitir o acesso à educação e ao bem-estar físico através da prática desportiva. Ambicionando ainda, a educação moral, social, intelectual e a promoção da saúde.

Para percebermos o que realmente é o desporto escolar, Velázquez (2004, p. 185), tenta chegar a um conceito de desporto escolar, declarando que

o mesmo só fará sentido se tiver um carácter educativo, ou seja, o desporto terá que ser escolar e não desporto em idade escolar.

Na óptica de Bento (2001, p. 86), “...O melhor desporto é aquele que põe a pessoa em movimento, configurando-a na plenitude estética e na sua exemplar harmonia...”.

Ainda o mesmo autor (Bento, 2001, p. 88), diz-nos que o “acto educativo constrói e revela o homem por dentro e por fora...”.

O mesmo autor mas (Bento, 1991), realiza o seu pensamento dizendo que não há um desporto pedagógico, puro e educativo na escola e outro não pedagógico, impuro e não educativo no clube, não existe um desporto bom que se deve escolher e um mau que não se deve escolher.

Para Pina (1995), o desporto escolar deve assumir um papel mais decisivo na escola e em todo o processo educativo, visto que é um elemento fundamental para a cidadania e formação integral das crianças e jovens. O desporto na escola possui um quadro legal, orgânico e institucional conhecido pela designação de desporto escolar. Desta forma, é reconhecido como sector essencial para toda a actividade desportiva, na melhoria do ambiente escolar e na formação da juventude, no seu contexto social e na interacção com outras influências educativas: a família, os meios de comunicação, as condições materiais, os amigos, etc.

3.3 Objectivos da disciplina de Educação Física no Ensino Secundário

A Educação Física em qualquer ano de escolaridade, tem objectivos a alcançar durante esse ano lectivo. A turma que leccionei este ano, pertencia ao Ensino Secundário, por isso, uma das minhas primeiras funções foi definir objectivos para o ano lectivo.

Segundo Duarte (1992) é possível sintetizar os objectivos da disciplina de Educação Física no Ensino Secundário, no quadro de desenvolvimento dos alunos, delimitados às seguintes componentes da personalidade humana:

1. *Saúde e Aptidão Física*: Melhoria do funcionamento das funções orgânicas e das capacidades condicionais e coordenativas. Aprendizagem de conhecimentos básicos que permitem entender os factores da aptidão física e da saúde e os processos elementares da sua manutenção.

2. *Socialização*: Melhoramento das relações inter-individuais e inter-grupos, principalmente no que diz respeito à responsabilidade, cooperação, controlo de emotividade, domínio da vontade, espírito de equipa, respeito pelas regras e o desportivismo. O resultado é o desenvolvimento de comportamentos sociais correctos e a estruturação da personalidade dos alunos,

3. *Gosto pela prática de actividades físicas*: Vontade que o aluno tem para aperfeiçoar ou manter uma boa condição física, de forma a escolher uma actividade (competitiva ou recreativa) para ocupação dos tempos livres, com o intuito de contribuir para o equilíbrio afectivo e emocional dos alunos.

4. *Desenvolvimento motor*: Aperfeiçoamento dos conhecimentos gerais da prática, por exemplo, gestos técnicos, cultura desportiva, etc.

3.4 Características e eficácia do professor

Estabelecer o rendimento escolar e a eficiência do ensino constitui a preocupação essencial de vários investigadores da educação. Este problema não deixa indiferentes os especialistas da actividade física.

Com consequência, é praticamente “impossível” formar um juízo absoluto sobre um professor. As suas características como o seu valor e o rendimento dependem de elementos que lhe são próprios, mas também de elementos exteriores, como por exemplo: meio social, alunos, condições materiais de trabalho, etc.

Neste sentido, passarei a rever posições e confirmações de autores que nos relacionem da complexidade do ensino, determinada pela diversidade de factores que condicionam o dia-a-dia na sala de aula.

Para Siedentop (1983) existem tantos indicadores de eficácia como de ineficácia de um professor nas aulas de Educação Física. Os indicadores de eficácia são: quantidade máxima de tempo numa tarefa específica, a

quantidade máxima de tempo de actividade em conteúdos específicos, com um grau de dificuldade adequado ao aluno. Os indicadores de ineficácia são: o tempo que se demora a colocar o material necessário para a aula, o tempo de espera, o tempo gasto em conteúdos não relacionados com os objectivos.

Para Rink (1985), os comportamentos que os professores devem ter para obter sucesso nas aulas de Educação Física são: realizar uma introdução à aula de forma a motivar os alunos; no início de uma nova aprendizagem, o professor deve descrever a tarefa de forma a ajudar os alunos a terem uma ideia do que vão executar; descrever aos alunos como se executa uma tarefa proposta; apoiar os alunos quando estes estão a executar a tarefa; efectuar instruções para melhorar o desempenho do aluno.

Ainda o mesmo autor (Rink, 1985) sugere quatro factores determinantes para o sucesso nas aulas de Educação Física, que são: um clima positivo na turma; tempo passado na tarefa; organização cuidada do trabalho na turma, e a preocupação de informação frequente e adequada do estado das prestações dos alunos.

Segundo Graça (2001), para o professor ser bem sucedido no seu ensino tem que considerar as preconcepções e concepções erradas dos alunos; gerar analogias, explicações e exemplos apropriados para a apresentação do conteúdo; e, fazer com que os alunos se empenhem em actividades que promovam a aprendizagem.

Segundo Leal (1993), uma boa demonstração e uma explicação clara, sobre a técnica/habilidade a ser aprendida, não significa que os alunos sejam capazes de reproduzir, que vão estar com atenção ou aperceber-se dos aspectos críticos determinantes para um desempenho bem sucedido, de modo a obter uma melhor compreensão de como a aprendizagem ocorre a partir do ensinamento, no momento da instrução, é essencial definir e analisar os pensamentos e cognições que comandam a acção durante aquele. A procura sobre a percepção do aluno acerca das acções de instrução, incluindo os comportamentos do professor, suporta a ideia de que os pensamentos dos alunos interferem entre a aprendizagem e o ensino. Os significados que os alunos agrupam aos vários aspectos do clima emocional em que decorre a

aprendizagem e as atitudes adoptadas no decurso do acto educativo, podem contribuir de forma determinante para os resultados obtidos.

3.5 Conhecimento profissional do professor

Segundo Shulman (1987) mas citado por Graça (2001) são identificadas sete categorias de conhecimento:

Quatro delas referem-se a conhecimentos e a informações necessárias, não directamente relacionadas com a matéria a ensinar:

1. Conhecimento pedagógico geral;
2. Conhecimento dos alunos e das suas características;
3. Conhecimento do contexto educativo;
4. Conhecimento dos fins, objectivos e valores educativos.

As restantes três dizem respeito à especificidade do conteúdo disciplinar:

5. Conhecimento do conteúdo – matéria;
6. Conhecimento pedagógico do conteúdo;
7. Conhecimento curricular.

Ainda para o mesmo autor (Graça, 2001) refere o seguinte sobre o conhecimento profissional do professor.

O Conhecimento pedagógico geral é constituído por, alunos e aprendizagem; currículo e instrução; gestão da aula; e outras.

O Conhecimento da matéria é formado através, das estruturas substantivas; estruturas sintácticas; e conteúdo.

O conhecimento pedagógico do conteúdo procura devolver uma perspectiva integral do triângulo didáctico (professor, aluno, matéria) tentando reequilibrar e assegurar a atenção sobre a interacção dos três.

Ao professor faz falta um conhecimento profundo dos tópicos do seu currículo, unido à capacidade de transformar em função dos seus intuítos pedagógicos, do que, um conhecimento extensivo dos elementos da matéria.

A capacidade de transformar o conhecimento disciplinar assenta no conhecimento da substância e da sintaxe da disciplina, mas requer igualmente

conhecimento dos alunos e da aprendizagem, do contexto e do currículo, dos propósitos e objectivos do ensino da matéria.

A construção do conhecimento pedagógico do conteúdo resulta do entrelaçamento de várias dimensões do conhecimento essenciais ao desempenho da actividade de docente, nomeadamente os conhecimentos da matéria de ensino, o pedagógico geral e o dos contextos do sistema educativo.

O conhecimento pedagógico do conteúdo possui quatro componentes:

1. Conhecimento e convicções acerca dos propósitos para o ensino de uma matéria a diferentes níveis de escolaridade, que se reflecte nos objectivos.
2. Conhecimento da compreensão dos alunos, suas concepções e falsas concepções acerca de determinados assuntos da matéria.
3. Conhecimento curricular do conteúdo, compreender os meios curriculares disponíveis para o ensino da matéria.
4. Conhecimento das estratégias de instrução e representações para o ensino de tópicos particulares da matéria: - adequação à substância e à natureza da matéria que está a ser ensinada; - adequação à capacidade de compreensão dos alunos a quem se está a ensinar; - pertinência para a aprendizagem do assunto em questão; e, adequação à especificidade do contexto da aula.

Ainda o mesmo autor (Graça, 2001, p. 110), “O conhecimento que o professor tem da disciplina que lecciona interage com conhecimentos, convicções e crenças acerca da educação, do ensino e aprendizagem, acerca dos alunos e acerca dos contextos educativos.” O Conhecimento do contexto baseia-se nos alunos; comunidade; sistema educativo; e, Escola.

3.6 Projecto de ensaio acerca do enquadramento conceptual e institucional do EP

O acto educativo propõe-se a uma construção de comportamentos num indivíduo, segundo um vector orientado. Supõe um conjunto coerente de acções, empreendidas com vista a um fim e um sistema coordenado de meios.

O acto educativo é, por essência directivo e as opções são tomadas para o educando (Mialaret 1980).

Existem diversas áreas a estudar as condições gerais e locais da educação, por isso, pretendo analisar o modo como um conjunto de factores determina as condições da educação. Debruçando-me especificamente nas condições locais, pretendo perceber do ponto de vista teórico, e ver posteriormente no estudo se o micromeio e o estabelecimento de ensino (os espaços e os materiais), são determinantes nas situações, tendo como objectivo neste estudo procurar saber se estes factores são decisivos na Educação Física e se influenciam na aprendizagem.

3.6.1 A educação como “acção de educar”

O Dicionário *da Língua Portuguesa* nos dá para o vocábulo "educação", ao referir que significa "acção e efeito de educar". A distinção entre as duas acepções é fundamental e resolve-nos já um primeiro problema.

Por educação como "acção" entendemos o *acto ou a actividade de educar*, regulado(a) por uma tecnologia pedagógica e tendente a produzir nas pessoas efeitos educacionais. Por educação como "efeito" entendemos as *consequências ou resultados do educar* se o primeiro era um "fazer", o segundo é um "facto", isto é, um ente ou um fenómeno pertencente à realidade objectiva, ao mundo das coisas existentes.

3.6.2 As definições de educação

Segundo Mialaret (1980), é difícil encontrar para a palavra educação o conjunto das suas significações e para tentar apresentar uma definição. Isto deve-se em parte ao facto de a palavra e as realidades às quais corresponde terem uma comprida história e de as diferentes situações terem aumentado, modificado, transformado, alargado o que, no início, podia parecer simples, e que já não é actualmente.

Para Cabanas (2002), as definições de educação podem-se dividir em dois grupos: as definições materiais ou reais e as definições formais.

Definição real às que cumprem com o requisito de indicar o que pela educação se está a fazer com a pessoa e em que sentido se pretende orientá-la.

Ainda o mesmo autor apresenta algumas definições sobre educação mas nas palavras de outros autores, por isso, é possível ler:

Nas palavras de Platão (s/d), educação é "a formação que desde a infância exercita o Homem na virtude e lhe inspira o vivo desejo de chegar a ser um cidadão perfeito capaz de governar e de ser governado de acordo com a recta justiça".

Para Kant (s/d), a educação propriamente humana, que ele denomina de educação prática ou moral, "é a educação da personalidade, a educação de um ser que trabalha livremente, que se basta a si próprio e que é um membro da sociedade".

Definições *formais* entendem as que aludem ao processo esquemático da educação, à sua estrutura genérica, mas sem especificar no que consiste, programaticamente, a actividade concreta de educar.

Para W. Flitner (s/d) a educação é o "processo de crescimento e maturação dos jovens dentro de certas etapas nas quais os adultos protegem e fomentam o processo mencionado".

Nas palavras de H. Spencer (s/d), "o objectivo da educação deve ser adquirir, na maior medida possível, os conhecimentos que ajudem, com mais eficácia, a desenvolver a vida individual e social sob todos os seus aspectos, limitando-se a eliminar aqueles que concorram menos eficazmente para este desenvolvimento.

Segundo Dewey (s/d), a educação é "uma constante reorganização ou reconstrução da experiência".

3.6.3 O acto Educativo

De acordo com Cabanas (2002), o acto educativo é o exercício concreto da educação. É, por conseguinte, a confluência da actuação do educador com

a reacção do educando, tendo como consequência o acesso deste a um nível de maior perfeição pessoal.

Mas se tudo isto é simples na esquematização formal, torna-se complicado na concretização para se conseguir o resultado pretendido sem desrespeitar a natureza do educando. Começam aqui mesmo as dúvidas angustiantes: Quais são as condições para que se produza a reacção do educando? Que capacidade tem este para reagir adequadamente? Qual é o modelo de perfeição dos diferentes indivíduos? E como terá de ser a acção do educador que supostamente terá de respeitar a liberdade do educando? E será que terá de respeitá-la sempre, em todos os casos? Poderíamos continuar com uma interminável série de perguntas como estas, cada uma mais grave, mais inevitável e, ao mesmo tempo, mais ambígua.

Para explicar o processo educativo o recurso à figura torna-se mais fácil e ajuda-nos a entender melhor. Nele se exprime que a educação é um processo (ou sùmula de actos educativos encadeados) de aperfeiçoamento (daí que o vector indique um movimento ascendente), no qual se trata de fazer com que um sujeito aceda a níveis superiores na sua existência.

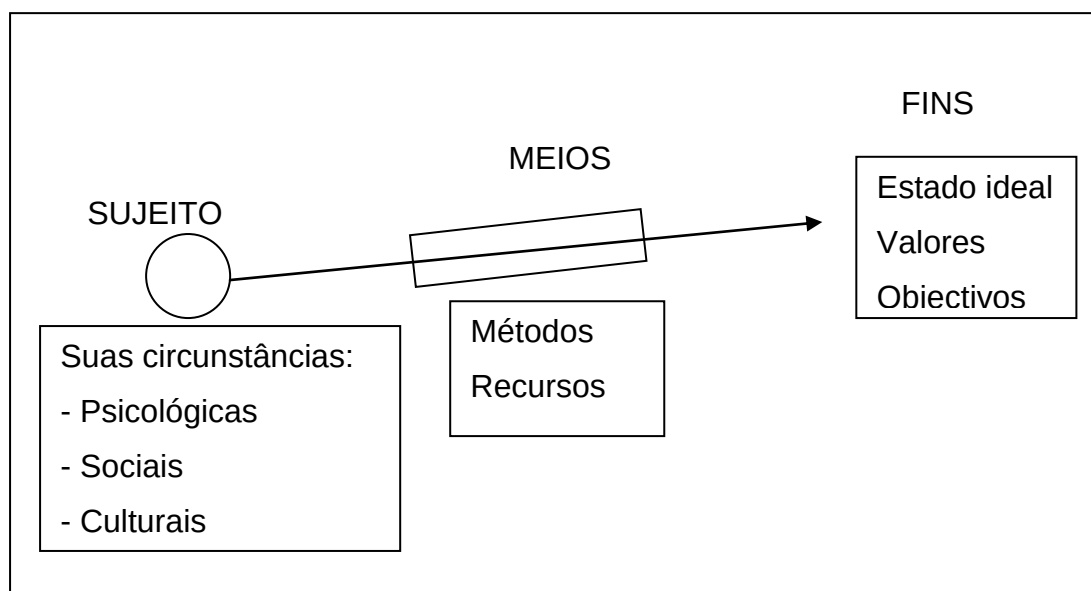


Figura 2 – processo educativo (Cabanas, J. (2002)).

O parâmetro determinante do processo é a meta para que aponta o processo, são os “*fins*” da educação, os quais, correspondendo a um estado ideal desejado, a alguns valores pretendidos, se especificam em alguns objectivos da educação.

Necessitamos, portanto, de um conhecimento exacto do “*sujeito*” educando: a sua possibilidade e necessidade de ser educado, assim como a facilidade ou a dificuldade que a isso oferecerá e as limitações que apresentará. Esta informação sobre o sujeito (as suas circunstâncias pessoais de tipo psicológico, social e cultural) é também determinante do processo, para que saibamos o que podemos fazer com ele e, também, o que devemos fazer com ele: os fins educacionais (não fins “educativos”, como geralmente se diz) são função não apenas de exigências objectivas (ideais e sociais), mas também da natureza do sujeito, pois desta depende também o que esperamos dele e o que nos proporemos fazer com ele (Cabanas, J. (2002)).

3.6.4 Os quatro pilares da Educação

Para perceber melhor todo o processo de educação, visto que é uma bagagem cada vez mais difícil e é necessário estar à altura desde o início da vida até ao seu fim, pretendo através dos quatro pilares da educação aprofundar melhor esse conhecimento. Poderia apenas falar só de duas mas o indivíduo para se desenvolver necessita das quatro porque eles juntos constituem um, devido aos vários pontos que têm em comum.

Segundo Jacques Delors (2001, p. 77), “...A educação deve transmitir, de facto, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro.”

Ainda o mesmo autor (Delors, 2001) diz, que a educação, ao longo de toda a vida, deve instituir-se sobre quatro aprendizagens essenciais, que se baseia de alguma forma para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. O ensino debruça-se com especial atenção para o aprender a conhecer e

para o aprender a fazer. Estes quatro pilares do saber formam apenas um, visto que existem entre eles vários pontos comuns, de relacionamento e de transposição.

Aprender a conhecer, é a capacidade de conseguir os conhecimentos da compreensão, mas antes de mais, é preciso aprender a aprender, de forma a exercitar a atenção, a memória e o pensamento. Desde de muito cedo a criança deve prestar atenção a tudo, por exemplo, às coisas e às pessoas. A memória deve ser treinada desde a infância e não se deve anular da prática escolar exercícios tradicionais, considerados aborrecidos. O pensamento é iniciado pelos pais e só depois pelos professores, este deve combinar dois métodos, que muitas vezes, são anunciados como antagónicos: o método dedutivo e o indutivo. O processo de aprendizagem do conhecimento nunca é considerado como acabado, pelo contrário, está sempre a desenvolver-se.

Aprender a fazer, é a capacidade do indivíduo poder agir sobre o meio envolvente, não exclusivamente, uma qualificação profissional mas, numa forma mais larga, competências que tornem a pessoa apropriada a enfrentar imensas situações e a trabalhar em equipa. Mas também, aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.

tem como principal objectivo, participar e cooperar com os outros em todas as actividades humanas e hoje em dia é um dos maiores desafios da educação. É importante salientar e de exaltar a ideia de não ensinar a violência na escola, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências. Organizar e realizar projectos comuns e preparar-se para gerir conflitos, no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Aprender a ser, é o caminho principal que integra as três anteriores. A educação tem de contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, para melhor desenvolver a sua personalidade, elaborar pensamentos autónomos e críticos, estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia,

de discernimento e de responsabilidade pessoal. É importante que cada indivíduo consiga dar significado a todas as capacidades da educação: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar.

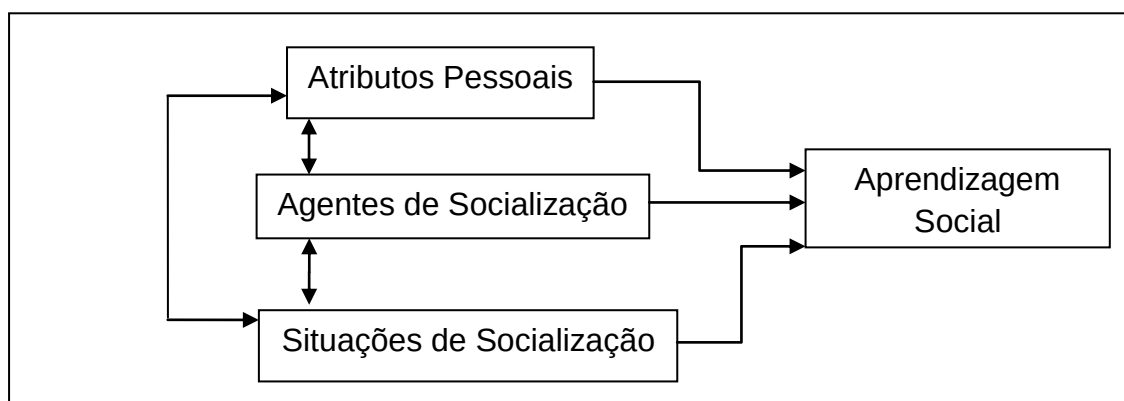
3.6.5 Influências da socialização e a dinamização da participação em actividade físicas/desportivas

A socialização é um processo social imprescindível que afecta todos, ensina a forma de “criar” membros activos e participantes da sociedade. Torna-se pois imprescindível à sobrevivência de qualquer sociedade ou grupo social dado que, é através dele que o indivíduo pode ficar culturalmente competente (Greendorfer, 1992).

Como diz Duarte (1991), a socialização desportiva realiza-se, em grande parte, durante as idades mais baixas como a infância e a adolescência, e os principais geradores da socialização são a Escola, a família e os amigos.

Este sistema de socialização efectua-se num jogo de recompensa/punição através do qual se aprende o que é considerado certo ou errado (bom ou mau) e, pelo qual se desenvolve um determinado sistema de valores. Aprende-se como seguir as regras e as expectativas da sociedade, uma vez que o indivíduo passa a integrá-la, dentro da estrutura e ordem social existente (Greendorfer, 1992).

A aprendizagem social está dependente de três variáveis: atributos pessoais, agentes de socialização e situações de socialização (quadro 1). Os atributos pessoais dizem respeito às características psicológicas, físicas e cognitivas do indivíduo. As situações de socialização definem-se pelas oportunidades nas quais a aprendizagem social é feita (Greendorfer, 1992).



Quadro 1 – Variáveis que se relacionam com a aprendizagem social
(adoptado de Greendorfer, 1992)

De acordo com Duarte (1991 a), a estrutura social, as etapas de socialização e os agentes de socialização, são elementos relevantes, para a compreensão do processo de aprendizagem social:

1. A posição que o indivíduo ocupa no seio da estrutura social, contribui para determinar os aspectos da cultura a que esse indivíduo tem acesso. A estrutura social na qual determinado indivíduo se situa, é determinante, relativamente ao seu rendimento desportivo. Isto significa que a idade, o sexo, o meio social, o nível de estudos associados à actividade profissional e ao estrato sócio - económico, determinam, em certa medida, a sua participação nas actividades físicas e desportivas.

2. Embora o processo de aprendizagem seja um processo contínuo, diversos autores fazem referência a três etapas fundamentais, perfeitamente caracterizadas, a considerar neste processo: a infância, a adolescência e a idade adulta. Referindo-nos, particularmente à prática desportiva, tem sido largamente estudado e comprovado que, as duas primeiras etapas se revestem de capital importância neste sector específico da aprendizagem.

3. Entre os principais agentes de socialização, intervenientes em qualquer processo de aprendizagem social, são de referir os grupos primários como a família, a escola ou o clube, os amigos e, igualmente, os meios de comunicação social como a televisão, o rádio ou os jornais. Geralmente, é reconhecido que na socialização desportiva intervêm fundamentalmente, a

escola, a família e os amigos, sendo de referir que outros agentes como os clubes, as associações de carácter recreativo e o envolvimento profissional, exercem igualmente funções de agentes de socialização (Duarte, 1991 a; Wold e Anderssen, 1992; Henry e tal., 1988, cit. por Brettschneider, 1990; Mrazek e Schafer, 1988, cit. por Brettschneider, 1990).

A investigação tem sugerido que a influência social está positivamente ligada ao envolvimento no exercício. A influência social é “ de uma forma ou de outra pressão, real ou imaginária, capaz de modificar o comportamento do indivíduo, atitudes ou crenças (Alcock e tal., 1991, cit. por Carron e tal., 1996). Como Baron e Byne (1991) citados por Carron e tal. (1996) Salientaram, percepção, atitudes e acções são fortemente influenciadas por outras pessoas, ou individualmente ou colectivamente. Abreviando, o nosso comportamento e pensamentos são muito diferentes do que seriam se vivêssemos no isolamento total (Carron et al, 1996).

A família é, sem dúvida, uma das instituições tradicionais de educação, surgindo como um forte agente de socialização durante a infância, embora na adolescência pareça diminuir. Neste último sector os professores e treinadores parecem oferecer um maior contributo (Greendorfer, 1977).

De acordo com Brettschneider (1990), os adolescentes de estratos sociais mais elevados são fisicamente mais activos do que aqueles de estratos sociais mais baixos.

3.6.6 Mudanças sociais e mudanças na Educação

Segundo Esteve (2001), nos últimos vinte anos, as transformações sociais, políticas e económicas foram tão acentuadas que quando se fala sobre a sociedade desse tempo, verifica-se que os pontos de contacto com a realidade actual são muito ténues. A situação é idêntica em relação ao sistema educativo.

A simples constatação destas mudanças basta para justificar as tentativas de reforma do ensino recentemente levadas a cabo em todos os países europeus. Mas estas reformas surgem num momento de desencanto,

sendo olhadas com grande cepticismo: a sociedade parece que deixou de acreditar na educação como promessa de um futuro melhor; os professores enfrentam a sua profissão com uma atitude de desilusão e de renúncia, que se foi desenvolvendo em paralelo com a degradação da sua imagem social.

Não obstante, as atitudes dos professores e da sociedade são fundamentais para realizar as reformas que se projectam. Na atitude dos professores perante as reformas e no apoio da sociedade está a chave para as levar a bom termo. Sem o seu incondicional apoio não passarão do terreno das disposições legais ao terreno da realidade: o trabalho quotidiano nas salas de aula.

E interessante reflectir no modo como os sistemas educativos europeus se transformaram nos últimos anos, perdendo-se tão acentuadamente a imagem social do ensino e dos professores. Os elementos mais significativos são a escolarização plena das crianças em idade escolar e os níveis cada vez mais alargados de frequência do ensino secundário (Esteve, 1988, 1989).

Ensinar hoje é diferente do que alguns anos atrás. Fundamentalmente, porque não tem a mesma dificuldade trabalhar com um grupo de crianças homogeneizadas pela selecção ou enquadrar a cem por cento as crianças de um país, com os cem por cento de problemas sociais que essas crianças levam consigo. Daí o desencanto que atinge muitos professores, que não souberam redefinir o seu papel perante esta nova situação.

Como caracterizar a mudança qualitativa que se operou no trabalho docente, originando novas dificuldades?

Alvin Toffler (1972) define "o choque do futuro" como um resultado da mudança social rápida, cuja principal consequência é o desajustamento do indivíduo, quando perde as referências culturais conhecidas. Todos nós sofremos estes choques culturais, por exemplo, quando viajamos para um país estrangeiro: a língua distorce a nossa comunicação; a comida é diferente; os horários e hábitos de vida obrigam-nos a mudar os nossos costumes. Mas, para estes casos, resta-nos o consolo psicológico de que ao regressarmos para o país natal, nos espera todo o nosso envolvimento cultural.

A aceleração da mudança social leva a que um número crescente de indivíduos, sem se mudarem do bairro em que sempre viveram, experimentem o mesmo desajustamento ao descobrir que as coisas não funcionam como antes, que o seu mundo foi substituído por outro, em que não sabem muito bem como situar-se. E isto sem nenhuma possibilidade de retorno à antiga paisagem social, que dominavam e conheciam.

Este mesmo sentimento de desencanto afecta hoje muitos professores, quando comparam á situação do ensino há alguns anos atrás com a realidade quotidiana das escolas em que trabalham. O sentimento de insegurança está na origem do cepticismo e da recusa dos professores em relação às novas políticas de reforma educativa.

O professor novato sente-se desarmado e desajustado ao constatar que a prática real do ensino não corresponde aos esquemas ideais em que obteve a sua formação; sobretudo, tendo em conta que os professores mais experientes, valendo-se da sua antiguidade, os irão presentear com os piores grupos, os piores horários, os piores alunos e as piores condições de trabalho.

Veenman (1984) utiliza o conceito de "choque com a realidade" para descrever esta ruptura da imagem ideal do ensino: "o colapso das ideias missionárias forjadas durante a formação de professores, em virtude da dura realidade da vida quotidiana na sala de aula".

3.7 Os factores que determinam as situações de educação

Conforme diz Mialaret (1980), durante as últimas décadas desenvolveram-se imensos trabalhos de especialistas que se interessaram pela educação – instituição. As correntes sociológicas foram ao encontro dos esforços feitos por organismos tais como a UNESCO, entre outros para tentar desenvolver a educação no mundo. Daqui deriva a evidência, não apenas da complexidade dos problemas, mas dos diferentes níveis de análise e da influência dos numerosos factores que entram em jogo.

Em relação a estes mesmos factores empregaram fazer uma enumeração (que não tenha qualquer pretensão de exaustividade) e mostrar em que têm uma influência sobre as relações de educação.

Ainda o mesmo autor (Mialaret, 1980, p. 31) defende que a situação de educação está, em certa medida, no centro de uma série de coberturas ocultas que a determinam de uma forma mais ou menos coerciva e isto a níveis mais ou menos específicos. “Assim a situação da educação e as relações mestre – aluno, não passam do produto último que só pode ser correctamente analisado e compreendido em relação a este conjunto de forças que o determinam.”

Para simplificar a exposição, analisaremos a figura 3:

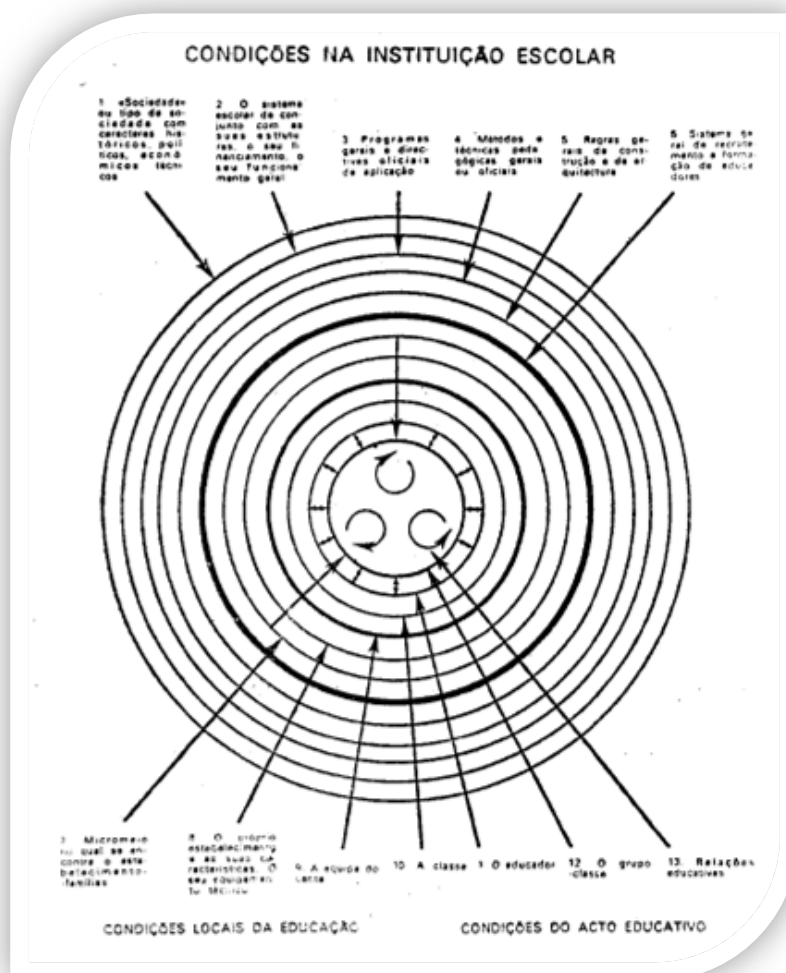


Figura 3 - Distinção dos três grupos de factores (Mialaret, 1980).

3.7.1 Os três grupos de factores, para Mialaret (1980), são:

a) As condições gerais da educação – instituição escolar:

- 1- Sociedade ou tipo de sociedade com caracteres históricos, políticos, económicos e técnicos.
- 2- O sistema escolar de conjunto com as suas estruturas o seu financiamento. O seu funcionamento geral.
- 3- Programas gerais directivos oficiais de aplicação.
- 4- Métodos e técnicas pedagógicas gerais ou oficiais.
- 5- Regras gerais de construção e de arquitectura.
- 6- Sistema geral de recrutamento e formação de educadores.

b) As condições locais das situações de educação:

- 7- Micromeio no qual se encontra o estabelecimento e famílias.
- 8- O próprio estabelecimento e as suas características. O seu equipamento técnico.
- 9- A equipa docente.

c) As condições do acto educativo:

- 10-A classe.
- 11-O educador.
- 12-O grupo de classe.
- 13-Relações educativas.

1. Cada sociedade tem a sua própria história e outros aspectos que a caracterizam. As relações de educação alteraram-se por alguns motivos, um deles foi devido à evolução técnica da sociedade e por causa deste, surgiram outros factores, como por exemplo, o estatuto social do educador não é o mesmo em todas as sociedades. Nas sociedades onde o estatuto social, económico, cultural do educador é muito elevado as relações mestre – alunos não terão a mesma coloração que nas situações em que o mestre, se encontra em posição de inferioridade em relação aos que ele deve educar. Os pais e os

alunos criam uma imagem do educador e do seu papel, que resulta dos factores que actuam sobre as situações de educação.

2. Cada sociedade tem o seu sistema, com as suas estruturas, as suas regras administrativas, etc. Não podemos ignorar estes elementos porque todos têm consequências directas sobre as situações de educação.

3. Os programas definem o tipo de conteúdo do ensino a leccionar ou a educação a desenvolver. Estes programas, segundo a sua adaptação ao nível dos alunos e à experiência das crianças, são também elementos que vão determinar em parte as situações de educação.

4. A sociedade aceita ou encoraja métodos que têm por objectivo a expansão da criança, em vários aspectos: o desenvolvimento da sua autonomia, de valores, de obediência, de respeito da hierarquia. Cada sociedade tem o seu objectivo de educação, por exemplo, sujeitos disciplinados ou o desenvolvimento do indivíduo, e para o alcançar utilizam métodos diferentes, por exemplo, autoritários ou o trabalho em equipa.

5. As situações de educação projectam-se normalmente num edifício, por isso, deve-se dar importância aos aspectos da arquitectura escolar e das suas consequências sobre as condições do seu desenvolvimento. A construção escolar tem uma enorme importância sobre os tipos de situações de educação que poderão desenvolver-se, por exemplo, hoje em dia uma escola é construída por salas rectangulares separadas por um corredor mas se visitarmos países diferentes damos conta da influência da arquitectura sobre a vida escolar e é evidente que os métodos pedagógicos são diferentes.

6. O nível em que os mestres são apurados e formados, as imagens que deles terão os alunos serão diferentes. O tipo de formação eleita para a preparação dos educadores terá também duras consequências sobre o estilo das relações humanas adoptado pelos educadores.

De acordo com Mialaret, (1980), todas as condições gerais discutidas anteriormente localizam-se à escala de um país ou de uma região, trata-se de influencias globais que se concretizarão numa situação local.

De uma forma mais particular, nesta parte, vou debruçar-me mais sobre o micromeio e o estabelecimento de ensino, referindo também outros autores, para ir de encontro ao objectivo deste estudo, que é procurar saber se estes dois factores são decisivos na E.F. e se influenciam na aprendizagem.

7. O *micromeio*: O estabelecimento de ensino ou as instalações de ensino também se encontram e é neste local onde se desenvolverão as situações de educação. Existem condições particulares, como o meio social, os meios familiares que darão à acção educativa os seus traços particulares, (Mialaret, (1980).

No meio social podemos distinguir a diferença entre aldeia e cidade, que segundo o dicionário Editora da Língua Portuguesa de 2010, as definições são:

- Aldeia é um pequena localidade, geralmente com poucos habitantes e de organização mais simples que uma vila ou cidade, sem autonomia administrativa; povoação rural; meio rural; campo.

- Cidade é um meio geográfico e social caracterizado por uma forte concentração populacional que cria uma rede orgânica de troca de serviços (administrativos, comerciais, profissionais, educacionais e culturais); metrópole tipo de vida e de hábitos socioculturais do meio urbano, por oposição ao campo, conjunto de habitantes daquele meio.

Segundo Mialaret (1980), ainda podemos falar dos meios familiares, que em relação a estes pode-se destacar o tipo de estrutura, o nível socioeconómico e sociocultural, dimensões da família. Estes aspectos darão à acção educativa os seus caracteres particulares, por exemplo, numa escola de aldeia as relações que o professor tem com as crianças e pais não têm nada a ver com as escolas da cidade. Quanto menor for a província ou o próprio liceu, o professor pode conhecer as famílias, seguir as crianças, enquanto isto é praticamente impossível num dos grandes liceus da nossa capital, por exemplo, na cidade do Porto. O conhecimento, pelo educador, do meio

ambiente favorece a criação de ricas relações com os alunos e a intensidade das trocas é uma das variáveis da situação de educação.

Para Greendorfer (1992, p. 209), “a prática desportiva dos jovens é fortemente determinada pela influência da família”. Este mesmo autor sugere que o jovem pode ter sido influenciado durante a infância pelo facto de, pelo menos, um dos pais estar envolvido activamente na prática desportiva, durante essa fase da vida do filho.

Segundo Mota (1997), a família também é, sem dúvida, uma das instituições tradicionais da educação, emergindo como um forte agente de socialização na infância, apesar que na adolescência a sua influência pareça diminuir. Todavia, existem outros agentes de socialização que influenciam a tomada de decisão.

Ainda o mesmo autor (Mota, 1997), também diz, que a participação em actividades físicas parece ser significativamente pela presença ou ausência de ajuda familiar.

Para os autores Anderssen N. e Wold B. (1992), afirmam que as influências dos pais e amigos estão igualmente relacionadas positivamente com os níveis de prática desportiva e nenhuma das influências é mais forte do que outra. Estes dois autores estudiosos também afirmam que todo o ambiente imediato é factor de influência, seja o grupo de amigos, a família ou a comunidade.

Souto (2001) refere que o processo de socialização, expresso na inter-relação do sujeito com a cultura, é marcado, por um lado, pela acomodação do primeiro por influência dos agentes de socialização e, por outro lado, pelo contributo pessoal, inovador e desejável do socializando para enriquecimento ou actualização da acultura acumulada.

Ainda o mesmo autor (Souto, 2001) diz que o apoio dos pais à prática desportiva dos seus filhos parece resultar muito da consciência que têm sobre os benefícios educativos, quando a orientação do processo de ensino.

Segundo Ramalde (2008) a Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, está localizada em Ramalde, por isso, é possível dizer que nesta freguesia do Ramalde, existe uma dúzia de bairros de habitação social aos

quais se associam um tipo de habitação privada mas degradada, as “ilhas”. A par desta realidade surge uma outra completamente oposta constituída por áreas residenciais de luxo que se situam nos limites da mesma.

Ainda o mesmo autor (Ramalde, 2008), os contrastes socioeconómicos reflectem fortes assimetrias na qualidade de vida da população residente neste espaço. A habitação social marca profundamente a ocupação na freguesia de Ramalde.

A E/S de Fontes Pereira de Melo, localizada na freguesia de Ramalde, é frequentada por uma população escolar oriunda de diversos meios socioeconómicos. Apesar de estar rodeada de edifícios de construção de luxo os alunos que a frequentam não reflectem o estrato social que habita esses edifícios. Efectivamente, a maioria dos discentes são provenientes de classes socioeconómicas médio-baixas, pertencentes a famílias carenciadas residentes nos bairros de iniciativa camarária que se localizam por trás dos prédios que rodeiam a escola.

Na E/S Fontes Pereira de Melo, cerca de 38% da população vive em bairros de habitação social. Os mesmos foram concebidos sobretudo como espaços habitacionais, e não como conjuntos residenciais. Este modelo habitacional não contemplou como prioritária a integração sócio-espacial da população. Estes factos constituem um factor preponderante na génese das situações de exclusão social e marginalidade. Entre os grupos mais afectados encontram-se as crianças e jovens e os idosos.

A escola constrói, não é apenas a única instituição social onde todas as crianças e jovens se juntam, mas também o único local onde podem e devem ser apreciadas experiências e competências em todas as parcelas da paisagem desportiva. (Bento, 1991)

8. Constrói-se o *estabelecimento de ensino* dentro deste micromeio e com todas as suas características arquitecturais e pedagógicas, as suas vantagens e desvantagens. Ele permitirá ou não criar uma vida colectiva, uma vida de encontros, de discussões de cooperação ou isolará cada grupo tornando-os independentes uns dos outros. As Escolas possuem determinadas

arquitecturas mas nem todas são iguais. Em algumas Escolas os corpos de edifícios permita um encontro e uma dispersão fáceis, enquanto noutros estabelecimentos a disposição dos locais tornava obrigatórias regras estritas de disciplina e culminava com uma tensão que se produzia por uma inverosímil desordem nas horas de entrada, de saída, de mudanças de classe (Mialaret, 1980).

O Programa Nacional de Educação Física diz-nos que, "...os espaços sejam, de facto, polivalentes, isto é, que admitam a possibilidade de se realizarem actividades de aprendizagem de todas as áreas ou sub-áreas (mesmo que não seja nas situações formais), de maneira a que o professor possa optar pela selecção de matérias e modos de prática em cada ciclo de trabalho e no conjunto do ano lectivo. Evidentemente, certas instalações deverão oferecer melhores condições para o tratamento de determinadas matérias, o que deve ser considerado ao nível do grupo de professores de Educação Física no sistema de rotação das instalações (roulement), aplicando-se os critérios mais convenientes de circulação das turmas pelos espaços"...a caracterização das instalações permite avaliar as possibilidades e limitações dos equipamentos e espaços de aula, identificando as matérias e os modos de tratamento possíveis em cada um deles (PNEF, 2001, p.23).

Segundo Ramalde (2008), à semelhança da cidade do Porto, a freguesia de Ramalde apresenta uma acentuada tendência para o envelhecimento da sua população. Um dos maiores problemas que afectam esta freguesia é justamente a escassez de equipamentos e serviços direccionados sobretudo para a infância (principalmente creches) e para a população idosa.

Instalações Desportivas

Segundo o decreto-lei nº 317/1997 de 25 de Novembro, as instalações desportivas caracterizam-se, "...Espaço de acesso público organizada para a prática de actividades desportivas, podendo ser construído por um espaço natural adoptado ou por espaço edificado, incluindo áreas de serviços, anexos e complementares."

Como refere Cunha (2007, p. 27), “a função fundamental da instalação desportiva é a de oferecer de uma forma cuidada a possibilidade de realização de uma prática desportiva num determinado local.”

Cunha (2007, p. 120) diz que, “Aceder às instalações desportivas é viver o Desporto. É esta possibilidade de aceder fácil e confortavelmente que está nas motivações mais profundas dos cidadãos. Na prática desportiva, ao viver com o seu corpo, a sua motricidade e convivialidade social, o cidadão expressa desportivamente a sua urbanidade e a de um povo de que é representante individual, que corresponde à expressão máxima de civilização e do seu capital cultural.”

9. A *equipa docente* é constituída por um conjunto de educadores que se empenham e dão tudo por tudo, no que diz respeito à educação. Os educadores reunidos formam uma esfera ou uma atmosfera psicológica do estabelecimento, que unida é um dos elementos positivos das diferentes situações. Desunida, tem uma influência nefasta sobre os alunos e cada educador ressentido mal-estar geral nas diferentes situações de educação em que participa. Uma equipa tem elementos importantes para instaurar entre os alunos e turmas uma fecunda cooperação, por exemplo, a competência geral, a repartição equilibrada das aptidões, a colaboração dos educadores entre si (Mialaret, 1980).

Segundo Esteve (1987), os professores enfrentam circunstâncias de mudança que os obrigam a fazer mal o seu trabalho, tendo de suportar a crítica generalizada, que, sem analisar essas circunstâncias, os considera como responsáveis imediatos pelas falhas do sistema de ensino. A expressão **mal-estar** docente é um conjunto de reacções dos professores como grupo profissional desajustado devido à mudança social. O estudo do mal-estar docente como efeito da mudança social não deve entender-se como um exercício de auto-complacência face aos males do ensino. Tem três funções bem precisas:

i. A de ajudar os professores a eliminar o desajustamento. Se as circunstâncias mudaram, obrigando-os a repensar o seu papel como

professores, uma análise precisa da situação em que se encontram ajuda, sem dúvida, a dar respostas mais adequadas às novas interrogações. Provavelmente, muitas questões são de difícil solução no âmbito da actuação individual de um professor isolado, mas, mesmo neste plano, um conhecimento mais exacto do problema pode contribuir para evitar o desajustamento.

ii. O estudo da influência da mudança social sobre a função docente pode servir como chamada de atenção à sociedade, para que compreenda as novas dificuldades com que se debatem os professores. Um elemento importante no desencadear do mal-estar docente é a falta de apoio, as críticas e a demissão da sociedade em relação às tarefas educativas, tentando fazer do professor o único responsável pelos problemas do ensino, quando estes são problemas sociais que requerem soluções sociais.

iii. Só a partir do estudo do modo como a mudança social gera o mal-estar docente, é possível traçar linhas de intervenção que superem o domínio das sugestões, situando-se num plano de acção coerente, com vista à melhoria das condições em que os professores desenvolvem o seu trabalho. Para isso, é preciso actuar, simultaneamente, em várias frentes: formação inicial, formação contínua, material de apoio, relação "responsabilidades – horário de trabalho – salário".

Há diversos indicadores que referem um abaixamento da qualidade do ensino. O avanço contínuo das ciências e a necessidade de integrar novos conteúdos impõem uma dinâmica de renovação permanente, em que os professores têm de aceitar mudanças profundas na concepção e no desempenho da sua profissão. É preciso evitar o desajustamento e a desmoralização do professorado, bem como o crescente mal-estar docente, pois um ensino de qualidade torna-se cada vez mais imprescindível.

O conhecido autor alemão Wolfgang Mitter (1985) refere-se à existência, a nível internacional, de uma "fase de desencanto", caracterizada nomeadamente por uma subvalorização da formação de professores.

Para finalizar, Mialaret, (1980), diz que em **relação às condições da relação educativa** existem os seguintes factores:

10. *“O local, ou classe, ou a sala de aula, ou anfiteatro, ou o ginásio...”*

Estes são os locais onde se vão estabelecer as relações de uma situação de educação. Os locais têm imensas características, por exemplo, a sua sonoridade, a sua luminosidade, o seu mobiliário, etc., e consoante esses aspectos poderá ou não desenvolver-se este ou aquele tipo de actividade e de acções educativas.

11. *O educador* é um dos elementos fundamentais da situação de educação.

Cada educador tem as suas próprias características, como: a sua personalidade, a sua formação geral, a sua cultura, as suas competências pedagógica. Todos estes factores têm uma enorme importância na situação de educação, mesmo se os métodos e técnicas científicos não permitem actualmente avaliar, de uma forma mais eficaz, as variáveis científicas que interpretam. O educador encontra-se envolvido num “grupo de classe”, que é formado por indivíduos e cada um tem a sua própria personalidade, maneira de ser, hábitos, etc.

12. Também, todos os educadores sabem que cada “grupo –classe” tem a sua marca, que se distinguem dos outros, não sendo, nenhum dos grupos iguais. Com isso, é certo que um educador nunca estabelece as mesmas relações com outros grupos diferentes.

13. É errado dizer que o estudo das situações de educação só se pode centrar neste último nível que é as relações educativas.

4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

4. Realização da prática profissional

A realização do Estágio Profissional tem como objectivo integrar o estudante na vida profissional de uma forma gradual e orientada, através da prática de ensino supervisionada em contexto real. Com intuito de desenvolver competências profissionais que fomentem nos futuros professores um papel crítico e reflexivo, que seja capaz de ajudar a enfrentar os problemas que ocorrerão no dia-a-dia.

Segundo o Decreto-lei nº 240/2001 de 17 de Agosto, as competências profissionais, associadas a um ensino da Educação Física e Desporto de qualidade, remetem ao Perfil Geral de Desempenho do Educador e do Professor, que está organizado com as seguintes áreas de desempenho:

Área 1 - Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem;

- Concepção;
- Planeamento;
- Realização;
- Avaliação;

Área 2 - Participação na Escola;

Área 3 - Relação com a comunidade;

Área 4 - Desenvolvimento profissional.

Em cada uma destas áreas o estudante - estagiário tem de desenvolver inúmeras tarefas. Durante o ano lectivo 2009/2010 as tarefas correspondentes a cada área de desempenho estiveram sempre presentes na minha formação e delas surgiram as diversas actividades a desempenhar, os problemas, as dificuldades, as estratégias e questões pertinentes que merecem ser reflectidas, entre outros assuntos. Por isso, passo a descrever essas situações mais pertinentes de todo o processo de formação.

4.1 Área 1 - Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

“A questão central do planeamento, da preparação, da realização e avaliação do ensino pelo professor reside na concentração no essencial.”

(Hunneshagen/Leutert, 1984, cit. por Bento, 2003, p.27)

Esta área assumiu grande importância ao longo do processo de Ensino e de Aprendizagem, pois a ela estiveram ligadas as tarefas centrais da profissão de professor, particularmente a concepção, o planeamento, a realização e a avaliação do ensino.

Deste modo, ao professor, é exigido acima de tudo a capacidade de projectar a sua actividade de ensino no quadro de uma concepção pedagógica referenciada pelas condições gerais e locais do contexto educativo em que está inserido, pela especificidade da disciplina que lecciona e pelas características dos seus alunos.

Foi precisamente com este intuito que tais tarefas fossem efectuadas com eficiência e ajustadas à realidade escolar, as primeiras actividades do Estágio Profissional relacionaram-se com o conhecimento da escola, para tal realizei um estudo de caracterização da escola e, entre outras tarefas, estudei o regulamento interno da escola, o projecto educativo, programas e planeamento anual.

No dia 09/09/09, a coordenadora do agrupamento 620 de Educação Física enviou por correio electrónico, ao núcleo de estágio e à professora cooperante alguma documentação, por exemplo, planificação anual dos diversos anos, critérios de avaliação, composição curricular, programas curriculares, com o objectivo de nós lermos para sugerir alterações ou sugestões.

4.1.1 Conceção

“Aquele que quiser ser um pedagogo, um verdadeiro educador tem que estar convencido de que também necessita de educação permanente. Da sua capacidade de pensamento, do seu comportamento moral, da sua vontade, dos seus conhecimentos e do seu tacto pedagógico depende em elevado grau, a eficácia do seu trabalho. O trabalho constante e diário, de educação e formação de si mesmo constitui uma condição indispensável da vida de um pedagogo.”

(Bento, 1987)

Devido à minha maneira de ser, de estar, à minha personalidade, ao gosto pelo Desporto e Educação Física, e do consequente desejo de me tornar um professor competente e incutir esse mesmo gosto e hábitos de prática desportiva nas crianças e jovens com que iria lidar, sempre investi na minha formação, não só através das disciplinas leccionadas na Faculdade (FADE-UP), mas também participando em Acções de Formação, congressos e entrevistas procurando estar sempre atento ao conhecimento.

Sempre encarei a minha formação com muita honestidade e com muito empenho, o que me deu as “ferramentas” e o conhecimento necessário para encarar o Estágio Profissional com muita segurança.

No entanto, tinha presente que entre o conhecimento teórico e a sua aplicação prática a distância é enorme, e que por isso, as dificuldades iriam surgir naturalmente, exigindo desde logo uma preparação reflectida e sistematizada, no sentido de adequar esse conhecimento à realidade com que me iria deparar.

Nesse sentido, praticamente todas as tarefas integrantes desta área de desempenho, que havia projectado aquando da elaboração do Projecto de Formação Individual (PFI), foram cumpridas.

Bento (2003, p.7) refere que, *“Todo o projecto de planeamento deve encontrar o seu ponto de partida na concepção e conteúdos dos programas ou normas programática de ensino, nomeadamente na concepção de formação geral...”*

Para além de ter analisado alguns documentos de apoio das aulas de Didáctica do 3º e 4º ano (quer da parte teórica, quer das práticas) relativos a dados de investigações relacionados com o ensino, analisei minuciosamente e junto com os meus colegas de estágio e a professora cooperante, o Programa Nacional de Educação Física para o Ensino Secundário, o Programa para os Cursos Profissionais, Critérios de avaliação, o Regimento de Educação Física, que contêm algumas normas e regras importantes para os professores, alunos e funcionários, em relação aos espaços e materiais. Também tive a preocupação de ler atentamente todos os documentos facultados pela Coordenadora do Departamento de Educação Física e pela minha professora cooperante, de forma a entender à orgânica e dinâmica desta Instituição e conhecer as suas condições / limitações ao nível do seu funcionamento geral e, em particular, o que diz respeito a dinamização da disciplina de Educação Física.

Pretendia assim compreender um pouco melhor o funcionamento do ensino, quer a nível mais geral quer local, as finalidades, objectivos, conteúdos e indicações metodológicas da Educação Física, a sua composição curricular e articulação com as restantes matérias em cada ano, ao nível das competências longitudinais e transversais e a organização e dinâmica próprias da Escola onde iria exercer funções.

Sendo importantes os conhecimentos, capacidades, habilidades e crenças que o professor tem acerca do ensino, é necessário adequá-los às suas condições específicas e que, à luz de princípios pedagógicos e didáctico - metodológicos, o professor planeie de acordo com as indicações programáticas, mas sempre referenciado às condições pessoais, materiais, sociais e locais. É importante que o professor vá de encontro às características e necessidades dos seus alunos e do próprio meio em que se inserem, que conheça o contexto social e cultural da sua escola, os seus recursos e projectos, tirando partido destes conhecimentos no sentido de cativar “aqueles” alunos, “daquela” escola, que fica “naquela” cidade.

Dessa forma procedemos à recolha de informação junto da Câmara Municipal do Porto, da Junta de Freguesia do Ramalde, da Biblioteca da escola

e do site da escola, o que nos permitiu fazer uma caracterização da cidade, do meio envolvente à escola e do associativismo desportivo, cultural e ambiental. Procedemos ainda à caracterização da Escola e dos espaços desportivos, bem como o inventário de material de Educação Física existente na mesma.

Na primeira aula realizamos as respectivas apresentações, falamos dos critérios de avaliação, do programa e do regulamento para as aulas de Educação Física, na reflexão da aula nº1e 2 (15/09/09) referi, *“Foram explicados e desenvolvidos os seguintes temas: regras do Pavilhão; bem como as normas de funcionamento da disciplina; material obrigatório; material proibido; assiduidade e pontualidade; saco dos valores; desporto escolar; esclarecimentos da gripe A; critérios de avaliação e programa curricular”*. No segundo dia de aulas (22/09/09), entreguei aos meus alunos uma ficha de caracterização individual com o propósito de aceder a um conjunto de informações que considero fundamentais como a caracterização global da turma, para que melhor possa desenvolver a minha actividade, indo de encontro às necessidades, expectativas e preferências dos alunos.

4.1.2. Planeamento

“Planear pressupõe antecipar os acontecimentos futuros, não esperando a sua ocorrência para reagir.”

Sanches (cit. por Pires, 2000)

Bento (2003, p. 8) diz que *“...o planeamento significa uma reflexão pormenorizada acerca da direcção e do controlo do processo de ensino numa determinada disciplina, sendo pois evidente a relação estreita com a metodologia ou didáctica específica desta, bem como com os respectivos programas.”*

Com todo este conjunto de informações retiradas permitiu encarar a fase de planeamento com maior segurança e garantia de adequação à minha realidade específica.

Os planos anuais, as Unidades Didácticas (UD) e as aulas, foram elaborados, tendo por base o Modelo de Estrutura do Conhecimento (MEC) e J.Vickers (1990) e as orientações já anteriormente seguidas nas aulas de Didáctica. O MEC pretende mostrar como estruturar a matéria para servir de guião para o ensino, sendo aplicável a todos os desportos e actividades físicas. O MEC privilegia a qualidade das tarefas em detrimento da quantidade destas. O MEC é constituído por 8 módulos e 3 fases. As fases dividem-se em análise, módulos 1, 2, e 3, decisões, com os módulos 4, 5, 6, e 7, e aplicação com o módulo 8.

Em todos estes níveis de planeamento tivemos em conta os recursos, os objectivos adequados às necessidades e diversidade dos alunos, não só a nível psicomotor, mas também cognitivo e sócio - afectivo, os conteúdos de ensino, tarefas e estratégias adequadas à sua aprendizagem e ainda os momentos e formas de avaliação dos alunos. Bento (2003, p. 16), *“O planeamento constitui a esfera de decisão na qual o professor pré-determina quais os efeitos a alcançar no ensino e para quê são despendidos tempo e energias.”*

Ainda o mesmo autor (Bento, 2003, pp. 17-18) refere, *“Um instrumento de planificação funciona tanto melhor, como meio auxiliar de preparação do*

ensino, quanto mais se consiga guiar o comportamento de planificação e aquilo que é planificado.”

O planeamento anual e das UD foi um pouco diferente daquilo a que estávamos habituados na Faculdade, tendo exigido bastante mais trabalho e empenho, no entanto penso que são documentos essenciais que se constituem como um “farol” da prática pedagógica. Para cada turma o planeamento foi realizado com base no que tinha sido definido pelo Grupo de Educação Física e pelo Programa Nacional. Para Bento (2003, p.67), *“A elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objectivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano lectivo.”* Deste modo, algumas das actividades foram organizadas “por blocos”, ou seja, leccionação de um conjunto de aulas consecutivas da mesma modalidade, enquanto outras foram através da distribuição de vários conteúdos ao longo do ano, alternando-se a leccionação dos mesmos. Pois, esta forma de planeamento possibilita o contacto permanente dos alunos com as várias modalidades, podendo o professor ir, mais facilmente, ao encontro dos diversos e diferentes gostos dos alunos.

Segundo Magill (1998), a aprendizagem entre distribuída e maciça é semelhante, contudo parece existir mais ganhos no desempenho da forma distribuída em vez de maciça.

Na justificação do planeamento anual para a minha turma, *“Os dois tipos de aprendizagem adoptada para este ano lectivo são: aprendizagem distribuída (espaçamento longo entre as tentativas ou sessões da prática) e aprendizagem maciça (espaçamento curto entre as tentativas ou entre as sessões de prática), tendo em conta também o roulement das instalações. Nesta turma a aprendizagem vai-se efectuar das duas formas devido à conclusão dos módulos.”*

Apesar de estar perfeitamente consciente que, o professor tem de adoptar estratégias no sentido de motivar os seus alunos. Com o planeamento “por blocos”, se os alunos não gostam de certa modalidade, arriscamo-nos a

ter, à partida, alunos desmotivados durante um determinado número de aulas. Por outro lado, este tipo de planeamento, parece estar intimamente relacionado com a melhoria da prestação e isso, rapidamente, nos conduz para o treino. No entanto, temos que ter consciência que, os objectivos a perseguir na Escola são diferentes dos que se pretende alcançar no clube. Neste sentido, emerge a importância do planeamento alternado, na medida em que, os alunos poderão encontrar várias e diversas motivações, o que terá efeitos positivos no seu empenhamento, a melhoria das prestações não se constitui como principal preocupação, facilitando o alcance de objectivos sócio - motores. Na minha opinião, a organização dos conteúdos por “blocos” seria pertinente para as turmas de Desporto, neste caso para a turma do Rui (12ºB), uma vez que nestas está em causa a preparação dos alunos para a entrada nas faculdades de Desporto e de Educação Física ou para turmas em que a modalidade preferida coincidissem com a modalidade a seleccionar. No meu caso, a turma em causa é de um Curso Profissional de Mecatrónica e só têm noventa minutos por semana de Educação Física, uma das modalidades preferidas da turma coincidia com a modalidade a abordar, por isso, utilizei preferencialmente a distribuição alternada para evitar desmotivações e causar efeitos positivos na aprendizagem dos alunos.

A principal diferença residiu nos condicionalismos impostos pelo esquema de rotação dos espaços vigente na Escola. Um dos maiores “problemas” foi a não utilização do espaço exterior, devido às obras da escola. As aulas de cada Unidade Didáctica são espaçadas e distribuídas ao longo do ano, o que obriga a um maior esforço em termos de planeamento, algo a que não estávamos habituados.

Esta prática de ensino distribuída no tempo, apesar de ser na minha concepção mais vantajosa para os alunos, implicou também um grande esforço em termos de organização das matérias e dos conteúdos ao longo do ano, para que esta distribuição correspondesse não só às indicações constantes dos programas de Educação Física, mas também às condições materiais e espaciais e às necessidades dos alunos, quer ao nível individual quer da turma.

No entanto penso que esse esforço foi bem justificado, já que ao longo do ano, o plano anual serviu sempre como um guião, uma referência sempre presente. Permitiu que o processo decorresse de uma forma mais organizada, mais racional, mais sistematizada de forma a corresponder aos interesses dos alunos, ao seu enriquecimento motor e cognitivo, à necessidade de variação, de aprender e descobrir coisas novas e às condições materiais e espaciais. Foram previstas e abordadas algumas modalidades nomeadamente o Futebol, Ginástica, Raquetes, Dança, Actividade Física/Contextos de Saúde e Aptidão Física, abrangendo diferentes áreas de extensão da Educação Física, de forma a garantir o ecletismo da disciplina e promover o desenvolvimento multilateral das crianças e jovens.

Como diz Bento (2003, p.75), “ *As unidades temáticas ou didácticas, ou ainda de matéria, são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino aprendizagem.*”

Para além disso, a própria extensão e sequência dos conteúdos, o número de aulas de cada Unidade Didáctica está sujeita ao número de vezes que cada professor passa pelos espaços, determinado não só pela rotação, mas também pelo número de professores a leccionar em simultâneo em cada tempo lectivo. Mas penso que consegui evoluir bastante no planeamento das mesmas, pois no início do ano lectivo, apesar de ter em consideração a avaliação diagnóstica, as expectativas formuladas, por vezes eram demasiado elevadas. Com o decorrer do Estágio Profissional e com a ajuda da professora cooperante, consegui desenvolver competências que me permitiram a realização desta importante tarefa de planeamento com muito mais eficácia e adequação.

Após a realização das avaliações diagnóstico nas várias modalidades, e tendo também como referência o planeamento anual já realizado, procedi à elaboração das Unidades Didácticas tendo em consideração os 8 módulos previstos no MEC, constituídos por uma fase de análise, uma fase de decisões e uma fase de aplicação, segundo J.Vickers (1990).

Como cita Bento (2003), os planos de aula estruturam-se normalmente em três partes: preparatória, principal e final. No que concerne aos planos de aula, estes foram preparados sempre de uma forma cuidada e reflectida, estabelecendo os objectivos comportamentais pretendidos, bem como as componentes críticas de cada situação proposta. No entanto, sempre consciente e sensível para ajustá-los aos imprevistos que pudessem surgir nas aulas. De facto, foram várias as vezes que tive que alterar e reformular as situações, o que reflecte que nunca não entendi o plano de aula como algo de rígido e inalterável.

No início, a Professora Cooperante definiu conjuntamente connosco mas claramente com as ideias da professora, uma nova estrutura de plano de aula que nos causou algumas dificuldades, relacionadas essencialmente com a definição exacta dos objectivos comportamentais de cada situação, das suas componentes críticas e dos objectivos gerais. Mas como afirma Bento (2003, p.152), *“Existem numerosas propostas de esquema da aula, cada uma delas caracterizada, por uma variedade de constelações possíveis, mas sem que nenhuma possa afirmar a pretensão de validade universal.”* Como estávamos habituados a definir objectivos específicos e as palavras-chave ou critérios de êxito foi um pouco complicado integrar de imediato esta estrutura, mas após algumas conversas e trocas de ideias com a professora cooperante, com os colegas, e também após a primeira visita da orientadora, penso que as dúvidas ficaram esclarecidas, sendo que com o tempo, com a prática, foi-se tornando cada vez mais fácil e mais rápida a elaboração dos planos de aula.

Como refere Bento (2003), o plano de aula deve conter objectivos psicomotores, cognitivos e afectivos, porque é neles que assenta a diversidade e natureza dos objectivos de Educação Física. De realçar que em cada aula, para além dos objectivos no âmbito motor (H.M.) foram definidos objectivos de cultura desportiva (C.D.), psico-social (C.P.) e de desenvolvimento da condição física (C.F.). Ainda o mesmo autor (bento, 2003) diz que, os objectivos da E.F devem dirigir a acção do educador para um desenvolvimento sistemático da capacidade de rendimento corporal. As estratégias adoptadas para atingir estes objectivos foram especificadas no planeamento anual.

Uma preocupação constante em todas as aulas foi o desenvolvimento da Condição Física dos alunos com o intuito de contribuir para a elevação da Aptidão Física e do conhecimento relativo aos processos de elevação e manutenção da mesma, bem como para a promoção da saúde. Na justificação do planeamento anual referi “...nos três períodos escolares, vou realizar o módulo 16 (Aptidão Física) e para verificar se os alunos evoluem pretendo realizar os testes de aptidão física, em cada período, para poder comparar se a evolução deles vai ou não no caminho ideal de zona saudável...” Este trabalho foi sempre realizado na parte inicial da aula e também na parte fundamental, muitas vezes englobado no trabalho específico de cada modalidade. “A aula é realmente o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da acção do professor.” Bento (2003, p. 101)

4.1.3. Realização

“Como educadores devemos observar os jovens, para os conhecer, para saber os seus problemas, desejos, expectativas, capacidades, valores e os ajudarmos a “construírem-se” e a construir o mundo.”

(Dias e Ramos, 1997).

Ao longo deste ano lectivo, penso que consegui realizar a transição da teoria – planeamento, para a prática – realização, de forma harmoniosa e eficiente, embora consciente de que a realização comporta um conjunto de situações não previstas a que é necessário dar resposta. Assim, ao longo do ano lectivo, e à medida que fui ganhando confiança, penso que fui capaz de me adaptar às novas situações (não previstas) que iam ocorrendo no espaço de aula, de forma a poder conduzir o processo em direcção aos objectivos traçados. Por exemplo, na reflexão da aula nº 57 e 58 referi *“...A turma apresenta grandes dificuldades de coordenação, por isso, o tempo estabelecido para cada exercício não foi cumprido à regra mas foram todos realizados apenas no último dei menos tempo. Só avançava para o exercício seguinte quando a turma assimilava, o passo a exercitar.”* Isto significa a capacidade de adaptação do professor tendo em mente os objectivos a alcançar. Bento (2003) refere que, o professor na aula actua sobre os alunos na direcção dos objectivos, por meio dos conteúdos, dos métodos e das formas de organização da intervenção pedagógica. Quanto a este facto penso que neste contexto escolar consegui ser eficiente, sendo este o primeiro passo em direcção à competência pedagógica.

Nas palavras do povo, citado por Bento (2003, p.144), *“ «Ordem é meia vida» ”*. Sendo as regras e as rotinas essenciais para criar uma boa relação e um bom clima de aula, facilitando a tarefas de gestão, organização e instrução. Ainda o mesmo autor (Bento, 2003, p.144) refere, *“...Se não se atribui a estes aspectos valor algum, então o processo de ensino na aula decorre sem direcção, sem objectivos, sem resultados – para o professor e para os alunos.”* Tentei ser sempre coerente, respeitador e justo na aplicação dessas regras e também tive atenção a alguns pormenores que também vão fazendo a

diferença, como por exemplo, utilizar o nome dos alunos, desenvolver uma proximidade física com estes, interacções positivas, ter toda a turma no campo de visão, circular pelo espaço, variabilidade e imprevisibilidade dos deslocamentos e estar constantemente atento à prática. Penso que estas foram de certa forma decisivas para pudesse atingir rapidamente o primeiro objectivo do Estágio Profissional, em que se pretendia ganhar confiança e estabelecer o controlo sobre a turma que me foi confiada. Desta forma, passei a preocupar-me com outros aspectos, tais como, a qualidade da informação, e a gestão do tempo de aula, entre outros (objectivos do segundo momento).

Como é óbvio, no início, algumas destas estratégias foram difíceis de alcançar e refiro-me, por exemplo, à visão geral da turma e atenção constante à prática. Por falta de experiência ao nível da observação, por querer, por vezes incidir sobre ou corrigir aspectos muito específicos, e porque em algumas modalidades tenho ainda uma certa dificuldade em detectar as causas dos erros, por vezes a atenção dirigia-se para aspectos muito particulares ou para um aluno apenas, por exemplo, no badminton e na dança como se pode ver na reflexão da aula nº 25 e 26, *“perdi algum tempo na explicação de alguns pormenores que podiam ser desnecessários mas segundo as informações que obtive de um treinador de raquetas...devemos dar importância aos aspectos técnicos e as funções mais minuciosas porque se deixamos os alunos praticarem o movimento com um erro técnico torna-se muito mais difícil de o corrigir mais para a frente.”* Procurei com o tempo ter mais atenção a esse pormenor, ter a capacidade de por vezes abstrair-me de aspectos particulares e ter uma visão mais global da turma e do que se estava a passar. Um dos aspectos essenciais que menciona Bento (2003) é que para um ensino eficiente são imprescindíveis, reflexões estratégicas, balizadoras da acção, durante todo o ano lectivo.

Ultrapassado rapidamente esse primeiro momento, procurei sobretudo rentabilizar maximamente o tempo de actividade dos alunos, diminuindo os tempos de espera, o número e duração dos episódios de organização / transição, estabelecer rotinas, diminuir o tempo de informação e manter um bom ritmo de aula. Foi minha intenção também, a par dessas estratégias de

gestão e organização das aulas, melhorar a qualidade da instrução e dos feedback's (tendo atenção ao tipo e ao ciclo do feedback), bem como proporcionar um clima de aula e comunicacional positivo. Como se pode ver na reflexão nº 25 e 26 referi “...transmiti feedback's de informação, correcção, descritivos e prescritivos, tive a preocupação de os realizar ao longo da aula... existiu um bom clima...” Para Bento (2003), o professor tem de conseguir o entusiasmo e um bom ambiente de trabalho em cada aula.

Relativamente à informação e aos feedback's, no início preparava e pensava em tudo o que ia dizer na aula, quando e até como dizer, levava todas as interacções bem delineadas e estruturadas.

Com o passar do tempo fui ganhando mais à vontade e as interacções saíam com mais naturalidade e espontaneidade, principalmente nas modalidades onde o conhecimento é maior, e nas quais já tinha alguma experiência ao nível da Faculdade e do treino. Nas modalidades novas para mim, continuei a ter necessidade de estruturar essas interacções.

Quanto ao processo de condução das aulas, penso que a ficha de observação, das minhas aulas por parte dos colegas e principalmente da professora cooperante e as suas opiniões, uma vez que assistiu a todas aulas ao longo do ano lectivo, serão mais elucidativas quanto à minha actuação nas mesmas. Nas actas individuais com a professora cooperante é possível verificar em algumas delas, como por exemplo, na acta nº 9 do dia 19/01/10 “reflectimos sobre a aula teórica dada no dia treze de Janeiro de dois mil e dez, por exemplo, rectificação do material no plano de aula; matéria que não era preciso ter falado; podia ter dado mais exemplos em alguns temas falados”, as conversas sobre as reflexões das aulas dadas, onde a professora dizia normalmente o que corria menos bem, para que pudesse melhorar nas próximas e o que corria bem.

A observação de aulas se revelou de uma importância vital, pois para além de permitir a constatação de erros dos vários elementos do núcleo, foi fundamental para o enriquecimento da competência pedagógica de cada um, porque através do confronto de ideias e de cuidadas reflexões, traçavam-se linhas futuras de actuação importantes para a correcta execução desta

importante tarefa do professor. Tornava-se um pouco moroso estar aqui a reflectir sobre as estratégias e metodologias aplicadas nas aulas, sendo que isso foi amplamente discutido no final de cada uma dessas aulas e também em cada reflexão realizada no fim de cada aula dada. Como diz Luckesi (2005), quantas mais vezes ler a mesma reflexão escrita, leva-nos a pensar novamente e a modificar coisas que iam continuar mal, por isso, devemos sempre *“reflectir sobre o reflectido”*.

Segundo Bento (2003, p. 190) *“A reflexão é guiada por meio de comparação dos objectivos e do processo, previamente estabelecidos e programados, com os resultados alcançados e com o decurso realmente verificado.”*

Penso que só se poderá evoluir, em qualquer área da vida com base numa reflexão minuciosa acerca de todos os aspectos que estiveram na origem do sucesso e/ou insucesso de qualquer actividade. Foi com este pensamento que encarei esta importante etapa da minha formação inicial, o Estágio Profissional, porquanto, somente através duma atitude reflexiva e crítica se poderá usufruir da riqueza desta etapa. Com efeito, para que pudesse de dia para dia melhorar a minha actuação enquanto professor de Educação Física, qualquer actividade foi seguida de uma reflexão. Após cada aula realizei uma reflexão da mesma, reflexão como uma tomada de consciência das práticas adquiridas na acção (Bento, 1992), no entanto, a análise do processo, também, teve lugar no decorrer do mesmo, no sentido de poder modificar, ou não, as estratégias de forma a alcançar os objectivos estabelecidos. *“A reflexão posterior sobre a aula constitui a base para um reajustamento na planificação das próximas aulas...”* (Bento, 2003, p. 190).

Nas aulas assistidas a análise do ensino, teve um carácter colectivo, sendo realizada pelos meus colegas, pela professora cooperante e, em número muito reduzido, pela orientadora.

A elaboração das diversas UD que tiveram por base a avaliação diagnóstico (inicial), visando deste modo, caso fosse necessário, o agrupamento dos alunos por níveis de desempenho mas a turma era muito homogénea e foram poucas as modalidades a realizar esta diferença de níveis.

No decorrer das aulas, diferenciei o ensino, colocando aos alunos dos diferentes grupos em situações compatíveis com as suas capacidades, de modo a que, todos encontrassem estímulos para aprender e querer melhorar. No entanto, também em alguns momentos procurei juntar alunos de diferentes níveis, já que considero que em termos motivacionais e mesmo em termos de aprendizagem, essa estratégia poderá por vezes ter bons resultados e Bento (2003, p. 136) afirma, *“Sem motivos o homem não se põe em movimento...Um motivo tem contudo que ser mantido vivo”*.

Para a abordagem dos diferentes conteúdos recorri a diversas estratégias tentando com estas ir ao encontro dos interesses e motivações dos alunos, e sempre com a intenção de proporcionar o maior número possível de aprendizagens. Na abordagem dos Jogos Desportivos Colectivos (JDC), foi dada grande ênfase às formas jogadas reduzidas, bem como ao condicionamento do jogo formal, por exemplo, na reflexão da unidade didáctica de futebol refiro que *“...os jogos reduzidos e as situações jogadas serão utilizados como meios fundamentais para a aprendizagem dos procedimentos específicos do Futebol, uma vez que geram a necessidade de aquisição de novos conhecimentos e soluções para os problemas que o jogo coloca, permitindo seguramente uma evolução mais rápida e eficaz da qualidade de jogo.”* No entanto, aquando da leccionação da modalidade de Futebol, foram várias as vezes que os alunos pediram para passarmos directamente para o jogo formal. Por conseguinte, tive que fazer-lhes entender que aquela estratégia era a melhor para aprenderem. No meu entender, os jogos reduzidos constituem uma das melhores estratégias para o ensino dos JDC.

Acima de tudo procurei que as situações de aprendizagem fossem inclusivas (nenhum aluno pode ser excluído por dificuldades ou aptidão insuficiente), significativas, agradáveis, variadas, realizadas num ambiente pedagógico onde prevalecesse a cooperação, a entreaajuda, o respeito, o sentido de responsabilidade, o espírito de iniciativa, na procura de uma Educação para a Cidadania e que proporcionasse muito tempo de prática de actividade física com significado e qualidade para todos.

Relativamente ao clima das aulas, de um modo geral, os alunos manifestaram empenho e interesse na realização das tarefas, fazendo com que o clima de aprendizagem fosse bastante agradável. Contudo, na turma, tive algumas dificuldades em motivar alguns alunos, que pelo simples facto de referirem que só gostavam de futebol, averbaram faltas consecutivas, atingindo inclusive o seu limite, que mesmo após o seu tingimento, continuaram a não participar nas aulas. A ajuda da professora cooperante e dos meus colegas de estágio foi importante, no que toca a este assunto, se em alguns casos consegui que os alunos mudassem a sua atitude perante a disciplina noutros tal não aconteceu, chegando ao ponto de exclusão por faltas à disciplina, mas nestes casos não foi só a Educação Física mas também às outras disciplinas.

Neste capítulo da realização, as principais dificuldades surgiram ao nível dos desportos nos quais não tivemos qualquer tipo de formação académica e que fazem parte do Programa da Educação Física dos Cursos Profissionais. No entanto, para colmatar essas dificuldades e poder corresponder às expectativas e necessidades dos alunos, frequentei algumas Acções de Formação dessas modalidades (Danças latinas) e consultei ainda bibliografia específica, documentos e sites na Internet de outras modalidades (Badmington e Danças tradicionais) o que me permitiu encarar o processo de Ensino/Aprendizagem com um maior conhecimento e preparação.

Relativamente à Dança ainda procurei arranjar material que me permitisse dar o aquecimento nessas aulas de forma mais descontraída e ligada ao tema, deram-me algum material relativo a esta modalidade, nomeadamente um CD com vários tipos de propostas de abordagem, exercícios, sobre aeróbica e tive ainda várias aulas com um colega, professor de Educação Física, no entanto sinto que tenho de “perder” muito mais tempo para adquirir mais experiência. Porém, no futuro procurarei formação nesta área da Dança e com um maior nível de preparação penso ser capaz de responder aos interesses dos alunos, que cada vez mais estão receptivos a este tipo de actividades. Na reflexão da aula nº 51 e 52 do dia 14/04/10 referi isso mesmo, *“Um aspecto importante de focar também no relatório é que nunca tive formação académica para abordar este tipo de dança, foi necessário*

bastante trabalho de casa, mas agora sinto que valeu a pena e o resultado dos alunos foi extraordinário. Vou continuar a trabalhar para que as próximas aulas sejam ainda melhores.”

4.1.4 Avaliação

“Avaliação um «incómodo» necessário”

(Bento, 2003, p.174)

Segundo Bento (2003, p. 175), *“Sem um trabalho de reflexão suficientemente aprofundado não é possível a avaliação dos alunos e da capacidade pedagógica do professor.”* A capacidade de avaliação e de reflexão deve abranger todos os domínios de intervenção, em qualquer situação da vida, procurando averiguar o que esteve na origem do sucesso ou insucesso de qualquer actividade. Somente através de uma atitude reflexiva e crítica se poderá usufruir da riqueza desta etapa da formação inicial, que é o Estágio Profissional.

Com efeito, qualquer actividade no âmbito do Estágio Profissional foi devidamente reflectida e portanto avaliada, uma vez que o êxito na actividade pedagógica depende muito desta tarefa.

Bento (2003, p. 174), *“A reflexão posterior à aula, o controlo e análise do processo de ensino e do rendimento dos alunos, constituem um domínio no qual se passa em revista a sua planificação e realização.”* Como já referi, após cada aula foi realizada uma reflexão da mesma, sendo que a análise do processo teve lugar também no decorrer da mesma, no sentido de poder alterar ou não as estratégias para alcançar os objectivos estabelecidos.

No processo de avaliação do nosso desempenho penso terem sido de uma importância fulcral as aulas observadas e a posterior reflexão acerca das mesmas em reunião do Núcleo de Estágio. O confronto de ideias entre os colegas de Estágio, a professora cooperante e a orientadora, as suas opiniões, reflexões e sugestões foram fundamentais para o enriquecimento da minha competência pedagógica. Algumas dessas reuniões deram-se nos dias 11/11/09, 09/12/09, entre outras e a última foi no dia 05/05/10.

A presença da professora cooperante nas aulas foi importante pelo espírito crítico, pelo alerta para os pormenores de que por vezes não nos apercebemos, pelos feedback's positivos transmitidos e pela abertura e conhecimento na discussão dos aspectos pedagógicos.

Bento (2003, p. 193), “...*A autocritica é difícil. Por isso é aconselhável a participação de outros...*” A respeito disso gostaria de acrescentar que tenho consciência que no início tinha alguma dificuldade em lidar com algumas críticas ao meu trabalho, sendo que cheguei mesmo a irritar-me um pouco e a exagerar na defesa das minhas convicções. Não por uma atitude de prepotência ou arrogância mas fundamentalmente fruto da intensidade, da paixão que ponho no exercício da minha profissão e, por isso, do cuidado, da reflexão a que sujeito cada uma das minhas opções. Tudo foi sempre bem equacionado e fundamentado e daí talvez a dificuldade, no início, em aceitar que não fosse a melhor opção porque para mim era o melhor caminho.

Ao longo do ano lectivo fui aprendendo, com as diversas situações que aconteceram na prática, o que me leva a dizer que a prática é uma “caixinha de surpresas” que obriga por vezes a alterar e a fazer ajustamentos ao que estava planeado, por exemplo, na aula 51 e 52 do dia 14/04/10, estava planeado uma coreografia de aeróbica e como se pode ver na reflexão, “*Relativamente à aeróbica reparei logo de inicio que os alunos apresentavam vários problemas de coordenação, por isso, não executei três passos que estavam programados porque eram um pouco mais complexos ...Para a próxima aula vou continuar a abordar aeróbica, isto é, alguns passos requerem coordenação dos membros superiores e inferiores ao mesmo tempo e os alunos têm de pensar no movimento e não fazem por fazer.*”

Actualmente reconheço que sei ouvir e compreender melhor o que outras pessoas possam dizer do meu trabalho porque apesar de procurar dar sempre o meu melhor, de fundamentar devidamente as minhas opções, de procurar estar atento e vigilante e buscar a melhor solução para cada situação, há sempre coisas que falham, erros que se cometem, principalmente nesta fase. Daí a importância do papel de um “observador externo” que se aperceba disso e nos faça consequentemente reflectir.

Passei a aceitar com mais maturidade as sugestões da professora cooperante e até da orientadora, o que me tinham a dizer, porque é fruto de uma experiência e sabedoria acumuladas e porque foram decisivas para o meu enriquecimento pessoal.

Hoje em dia, a avaliação é um processo pelo qual todos os agentes educativos têm de passar. A avaliação é uma actividade subjectiva, abrangendo mais do que medir, a atribuição de um valor de acordo com critérios que envolvem diversos problemas técnicos e éticos.

Segundo Nevo (1990), quase tudo pode ser objecto de avaliação, constituindo a avaliação das aprendizagens uma parte da avaliação do sistema educativo.

Avaliação aplicada à educação, começou-se a falar com Tyler (1949), encarado como o *pai* da avaliação educacional. Este mesmo autor encara-a como a comparação constante entre os resultados dos alunos, ou o seu desempenho e objectivos, previamente definidos. Assim, a avaliação é, o processo de firmeza da dimensão com os objectivos educacionais se realizam.

Em função da finalidade da avaliação consideram-se três tipos de avaliação: uma preparação inicial para a aprendizagem, uma verificação da existência de dificuldades por parte do aluno durante a aprendizagem e o controlo sobre se os alunos atingiram os objectivos fixados previamente. Os tipos de avaliação referidos representam, respectivamente, a *avaliação diagnóstica*, a *avaliação formativa* e a *avaliação certificativa ou sumativa*.

Quanto aos alunos, utilizei ao longo do ano lectivo os três tipos de avaliação.

Assim no que diz respeito à avaliação diagnóstica (inicial), esta teve como objectivo, avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos de forma a identificar carências bem como os seus pontos fortes, tendo-se elaborados as diversas Unidades Didácticas, com base nestas informações recolhidas.

Referindo-me agora à avaliação formativa, esta realizou-se aula a aula, tendo realizado para o efeito uma reflexão diária, no sentido de referenciar o processo em relação aos objectivos traçados, descortinando assim se o

processo estava a decorrer no “bom caminho” ou se por outro lado tinha de mudar estratégias para retomar esse mesmo caminho.

Por último, no que diz respeito à avaliação sumativa, que é realizada nas últimas aulas de cada Unidade Didáctica de forma a avaliar o processo e verificar se os objectivos estabelecidos foram alcançados, para efeitos de classificação, como por exemplo, na reflexão da aula nº45 e 46 do dia 10/03/10 referi “...*A avaliação correu como estava delineado e consegui avaliar todos os elementos de solo, de aparelhos e os elementos de ligação*”. Essa classificação teve também por base a avaliação contínua dos alunos.

Segundo Stufflebeam (1985), a avaliação à descrição do processo tem um papel importante, este autor diz que, primeiro, deve-se identificar as necessidades educacionais e só depois elaborar programas de avaliação centrados no processo educativo para que seja possível aperfeiçoar este processo. Ainda o mesmo autor apresenta um modelo avançado, em que, procura definir a avaliação como um processo racional onde existe um “*contexto (C), uma entrada ou input (I), um processo (P) e um produto (P)*”. Toda a informação recolhida com a avaliação possibilita aos agentes educativos reunirem dados para decidirem subsequentemente sobre o processo ensino - aprendizagem.

Para Ribeiro (1991), a principal função da avaliação é contribuir para o sucesso do processo educativo e verificar em que medida é que isso foi conseguido, com o grande objectivo de aperfeiçoar a actividade educativa, regulando e orientando o processo de ensino/aprendizagem. Para que a avaliação cumpra esta função torna-se necessário, nomeadamente, diversificar as suas práticas.

“O Sucesso do ensino depende tanto da actividade do docente como das actividades de aprendizagem dos alunos,”
(Bento, 2003, p. 176)

4.2 Área 2 – Participação na Escola “Secundária Fontes Pereira de Melo”

“A escola é uma instituição social que existe pelas interações que se verificam entre os seus membros.”

(Pinto, 1995, p. 51).

A participação na vida escolar é algo que um professor nunca poderá descurar, pelo contrário, tem de actuar sempre e conjuntamente com os outros professores. Temos de compreender a Escola, inteirarmo-nos dos seus problemas e projectos, fazendo parte integrante da mesma. É importante que os professores de Educação Física procurem relançar o estatuto da Educação Física, envolvendo-se e tendo uma participação activa na Escola mas muitas das vezes questiona-se e somos confrontados com o desinteresse de alguns profissionais de Educação Física.

Assim a actividade do professor não pode cingir-se única e exclusivamente à relação com os alunos na sala de aula, no meu caso no pavilhão gimnodesportivo ou de ginástica, tendo que “obrigatoriamente” estabelecer sinergias com toda a comunidade escolar. Ao longo deste ano lectivo, participei em várias actividades, tendo conseguido realizá-las com a qualidade e eficácia exigidas a um profissional, tendo contribuído para que a comunidade escolar pudesse olhar para a “malta do fato de treino” de outra forma, ou seja, fazendo-a sentir que o profissional de Educação Física tem o seu espaço de actuação na escola e que neste pode ser competente e dar o seu contributo para a formação geral e multilateral do aluno, preparando-o para as exigências da sua vida activa.

No que diz respeito às actividades do Grupo de Educação Física, participei em quase todas as reuniões, por exemplo, nos dias 21/10/09, 03/03/10, excepto a primeira que foi no dia 09/09/09 porque tinha exame de Didáctica II e a professora cooperante compreendeu a minha situação e permitiu a minha ausência mas provei a falta com uma justificação de presença no exame devidamente comprovada pela faculdade. Nas reuniões dei o meu contributo sempre que achei pertinente intervir, principalmente numa reunião

em que a professora cooperante e os meus colegas estagiários não estiveram presentes por motivos profissionais.

Em relação ao desporto escolar tenho de referir que desde o início do ano lectivo, eu e o meu colega estagiário Rui, disponibilizamos para colaborar na modalidade de Futsal do desporto escolar. No início disseram-nos que estavam a precisar e que íamos ser uma mas valia, mas com o tempo foram dizendo que não era possível nós orientarmos a equipa porque não somos professores afectivos e que só podíamos participar nas deslocações das equipas às outras escolas.

Ao nível da colaboração prestada a outros colegas de profissão, participei no acompanhamento em deslocações da equipa do Futsal masculino do desporto escolar a outras escolas a fim de competir, por exemplo, no dia 05/12/10 fui ao Centro de reinserção de Santo António, prestando assim o auxílio necessário à coordenadora de agrupamento a Professora Rosário Ferreira responsável por toda a área do Desporto e Educação Física. Também participei no acompanhamento em deslocações da equipa de Voleibol feminino (juniores) do desporto escolar a outras escolas a fim de competir, por exemplo, no dia 30/01/10 fui à Escola Secundária Filipa de Vilhena, prestando assim o auxílio necessário à nossa professora cooperante que é a responsável por esta modalidade.

No âmbito da participação na Escola e da mobilização da comunidade escolar fomos responsáveis pela dinamização de algumas actividades do Grupo de Educação Física nomeadamente Corta-mato (18/12/10), Torneios Inter-turmas (quartas-feiras à tarde no pavilhão gimnodesportivo) e Semana da Fontes (17 a 21/05/10) respondendo a objectivos de integração e socialização bem como à necessidade de os cativar para a prática de actividades físicas.

Para além destas participações nestas actividades também estive presente na palestra do Vítor Baia (14/01/10), organizada pela PT e que tinha como nome “três grandes voltam à Escola”, e também colaborei no dia mundial da alimentação (16/10/09), com a entrega de fruta aos alunos durante os intervalos escolares.

Estas actividades tiveram uma afluência significativa de alunos o que denota o êxito e o bom trabalho realizado na sua preparação. Apenas não pudemos participar no Magusto por estarmos na Escola.

Organizamos (Núcleo de Estágio) uma Acção de Formação de “Ténis de mesa na Escola” com vista a divulgar e promover a modalidade; Promover o ensino do Ténis de Mesa na Escola; Divulgar a modalidade ao nível do Desporto Escolar; e, contribuir para uma formação eclética dos docentes de Educação Física. Teve como prelector o Mestre Fernando Malheiro, seleccionador nacional, e a presença de um jogador da selecção e uma adesão bastante significativa quer de professores quer de professores - estagiários de Educação Física, realizada a 10/03/10.

O núcleo de estágio também foi solicitado para dar duas aulas de substituição a duas turmas do 5ºano que estavam entregues à coordenadora de agrupamento. Essas aulas foram estruturadas e dadas apenas por dois elementos do núcleo, por mim e pelo estagiário Rui.

Relativamente à Direcção de Turma, sendo esta uma importante função da carreira do professor, ao longo do ano lectivo foi “estudada” por todos os elementos do grupo, no sentido de se tentar desvendar todos os procedimentos e segredos para a sua execução com sucesso. Todo o trabalho desenvolvido foi extremamente importante, pois permitiu-me conhecer todos os aspectos que se deve ter em conta na Direcção de Turma, sentindo-me, actualmente, minimamente preparado para desempenhar com eficácia esta função. Para além de acompanhar a nossa professora cooperante que é directora de turma do 12º B, o trabalho relativo a esta tarefa, foi, igualmente, realizado com os meus colegas de estágio, nomeadamente através da leitura e análise de documentos relativos a esta importante função da carreira docente.

Ainda neste domínio, para além de todas as tarefas anteriormente descritas, realizei um trabalho sobre os dados gerais da minha turma P2MC1, que foi solicitado pela directora de turma e esses dados foram posteriormente cedidos a todos os professores responsáveis pela turma, na reunião do dia 04/11/09. Este tipo de trabalho assume uma grande importância, na medida em

que, permite ao professor inteirar-se de aspectos que influenciam de forma marcante todo o processo de ensino/aprendizagem.

De uma forma global, penso que a minha participação na escola foi um dos aspectos mais positivos do Estágio Profissional. Ao longo do ano, eu e os meus colegas conseguimos estabelecer com toda a comunidade escolar uma excelente relação. Dos auxiliares da acção educativa, de professores do nosso e de outros agrupamentos, não nos faltou apoio e compreensão. Ao falar em excelente relação, poderemos rapidamente pensar em camaradagem, contudo, a nossa relação com a comunidade escolar baseou-se, essencialmente, na competência por nós demonstrada. Alguns elementos da comunidade escolar, nomeadamente o Conselho Executivo prestigiaram o nosso trabalho na Escola.

Sendo uma escola que apresenta geralmente bons resultados escolares, em que os alunos são bastante empenhados e activos na procura do sucesso escolar, também o professor de Educação Física deve ter uma participação activa e criativa na escola de forma a cativar os alunos para a disciplina de Educação Física. Pelo que atrás foi referido, penso que essa participação foi conseguida e meritória, tendo cumprido todos os objectivos definidos para cada uma destas actividades, podendo ser consultados, bem como os seus relatórios, no Portefólio individual do Núcleo de Estágio, e também no planeamento anual, no ponto dedicado às actividades de extensão curricular.

4.3 Área 3 – Relações com a Comunidade

Sabendo que o meio onde a Escola Secundária Fontes Pereira de Melo se insere num meio local com características muito próprias, torna-se fundamental conhecer esse meio para promover práticas sociais com relevância educativa. Neste âmbito, foi realizado o estudo de caracterização da escola e do meio, nomeadamente da cidade do Porto a freguesia do Ramalde, no qual tentei conhecer o associativismo cultural e desportivo, as estruturas relacionadas com a Educação Física e Desporto, localização geográfica, densidade populacional, etc. Actividade, igualmente, importante foi o Corta-mato, nestes acompanhei os alunos da Escola até ao INATEL de Pereiró, foi uma manhã “carregada” de emoções, alegria e sucesso (e também insucesso), no relatório dessa actividade refiro, “Para mim, foi bastante gratificante esta participação no corta-mato, pois, interagi com mais alunos e vivenciamos outras ligações. O ponto mais alto e marcante nesta participação foi a entrega de prémios, pela primeira vez fui chamado ao pódio para entregar os prémios ao escalão de juvenis femininos.”

Outra actividade foi o acompanhamento dos alunos em deslocações do desporto escolar a outras escolas a fim de competir.

No início do ano lectivo propusemos à nossa professora cooperante a realização de algumas actividades tendo em vista a mobilização da comunidade escolar e a promoção de sinergias entre a Escola e a Comunidade, nas quais se integravam o Dia da Saúde, o Meeting e o Dia da orientação. Estas actividades enquadravam-se também na área 2, ao nível da participação na escola, mas as ideias não foram aceites. A professora transmitiu-nos que a Escola organizava todos os anos uma semana do Fontes onde algumas dessas actividades estavam presentes, por isso, não se justificava a realização. Em relação ao dia da orientação o motivo para a sua não realização foi as obras na escola, o espaço exterior encontra-se interdito e eram poucas ou nenhuma alternativas que a Escola tinha disponível.

4.4 Área 4 – Desenvolvimento Profissional

*“O percurso vai sendo construído através de diferentes mediações e condições que o conformam e transformam. **Faz-se caminho, caminhando...**”*

Elias (2008, p. 21)

Parti para o Estágio Profissional consciente de que, aquilo que sabia era o básico para conseguir exercer a profissão de professor com eficácia exigida a um aluno - estagiário, e por conseguinte havia, e assim acontecerá ao longo da vida, um longo caminho a percorrer, no sentido de construir, ou melhor, ir (re) construindo a minha competência profissional.

A prática depois proporcionou-me um conjunto de vivências que contribuíram para a construção da minha competência profissional. Mas esta construção, apenas foi possível a partir de uma prática reflectida, ou seja, é resultante da análise e avaliação constante da minha actividade, do “estudo” do contexto educativo em que estava inserido, e da investigação acerca do exercício da minha profissão.

A curiosidade acerca da actividade do professor e do ensino sempre me acompanhou ao longo do estágio, procurei sempre encontrar as respostas as minhas dúvidas.

Foram algumas as iniciativas realizadas neste âmbito, de forma a dar cumprimento ao acima exposto. Participei nas acções de formação organizadas pelos meus colegas estagiários das outras escolas. Dos quais, destaco uma acção de formação de “Dança na Escola”, realizada no dia 02/12/09, na Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, pois ao longo dos quatro anos de Faculdade não tive qualquer contacto com esta modalidade.

Participei na realização de uma palestra ministrada pelo Vítor Baia, que tinha como intenção debater alguns temas problemáticos nas Escolas, como por exemplo, o tabaco, a obesidade, a importância de estudar e de fazer desporto.

Organizei, conjuntamente com os meus colegas do Núcleo de Estágio, uma Acção de Formação “Ténis de Mesa na Escola”, que se concretizou na tarde 19/03/10, desde as 14h00 às 16h00.

Por último, não podia deixar de realçar mais uma vez a importância que assumiram os meus colegas do Núcleo de Estágio (Hélio Machado e Rui Ribeiro) e a minha Professora Cooperante (Dr.^a Laura Lopes), para a minha evolução como pessoa e como profissional. Retirei sempre algo de importante das discussões que tivemos; partilhamos imensas ideias; discutimos em conjunto os problemas que cada um sentia; definimos estratégias que nos permitiram colmatar as nossas dificuldades. A minha relação com eles baseou-se na entreaajuda, cooperação e, sobretudo, em constantes críticas construtivas, que foram fundamentais para a minha formação. Agora, quero continuar a aprender, quero retirar de cada dia de trabalho uma lição de docência, com o intuito de cumprir da melhor forma a minha missão educativa.

“...O sucesso e o êxito não o são a qualquer preço, apenas o são verdadeiramente quando são um produto da vontade e perseverança, da honestidade e correcção.”

Bento (1995, p. 171)

4.5 Projecto de estudo de um problema decorrente do processo de ensino/aprendizagem

As Escolas contêm espaços e os professores de Educação Física usufruem desses espaços para poder abordar algumas modalidades e actividades que têm de ser seleccionadas durante o ano lectivo.

A Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo encontra-se em processo de mudança. As condições não são as melhores, por exemplo, os espaços exteriores não podem ser utilizados porque estão com os monoblocos e os prejudicados são os alunos. Para conseguir obter alguns resultados sobre este assunto realizei entrevistas a professores de Educação Física com experiência profissional que exercem a sua profissão na Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, que se encontra em processo de remodelação, para poder retirar o máximo de conclusões possíveis.

Com isto pretendi perceber até que ponto este problema das condições tem implicações no processo de aprendizagem nos alunos.

4.5.1 Metodologia

Para este estudo, utilizei um conjunto de procedimentos metodológicos, com objectivo de tentar alcançar os fins aos quais me propôs.

Como diz Albarello (1997), a metodologia deve ser escolhida em função dos objectivos pretendidos na investigação ou estudo, em função dos resultados esperados, ou ainda do tipo de análise desejada. Para o autor Oliveira (2001), longe de afastar a metodologia, pelo contrário, dela devemos aproximar mais na construção dos nossos estudos, sem perder de olho a percepção da totalidade que recobre as ciências humanas. Importante é ser honesto ao codificar ou ao produzir dados e ser o mais possível criterioso, como por exemplo, no caso das entrevistas efectuadas. Elas não são realizadas apenas com óptimos regulamentos, precedentemente testados e melhorados, mas com atitudes éticas, em relação às pessoas inquiridas.

Nas entrevistas, não precisamos de uma linguagem complexa, onde ninguém compreende nada de nada. Também não devemos utilizar texto muito simples nem texto complexo porque ambos não são sinónimo de um bom texto.

4.5.1.1 Grupo de estudo

Nesta investigação, o grupo de estudo não teve como critério a aspiração de constituir-se como representativa de uma determinada população ou universo, mas antes permitir um maior entendimento sobre as condições locais no processo ensino - aprendizagem.

Para a entrevista foram utilizadas duas condições: - o grupo seria constituído por cinco docentes, todos professores de Educação Física, da Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo; e, os professores teriam de ter experiência profissional.

Todos os professores entrevistados pertencem ao agrupamento 620 de Educação Física da Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, com a excepção de um deles, que é um dos elementos da direcção da escola mas também é professor de Educação Física.

Os professores apresentam o tempo de serviço que varia entre os 8 e 34 anos de leccionação.

4.5.1.2 Processo de recolha de informação

a) Começo o estudo com a recolha bibliográfica, que me permitisse entender se as condições locais mais especificamente o micromeio e o estabelecimento de ensino, são decisivos na Educação Física e se influenciam na aprendizagem.

Quando consultei os documentos anteriormente referidos, realizei-o com o objectivo de reunir a documentação existente, que me pudesse ser útil para perceber melhor a funcionalidade dos mesmos.

b) De seguida apresento a revisão da literatura, a qual veio a revelar-se como sendo um passo fundamental em todo este processo, pois ajudou-me a definir o melhor caminho a seguir, bem como, a ter uma noção mais clara sobre determinados temas e áreas de estudo nas quais gostaria de intervir. Também foi desenvolvida no sentido prévio da formulação de categorias conceptuais, uma vez que se trata de um trabalho que seguirá a função confirmatória.

Pode então dizer-se que, o estudo iniciou-se com o ano lectivo 2009/2010, com um problema do ensino, o qual veio a revelar-se, “*a posteriori*”, de enorme importância para a conclusão do mesmo.

c) A entrevista semi-estruturada, foi o instrumento para o processo de recolha de informação, pois entendi ser a mais adequado ao estudo e por meio desse instrumento alcançaria os objectivos, bem como responderia às questões em causa.

Amplamente utilizado na investigação, nas Ciências Sociais, que segundo Bardin (2004, p. 108) a abordagem por método qualitativo de um determinado tema, é um “procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável, a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses”. Apresenta-se sob a forma oral, de inquérito, e permite-nos a recolha de opinião que o entrevistado tem sobre o determinado assunto, que está a ser utilizado.

Segundo Biklen e Bogdan (1994, p. 134), a entrevista é uma técnica que é utilizada “para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito”, de forma a permitir ao entrevistador desenvolver uma ideia e assumir-se como principal instrumento, na tentativa de fazer com que os sujeitos expressem determinados aspectos e opiniões que estejam relacionados com o estudo.

Ainda para os mesmos autores (Biklen e Bogdan 1994, p. 135), podemos distinguir três tipos de entrevista: “as não estruturadas, semi-estruturadas e as estruturadas”.

Para Tuckman (2000), a recolha de dados qualitativos com o recurso a entrevistas podem ser colocadas em prática de quatro modos diferentes:

entrevista semi-estruturada; entrevista fechada ou de resposta fixa; entrevista aberta; e, entrevista de conversa informal.

A entrevista semi-estruturada é composta por um guião, que não é obrigatório seguir a sua ordem, pois deve dar oportunidade ao entrevistado a possibilidade de pensar nas suas ideias, resultado esse de uma reflexão pessoal. O entrevistador tem a função de reconduzir a entrevista para o objectivo pretendido, de forma a estimular o entrevistado a centralizar o seu raciocínio em aspectos importantes para o tema. Alguns aspectos positivos desta entrevista são: recolha de dados mais sistemática e completa; a fácil organização; análise de dados; e o factor surpresa.

A entrevista fechada ou de resposta fixa é descrita pela prevenção preliminar das questões e da categoria de resposta que serão constantemente aplicadas a toda amostra. Em relação à análise de informação recolhida torna-se facilitada, mas exige uma adaptação das experiências e sentimentos às categorias determinadas, ficando a entrevista menos pessoal e restringida às categorias definidas e pode levar o entrevistado a não expressar verdadeiramente o seu trajecto.

A entrevista aberta é composta por um conjunto de questões definidas pelo entrevistador e este tem alguma flexibilidade na formulação e na sequência do enunciado, e a entrevista decorre num ambiente específico.

Por fim, a entrevista de conversa informal, o entrevistador não define um conjunto de questões, estas surgem naturalmente consoante a decorrer da entrevista. Este tipo de entrevista dificulta imenso a análise de informação, visto que as questões não são iguais e são diversas pessoas entrevistadas, por isso, as respostas são diversificadas o que dificulta a comparação de resultados.

Neste caso optei pela entrevista semi-estruturada, pois este tipo de entrevista dá mais liberdade a quem responde, as questões colocadas não são fechadas, ou seja, são perguntas com canal aberto, implicando um certo grau de confiança entre o entrevistado e o entrevistador.

4.5.1.3 Construção e validação da entrevista

Após ter seleccionado qual o tipo de entrevista que melhor se adaptava ao estudo, consequência de uma revisão da literatura, do conhecimento obtido sobre um determinado tema de estudo, ela teve de ser sujeita a alguns passos para a sua validação, antes de ser aplicada aos entrevistados.

Este processo iniciou-se com a elaboração de um primeiro guião de entrevista. Após esta tarefa entreguei o mesmo à orientadora que o apreciou e analisou e o qual entendeu ser necessário introduzir algumas alterações.

Segundo Patton (2002), na elaboração do guião devem-se ponderar diferentes tipos de questões: experiência/vivências/comportamentos (o entrevistado se lembre da maioria das experiências vividas e as descreva); opinião / valor (o entrevistado apele ao raciocínio, revelam valores de modo a que se compreenda os processos interpretativos e cognitivos); conhecimentos (as questões devem incidir sobre situações reais para perceber até que ponto o conhecimento do entrevistado é factual); sentimentos (reação emocional do entrevistado face à experiência); sensações (recurso aos sentidos: ao que se vê, ouve, prova, toca e cheira); e identificação.

Consideradas essas alterações, esta entendeu haver condições para passar à fase de aplicação de entrevista e validou como sendo correcto do ponto de vista metodológico. As questões com maior interesse para o trabalho serão as de opinião/valor e de conhecimentos, uma vez que se pretende chegar a opiniões, perspectivas e entendimentos sobre as condições locais.

4.5.1.4 Aplicação das entrevistas

As entrevistas foram aplicadas, individualmente, em data, hora e local escolhido pelos entrevistados, tendo sempre a especial atenção e cuidado da disponibilidade dos mesmos, para que as entrevistas não fossem aplicadas sobre “pressão” de tempo e de espaço físico.

Aquando da aplicação das entrevistas, procedeu-se à respectiva gravação áudio, com a devida autorização dos entrevistados, o que me permitiu posteriormente a sua transcrição para análise de conteúdo.

Durante a aplicação das entrevistas foi sendo elaborado um documento escrito, onde se procurou registar aspectos relevantes para o processo de análise. Realizei este procedimento, pois tenho consciência, que os entrevistados, por vezes, são influenciados por factores externos e por outros aspectos que decorrem da sua própria entrevista.

A recolha de informação foi registada em gravação áudio, num aparelho de marca OLYMPUS, digital voice recorder VN-6800PC.

O conjunto das cinco entrevistas levadas a efeito teve a duração média de treze minutos, sendo que a entrevista mais curta teve dez minutos e quarenta e cinco segundos, e a mais longa quinze minutos e quarenta segundos.

4.5.2 Processo analítico

a) Os dados recolhidos no suceder das entrevistas não respondem por si só às questões investigadas, como tal necessitam de ser tratadas e analisadas. Para efectuar o tratamento dos dados resultantes das entrevistas semi-estruturadas e dos documentos recolhidos, relativamente às variáveis em estudo, recorreremos à técnica de análise de conteúdo. Como diz Patton (2002), dada a natureza dos dados recolhidos, a transcrição das entrevistas torna-se a primeira etapa para proceder à análise de dados.

b) Para este estudo, constitui-se um corpo documental, o qual foi sujeito à análise de conteúdo. Este corpo foi constituído pelos seguintes documentos:

- Transcrição das entrevistas efectuadas aos entrevistados.

Estes documentos são os fundamentais para o estudo e para o caso em causa.

Assim, para análise de conteúdo, contem por um lado a revisão da literatura, que retrata e define os problemas das condições locais que têm

implicações no processo ensino/aprendizagem e a par destes documentos, as transcrições das entrevistas efectuadas, que através da sua análise, vai permitir perceber uma ideia mais real destes problemas.

No final, de tudo isto, e desta forma, espero poder tirar as conclusões do estudo, tendo em conta o objectivo do mesmo.

c) A análise de conteúdo, para Vala (1986, p. 101) “é hoje uma das técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais”. Já para Bardin (2004, p. 42) a análise de conteúdo nos dias de hoje é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. Ainda o mesmo autor diz-nos que análise de conteúdo “possui duas funções, que na prática pode ou não dissociar-se: - uma função heurística: análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta. É a análise do conteúdo «para ver o que dá». – Uma função de «administração de prova». Hipóteses em formas de questões ou afirmações provisórias servindo de directrizes apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação. É a análise de conteúdo «para servir de prova».”

d) Às entrevistas aplicadas, surgiu logo após a transcrição das entrevistas realizadas. Estas foram então sujeitas a uma “limpeza do texto”, de forma a ficar para análise o texto, que entendi como sendo o mais “rico”, tendo já em atenção o sistema categorial.

Para este estudo e consoante a metodologia escolhida, optei por submeter a uma análise de conteúdo do tipo confirmatório os documentos supramencionados, bem como, a transcrição das entrevistas realizadas aos professores de Educação Física da Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo.

e) Já referido anteriormente, o tipo de análise utilizada foi a confirmatória, uma vez que foram estabelecidas “*a posteriori*”, como diz Vala (1986, p. 111) “a construção de um sistema de categorias pode ser feita *a priori* ou *a posteriori*, ou ainda através destes dois processos.” Ainda para o mesmo autor “se a interacção entre o quadro teórico de partida do analista, os problemas concretos que se pretende estudar o seu plano de hipóteses permitem a formulação de um sistema de categorias e o que lhe importa é a detecção da presença ou da ausência dessas categorias no corpus, então o analista optará por categorias definidas “*a priori*”, sem nunca descurar a possibilidade de apresentar mais categorias após análise do Corpus no estudo.

f) Mas, para atingir os objectivos a que me propus, torna-se necessário a definição de um sistema Categorical.

Este sistema foi definido “*a posteriori*”, tendo por base a revisão prévia da literatura, surgindo desta forma as categorias. Como nos refere Vala (1986, p. 110), “*as categorias são elementos chave do código do analista*”, ...“*uma categoria é habitualmente composta por termo - chave que indica a significação central do conceito que se quer aprender*, e de outros indicadores que descrevem o campo semântico do conceito”. Já Bardin (2004), diz que o processo de categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, reagrupa-las segundo os critérios previamente definidos.

Para o nosso estudo, a regra mais importante foi a verificação da presença ou não de determinada categoria no nosso *Corpus* de estudo.

g) De acordo com esta concepção e tendo o cuidado que as categorias podem ser definidas antes e depois, “*a priori, a posteriori*” ou ambas. Optei, por realiza-las “*a posteriori*”, de uma avaliação cuidada da revisão de literatura, de uma leitura superficial das entrevistas e dos objectivos propostos para o tema. Com todo o conhecimento adquirido sobre o assunto a tratar, percebi que seria

um erro estabelecer as categorias antes, porque os resultados alcançados poderiam não ir de encontro às categorias estabelecidas.

h) Por isso, as categorias constituídas foram:

Categorias	Subcategorias
Categoria A 1 – Condições locais	Subcategoria A 1.1 – micromeio
	Subcategoria A 1.2 – estabelecimento de ensino
Categoria B 1 – Estabelecimento de ensino	Subcategoria B 1.1 – Efeitos
Categoria C1 – Arquitectura escolar	Subcategoria C1.1 – Limitações de uma escola em obras
	Subcategoria C1.2 – Soluções
Categoria D1 – Contributos versus limitações	
Categoria E1 – Escola	Subcategoria E 1.1 – Influências
Categoria F 1 – Actuações futuras	Subcategoria F 1.1 – Aspectos positivos
	Subcategoria F 1.2 – Aspectos negativos

4.5.3 Objectivos específicos do estudo

Todas as questões têm por base a experiência profissional dos professores de Educação Física da Escola Secundária Fontes Pereira de Melo.

Pretendo saber até que modo, um conjunto de factores determinam as condições de educação;

- Tentar saber se as condições locais são determinantes no processo ensino - aprendizagem em Educação Física.

- Será que o micromeio (meio social, meios familiares), são influentes no processo de ensino - aprendizagem.

- Perceber se o estabelecimento de ensino (características arquitectónicas) influencia ou nada tem a ver com o processo de aprendizagem.

- Perceber até que ponto os problemas das condições locais têm implicações no processo de aprendizagem nos alunos.

4.5.4 Apresentação e discussão dos resultados

Nesta etapa do documento, o objectivo é proceder à descrição e interpretação das cinco “vozes” dos entrevistados, onde estes tiveram oportunidade de opinar sobre o assunto das condições locais, que era o ponto central de discussão, na tentativa de alcançar os objectivos a que me propus.

Para conseguir chegar aos resultados, é necessário estabelecer uma relação importante e harmoniosa entre a literatura consultada, a minha interpretação com o significado do discurso dos professores entrevistados. Esta relação entre as três variáveis: revisão bibliográfica; os dados recolhidos e interpretação do autor, são o “ponto-chave” de todo o trabalho.

Como refere Bogdan & Biklen (1994), no suporte de um bom trabalho qualitativo está a correlação entre três variáveis: literatura, autor e dados.

De seguida será apresentada a informação e análise que está organizada da seguinte forma:

- Respostas dos entrevistados, baseadas nas categorias estabelecidas.
- Discutir e reflectir com base nos pressupostos teóricos apresentados.

4.5.4.1 Análise de conteúdo

Categoria A 1 – Condições locais

Subcategoria A 1.1 – Micromeio

Como foi possível verificar o local onde os alunos estão inseridos é importante para o processo de educação. Como refere Mialaret (1980), os meios familiares, o nível socioeconómico, as dimensões da família, são aspectos que darão à acção educativa os seus traços específicos. Para Greendorfer (1992, p. 209), a prática desportiva dos jovens é fortemente determinada pela influência da família.

Nas entrevistas realizadas todos os professores referiram que o micromeio é determinante e importante no processo de educação.

“O micromeio é sem dúvida muito importante e tem haver sobretudo com hábitos enraizados, hábitos familiares, mas também hábitos que têm a ver com o facto de estarmos numa determinada região do país.” (E2).

“...A Escola Fontes Pereira de Melo, tem alunos com uma heterogeneidade muito grande, alunos de meios sócio – económicos e culturais muito diversos...” (E1).

“A escola está integrada num meio onde temos uma classe alta, média - baixa e baixa. A população escolar é mais baixa sociocultural, do que média – alta ou alta.... A própria programação desses cursos já vai de encontro a esses meios e à necessidade desses alunos...” (E4).

Um outro ponto em comum nas entrevistas encontra-se na população que frequenta a escola, com heterogeneidade de indivíduos, culturas diferentes, a estrutura social, entre outro. Como afirma Duarte (1991), a socialização desportiva opera-se, na sua maior parte, durante a infância e a adolescência, e os principais agentes de socialização são a Escola, a família e os amigos.

“A escola cada vez mais tenta abrir, tenta perder as grades que separam do mundo de lá de fora e envolver-se mais com o meio que a rodeia... O micromeio influencia as minhas aulas, devido ao meio que a escola está

inserida, a população que a frequenta é muito própria com muitas carências a nível social, ao nível familiar, a nível educacional, são miúdos muito poucos socializáveis e a escola aí tem que ter um papel preponderante...” (E5).

“O micromeio é determinante, tendo em conta, o local, os materiais, a distribuição das aulas, as instalações, etc...” (E3).

“Nós nestas situações temos que ter nitidamente em consideração a situação do micromeio.” (E2).

Estas frases citadas pelos entrevistados, comprovam que o micromeio influencia no processo ensino-aprendizagem, devidos aos vários factores expostos.

Subcategoria A 1.2 – estabelecimento de ensino

O local onde o estabelecimento de ensino se situa é preponderante para o desenrolar de algumas actividades, e a construção da própria escola também é importante sobre os tipos de situações que poderão ocorrer.

“Escola Secundária Fontes Pereira de Melo, e talvez isso não seja totalmente evidente pelo facto do Boavista não estar em boas condições financeiras, mas quando eu vim para aqui nós tínhamos muitos jogadores de futebol...” (E2). Temos aqui um clube de futebol, também influência de certa maneira a nossa programação, porque tem alunos que vêm do Boavista e que estão muito vocacionados para o futebol...” (E4).

De acordo com Cunha (2007, p. 27), *“a função fundamental da instalação desportiva é a de oferecer de uma forma cuidada a possibilidade de realização de uma prática desportiva num determinado local.”* Mas nem sempre esses espaços são os melhores para os alunos e como diz E2 *“...Espaços das escolas também condicionam muito, o trabalho a desenvolver por o profissional de educação física.”*

Um outro ponto em comum nas entrevistas é que na Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, existem alunos com diferentes níveis e o programa de Educação Física é longo. Segundo o Mialaret (1980), os programas adaptam-se ao nível dos alunos e as situações de educação.

“Neste estabelecimento existem diferentes níveis de ensino, ... os planos nacionais de educação física são extensos e diversos noutras matérias, torna-se difícil a implementação da educação física.” (E1).

Categoria B 1 – Efeitos

Sem sombra de dúvida que os professores reconhecem que o estabelecimento de ensino tem uma enorme importância na leccionação das aulas mas como diz E2 *“... Se é verdade que tem importância, não é por si um elemento redutor, da nossa intervenção até pode ser estimulador para partir para outros voos.”*

Os professores têm a missão de criarem situações que ajudem a enfrentar este tipo de problemas, para que o processo dos alunos não fique prejudicado. Para isso, os professores têm de ser competentes e terem a capacidade de elaborar alternativas, de forma, a solucionar-los da melhor maneira. Como diz Siedentop (1983), existem tantos indicadores de eficácia como ineficácia do professor. Por isso, compete a cada professor ser mais ou menos eficaz, depende da competência de cada um.

“Sim é lógico. Nós temos de adaptar o programa nacional, ..., de acordo com as condições materiais e instalações disponíveis.” (E1).

Cada Escola possui determinada arquitectura mas nem todas são iguais (Mialaret, 1980) *“... Temos este pavilhão desde de 2002, salvo erro, até esse ano... dávamos aulas lá fora, ... Se chovesse, não dávamos aulas”.* (E4).

“O estabelecimento de ensino influencia porque está enquadrado num meio muito próprio que me fornece alunos com características muito próprias e isso evidentemente que influencia a minha planificação e a minha forma de dar as aulas.” (E5).

Categoria C1 – Arquitectura escolar

Mialaret (1980) refere que, é na escola onde se desenrola as situações de educação, por isso, devemos dar importância à arquitectura escolar.

“...de momento e atendendo às situações arquitectónicas, não está fácil porque a escola está em renovação por completo...” (E1). “Sempre que se muda a morfologia de uma escola isso vai ter repulsões ao nível da organização, etc...” (E5).

Através destas duas opiniões dos entrevistados, podemos dizer que neste momento, a Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, por causa das obras, as suas condições arquitectónicas não são as melhores e vai ter implicações.

Subcategoria C1.1 – Limitações de uma escola em obras

Os professores entrevistados na sua maioria, têm uma perspectiva muito semelhante sobre as complicações que as obras acarretam para o processo educativo.

Segundo Cabanas (2002), o acto educativo é a junção da actuação do professor com a reacção do aluno, tendo como objectivo um nível de maior perfeição pessoal.

“Tem sempre, porque se eu não tiver á disposição determinadas condições é evidente que depois não posso trabalhar determinadas situações, este estabelecimento de ensino está ... um “estaleiro de obras”, porque as obras retiraram espaço de leccionação de aulas do espaço exterior.” (E3).

“A nível da planificação anual, podemos optar pela ginástica ou atletismo e este ano é impossível abordar atletismo... porque está o “verdadeiro estaleiro de obras.” (E1).

“Na modalidade de atletismo os saltos em comprimento e triplo não podem ser abordados no interior, porque não temos condições para isso.” (E3).

“Atletismo está a ser um pouco prejudicado, porque como não temos o exterior, existem algumas vertentes que não podemos abordar.” (E4).

Para além destas dificuldades que as obras acarretam aos professores, no início deste ano lectivo a direcção da escola proibiu a leccionação da modalidade de ginástica devido ao plano de contingência, para a não propagação do vírus H1N1 e foram ainda tomadas outras precauções em termos higiénicos.

“Este ano, tivemos ainda mais uma limitação, que foi o caso da gripe A em que não podemos leccionar a ginástica, a juntar às obras e fundamentalmente a grande limitação que houve aqui foi a nível do atletismo, nomeadamente os saltos.” (E5).

Subcategoria C1.2 – Soluções

Para E2, que para além de professor de Educação Física é um dos directores da Escola, *“...Tudo foi pensado e estruturado no sentido de não haver limitações...”*.

O Programa Nacional de Educação Física (PNEF, 2001) descreve todas as actividades que podem ser leccionadas durante um ano lectivo a um determinado ano, e por conseguinte, tem alternativas às modalidades que uma escola, pode ou não, conseguir leccionar.

“O processo ensino – aprendizagem não está comprometido, há matérias que se podem leccionar compensando aquelas que não se podem leccionar...” (E3).

O grande objectivo de qualquer professor é conseguir alcançar todas as metas que definiu e como diz E2, *“...As obras, também são muitas das vezes uma oportunidade para nós mudarmos para melhor...”* e apesar de tudo, *“tivemos as condições mínimas para desenvolver o nosso trabalho.” (E5).*

O ponto-chave e uma das tarefas do professor para Bento (2003) é, a criatividade do professor, significa, uma abordagem criativa dos programas e de outros materiais de planeamento central do ensino.

Categoria D1 – Contributos versus limitações

Para Bento (2003), um dos deveres do professor de educação física conta-se o de conduzir, durante toda a sua vida profissional, um combate permanente consigo próprio, a fim de poder desempenhar a incumbência social de educação da juventude com uma motivação elevada, concordante com o valor que atribui à sua profissão.

Por isso, compete ao professor saber conduzir o processo da melhor forma possível, como diz E2 *“Podem contribuir ou não em função da importância que nós lhe dermos...”*.

“Nós como professores e pedagogos, o nosso objectivo principal é mesmo formar e transmitir atitudes e valores que possam inserir os alunos na sociedade e na vida adulta.” (E1). *“...aqui se fomenta, se inicia o conhecimento, aqui incutem-se esses valores e atitudes...”* (E5), *“...Através das regras de um jogo, posso impor as regras aos alunos nas suas atitudes, nos seus comportamentos.”* (E4).

“As condições da escola condicionam mas não determinam que o processo ensino – aprendizagem não se faça.” (E3).

“...estas condições locais influenciam e contribuem, porque nós estamos sempre a aprender...” (E1).

“A principal função da escola é visar melhoramento de atitudes, desenvolvimento de novos conhecimentos.” (E4).

Um outro aspecto que todos os entrevistados falaram, uns de uma forma directa e outros indirectamente, mas foi notório ao longo da entrevista: *“...Nós enquanto professores e educadores não temos só a ensinar, temos muito a aprender... Nós temos necessariamente de estar em condição de assumir uma formação contínua permanente, ou seja, aquele que de nós entender que já sabe tudo será certamente sempre o maior ignorante...”* *“não somos só agentes de ensino “ponto”, enquanto agentes de ensino, educadores e professores também temos muito aprender inclusive com o micromeio.”* (E2).

Categoria E 1 – Escola

Subcategoria E 1.1 – Influências

Neste sentido, todos os entrevistados foram unânimes em dizer, que as actuais condições da Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo vão contribuir para o processo de leccionação das aulas, de cada professor. Como diz Elias (2008), *“...Faz-se caminho, caminhando...”*. Só conseguimos caminhar se existir caminho mas para este existir é preciso caminhar.

“...Não podemos pensar que somos imunes às condições que nos envolvem...” (E2).

“...Temos de ter a noção que influenciámos mas também somos influenciáveis e também somos influenciados...” (E2).

Bento (2003) refere que a luta por melhores resultados no ensino requer diariamente do professor o confronto com os problemas teóricos e práticos.

“O nosso objectivo principal é motiva-los para a prática, fazer com que eles participem nas aulas, que contribuam porque através da sua participação continua e seu empenho é que conseguimos algum desenvolvimento e aprendizagens....” (E1).

“...Eles estão abertos a conhecer mais o que os professores lhes ensinarem... a adaptabilidade dos professores podem contar com a adaptabilidade dos alunos porque eles estão receptivos a aprender.” (E3).

Durante os cinco anos de formação na FADE-UP, quase todos os professores falaram e desenvolveram a seguinte frase: *“...Não chega! saber muito, também é preciso saber vender aquilo que sabemos dar...”*, porque podemos ser muito bons na nossa área mas se não soubermos vender o produto que “plantamos”, a possibilidade de sermos ultrapassados por outros agentes de ensino é muito maior. Existe uma frase muito conhecida e que se aplica a todas as pessoas das diversas áreas, *“cada um colhe aquilo que semeia.”*

“...Nós temos de acreditar naquilo que fazemos”, e “Saber defender naquilo que acreditamos”...“Nós temos de acreditar e tentar sempre fazer o nosso melhor”...“Estou sempre a aprender”..., eu “aprendo convosco”, ... “tenho é que estar sempre aberta a novas experiências e ter a noção que nunca se sabe tudo.” (E4).

“...é uma experiência que eu acho que todos os professores e profissionais devem ter porque ao fim ao cabo nos prepara para tudo.” (E5).

Categoria F 1 – Actuações futuras**Subcategoria F 1.1 – Aspectos positivos**

A maioria dos professores entrevistados retiram experiências destas condições locais e para Bento (2003), o homem desenvolve-se nas condições e circunstâncias sociais.

“...obrigou-me a redefinir objectivos, procurar novas estratégias para ter uma acção eficiente.” (E2).

“...Conseguir “desenrascar-se e passar por cima” dessas dificuldades é sempre útil no futuro. O objectivo é, conseguirmos adaptarmos às condições” ... “o que vier a seguir só deve melhorar.” (E1).

“...pode fazer-se sempre tudo e mais alguma coisa mesmo com poucas condições de trabalho.”...“Desde que as mentes estejam abertas pode-se fazer tudo.” (E3).

A frase que se distinguiu das outras todas foi a do E4, que diz o seguinte: *“...quem lecciona nesta escola eu costumo dizer que fica “Vacinado”, não estou a dizer mal desta escola porque se estou aqui à vinte e cinco anos é porque gosto de estar aqui.”*

Subcategoria F 1.2 – Aspectos negativos

Esta visão negativa do professor não é de todo abonatória, temos a consciência que a escola é um local de aprendizagem mas não é única, como diz Mota (1997), a família também é, sem dúvida, uma das instituições tradicionais da educação.

“...a escola é o único sítio do percurso de vida... onde eles de facto têm uma convivência com algumas regras, atitudes e que nós não nos podemos divorciar desse papel.” (E5).

Para Rink (1985) um dos comportamentos do professor para alcançar o sucesso é, apoiar os alunos quando estes estão a executar a tarefa; efectuar instruções para melhorar o desempenho do aluno.”

“...o nível de conhecimento e o próprio desempenho dos alunos é baixo... tens de te focar noutros aspectos básicos como assiduidade, os hábitos higiene, as atitudes, as regras que este miúdos não estão habituados a cumprir e não têm...” (E5).

4.5.5 Conclusões do estudo

Em relação ao problema decorrente do processo ensino/aprendizagem que me propus a estudar ao longo deste ano lectivo, e após a sua realização, jugo ter condições para ressaltar algumas conclusões:

1. O micromeio influencia no processo ensino/aprendizagem, devido aos seguintes factores: a população que frequenta a escola; heterogeneidade de indivíduos; culturas diferentes; a estrutura social; entre outros.
2. O local onde o estabelecimento de ensino se situa é preponderante para o desenrolar de algumas actividades, e a construção da própria escola também é importante sobre os tipos de situações que poderão ocorrer.
3. O estabelecimento de ensino influencia, porque as escolas possuem determinadas arquitecturas, mas nem todas são iguais, por isso, os professores têm a missão de desenvolverem situações que ajudem a enfrentar este tipo de problemas, para que o processo dos alunos não fique prejudicado.
4. A Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, por causa das obras, as suas condições arquitectónicas, não são as melhores, por isso, possuiu implicações na modalidade de atletismo e devido ao plano de contingência H1N1, na modalidade de ginástica. Mas as obras, não são justificação para não leccionação dessas modalidades, porque um bom professor tem que ter criatividade para dar a volta por cima.
5. O Programa Nacional de Educação Física, também tem alternativas para as modalidades que não podem ser leccionadas por algum motivo.
6. A escola é um local de aprendizagem mas não é única, como diz Mota (1997), a família também é, sem dúvida, uma das instituições tradicionais da educação.
7. A escola é um dos meios de educação, e os docentes são os maiores responsáveis, por isso, um dos deveres do professor de educação física é de educação da juventude.

Finalmente, julgo ainda se tornar necessário efectuar uma pequena síntese, de alguns aspectos que demonstram alguma importância para o tema estudado.

A escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, está situada num meio muito próprio, com alunos bastantes heterogéneos, culturas diferentes, etc., por isso, as experiências que os professores vivenciaram, nesta escola e em outras que passaram, mas com especial relevo nesta, não são para “deitar fora”, pelo contrário, são factos que acontecem na prática e os professores foram obrigados a enfrentar e resolver da melhor forma possível.

Os pontos mais relevantes e focados foram:

- Os professores de Educação Física têm de “desenrascar-se e passar por cima” das dificuldades que aparecem;
- É necessário adaptar às condições que estamos envolvidos;
- Procurar novas estratégias e redefinir objectivos;
- É possível fazer tudo e mais alguma coisa desde que as mentes, estejam abertas;
- Os educadores nunca podem dar a aprendizagem como acabada, têm de estar sempre em permanente aprendizagem;
- Quem achar que já sabe tudo, nada sabe.
- Quem leccionar nesta escola fica “Vacinado”, para o futuro.

5. CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS FUTURAS

5. Conclusão e perspectivas futuras

Após a realização desta “missão”, a qual me propus encetar, julgo ter condições para expressar algumas apreciações relativamente ao estágio profissional e às minhas expectativas futuras.

Constituindo o Estágio Profissional, uma importante etapa da minha formação inicial, parti para o presente ano lectivo 2009/2010, com muitas expectativas e uma enorme vontade de trabalhar, aprender e evoluir. Ao longo do ano, procurei dar sempre o melhor de mim e explorar ao máximo as minhas capacidades de modo a realizar todas as actividades propostas com qualidade e eficácia. Muita coisa ficou para trás, muitos sacrifícios foram feitos, mas chegados ao fim desta etapa, a convicção é de que valeu a pena, não só porque aprendi muito como pessoa mas, acima de tudo, como professor de Educação Física.

No que diz respeito, às minhas **expectativas para um próximo futuro** que não se avizinha nada fácil, mas sim muito complicado, são algumas mas com a plena consciência da importância de cada uma delas. Pretendo desempenhar o meu papel de professor com o maior profissionalismo, e para isso tenho de ensinar, transmitir e formar correctamente os meus alunos. Alcançar os meus objectivos pessoais e profissionais, sem nunca deixar de lado o relacionamento carinhoso com todos os que me possam acompanhar (direcção, colegas professores, alunos e funcionários).

Não seria justo, nem correcto terminar este documento sem efectuar qualquer referência aos meus colegas de estágio, à minha professora cooperante e à orientadora. No que concerne aos meus colegas, estes desempenharam um papel importantíssimo, na medida em que, possibilitaram que o Estágio Profissional se tornasse uma actividade enriquecedora e agradável. A minha relação com eles baseou-se na entre - ajuda, cooperação e, sobretudo, em constantes críticas construtivas, fundamentais para a formação de cada um. O que mais me agradou, ao longo deste ano lectivo, foi o facto de termos funcionado como um verdadeiro grupo.

Relativamente à professora cooperante, professora Laura Lopes, é de louvar a forma competente e responsável com que encara a sua profissão, bem como a sua preocupação em nos integrar na comunidade escolar, fazendo com que a transição do estatuto aluno - professor fosse a mais harmoniosa e agradável possível. Para além, de muitos outros contributos para o enriquecimento da minha competência pedagógica, quero realçar o papel fundamental que teve na transmissão de aspectos cruciais que, me permitiram organizar de uma forma simples e correcta o processo de ensino - aprendizagem. Ajudou-me a sintetizar e a estruturar os conhecimentos adquiridos ao longo dos quatro anos da Faculdade, o que facilitou bastante a aplicação dos mesmos.

Quanto a Orientadora, Doutora Paula Queirós, de salientar a sua constante preocupação em nos alertar para problemas didáctico - pedagógicos extremamente pertinentes, não dando a solução para os mesmos, nem receitas, mas “obrigando-nos” a reflectir sobre a nossa profissão.

Na minha convicção, na vida só se poderá usufruir e tirar partido da riqueza de qualquer actividade se cada pessoa der o seu máximo. Foi com este lema que encarei os cinco anos que passei na Faculdade, e sendo o Estágio Profissional reconhecido como um aspecto importante na preparação profissional do professor, aquele lema ganhou mais importância na minha vida. De facto, foi meu apanágio ao longo do ano, esforçar-me ao máximo, ou seja, explorar ao máximo as minhas capacidades, de modo a realizar todas as actividades com a melhor qualidade possível, e poder criar e fortificar os “alicerces” da minha competência pedagógica, visando o desempenho com êxito da acção futura como profissional de Educação Física. Penso que consegui cumprir com qualidade e eficácia todas as tarefas previstas, alcançando, deste modo, os objectivos relativos às diferentes áreas de desempenho.

Quero realçar que este não foi um ano fácil, tendo sido caracterizado por *stress*, por algumas frustrações, por avanços e recuos. Contudo, olho para trás e chego à conclusão de que, tudo valeu a pena e que, actualmente, sinto-me mais capaz e seguro enquanto professor.

Com o Estágio Profissional, adquiri bases importantíssimas para a construção da minha competência pedagógica. O que me permite encarar o futuro com certa confiança e também com esperança de que tudo farei para ser bom professor, e por conseguinte dignificar da melhor maneira possível a Educação Física e o Desporto na Escola, bem como a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

6. SÍNTESE FINAL

6. Síntese Final

Este “**relatório de Estágio Profissional**” de Educação Física, está inserido no plano de estudos do 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Ele foi realizado na Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, e tive como orientadora a Professora Doutora Paula Maria Leite Queirós, como professora cooperante a Drª Professora Maria Laura Gouveia Lopes e como colegas de núcleo de estágio, o Hélio Machado e Rui Ribeiro.

Para iniciar este relatório, decidi realizar um **enquadramento biográfico**, no qual descrevo o início da minha vida e os dois momentos “chave” até aos dias de hoje, a entrada na faculdade como um sonho conseguido e a importância do Estágio Profissional como uma nova etapa de formação, onde tive oportunidade de aplicar e desenvolver os meus conhecimentos e aumentá-los, quer a nível teórico quer prático. Sendo o Estágio Profissional, uma referência na formação inicial do professor de Educação Física, parti para o presente ano lectivo 2009/2010 com muitas expectativas, confiança e também com certo receio, pois sabia que um grande desafio me deparava. Por isso, **as expectativas** desde o início eram bem realistas uma vez que tive consciência de que poderiam surgir situações que me podiam trazer uma maior dificuldade de resolução. Nesse sentido, afigura-se indispensável uma intervenção não só planeada, sistematizada e intencional, mas acima de tudo reflectida. É necessário tornar o ensino um acto reflexivo e fundamentado pedagógica e cientificamente, tendo como objectivo o reforço do exercício consciente, da nossa acção profissional.

Não chega fazer as coisas, pôr em prática os conhecimentos e ensinamentos retirados ao longo destes anos de formação, é preciso analisar o que foi feito, porque foi feito, em que circunstâncias, com que efeitos, equacionar alternativas e estratégias para melhorar o nosso desempenho no processo de ensino e de aprendizagem.

Neste seguimento o meu “**enquadramento da prática profissional**”, destinou-se a explorar alguns pontos que para mim foram importantes ao longo deste ano lectivo. Analisei uma das funções da Educação Física na Escola e neste sentido, a E.F assume um papel cada vez mais crucial no processo educativo do aluno como ser humano e participante na sociedade que o rodeia, caracterizando-se pelo fomento das actividades escolares relacionadas com a saúde (Mota, 1991), importa ainda salientar que a saúde na escola terá que constituir objecto e meta educativa abrangente de todas as disciplinas. “Hoje em dia a Escola é o maior meio de ensino/aprendizagem, onde se desenvolve as diversas capacidades dos alunos” (Mota, 2001, p. 34), e onde as crianças também passam, actualmente, a maior parte do seu dia. Por isso, o desporto escolar deve assumir um papel mais decisivo na escola e em todo o processo educativo, visto que é um elemento fundamental para a cidadania e formação integral das crianças e jovens (Pina, 1995).

A Educação Física em qualquer ano de escolaridade, tem objectivos a alcançar durante esse ano lectivo, como outra disciplina. A turma que leccionei este ano, pertencia ao Ensino Secundário, por isso, uma das minhas primeiras funções foi definir objectivos para o ano lectivo, baseei-me na “Saúde e Aptidão Física, na Socialização, Gosto pela prática de actividades físicas e Desenvolvimento motor”, pois estas quatro componentes, citadas por (Duarte, 1992), englobam todas as condições necessárias para a personalidade humana.

Relativamente a todos estes pontos já mencionados, o professor é a “peça” fundamental deste processo, sem o educador o ensino não se concretiza, por isso, as características e eficácia do professor e o seu conhecimento profissional tornam-se uma ferramenta indispensável na sua mala. Os professores devem ter comportamentos que devem ser para obter sucesso nas aulas de Educação Física (Rink, 1985), apesar de existir indicadores de eficácia e ineficácia (Siedentop, 1983). O conhecimento que este tem sobre o pedagógico geral, do contexto educativo, dos alunos e das suas características, dos fins, objectivos e valores educativos, do conteúdo – matéria, pedagógico do conteúdo, e curricular é imprescindível no processo ensino/aprendizagem (Graça, 2001).

No que diz respeito à minha “**realização da prática profissional**”, as competências profissionais, associadas a um ensino da E. F e Desporto de qualidade, remetem ao Perfil Geral de Desempenho do Educador e do Professor, que está organizado com as seguintes áreas de desempenho: área 1 - Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem, pois a ela estiveram ligadas as tarefas centrais da profissão de professor, particularmente a concepção, o planeamento, a realização e a avaliação do ensino; área 2 - Participação na Escola; área 3 - Relação com a comunidade; e a área 4 - Desenvolvimento profissional.

Em cada uma destas áreas durante o ano lectivo 2009/2010, tive de desenvolver inúmeras tarefas correspondentes a cada área de desempenho, que estiveram sempre presentes na minha formação e delas surgiram as diversas actividades a desempenhar, os problemas, as dificuldades, as estratégias e questões pertinentes que merecem ser reflectidas, entre outros assuntos. Por isso, passo a descrever algumas situações mais pertinentes de todo o processo de formação.

Em relação à **área 1**, ao professor, é exigido acima de tudo a capacidade de projectar a sua actividade de ensino no quadro de uma concepção pedagógica referenciada pelas condições gerais e locais do contexto educativo em que está inserido, pela especificidade da disciplina que lecciona e pelas características dos seus alunos. Foi precisamente com este intuito que tais tarefas foram efectuadas com eficiência e ajustadas à realidade escolar, por exemplo, o estudo do regulamento interno da escola, o projecto educativo, programas e planeamento anual. Tinha presente que entre o conhecimento teórico e a sua aplicação prática a distância é enorme, por isso, para conseguir diminuir essas dificuldades, o desenvolvimento de soluções, recursos, e preparação reflectida e sistematizada, foram relevantes para todo este processo, para isso, li os documentos fornecidos pela coordenadora do agrupamento de educação física e pela professora cooperante. Bento (2003, p.7) refere que, “Todo o projecto

de planeamento deve encontrar o seu ponto de partida na concepção e conteúdos dos programas ou normas programática de ensino, nomeadamente na concepção de formação geral...” Com todo este conjunto de informações retiradas permitiu-me encarar a fase de planeamento com maior segurança e garantia de adequação à minha realidade específica. Contudo, o planeamento anual, das UD e dos planos de aula foram um pouco diferente daquilo a que estávamos habituados na Faculdade, tendo exigido bastante mais trabalho e empenho, por exemplo, os condicionalismos impostos pelo esquema de rotação dos espaços vigente na Escola, a não utilização do espaço exterior, o número de aulas da UD dependia das vezes que cada professor passa pelos espaços, e a definição exacta dos objectivos para o plano de aula. Relativamente ao Modelo de Estrutura do Conhecimento (MEC) o adoptado foi a J.Vickers (1990). O MEC pretende mostrar como estruturar a matéria para servir de guião para o ensino, sendo aplicável a todos os desportos e actividades físicas.

Ao longo deste ano lectivo, penso que consegui realizar a transição da teoria – planeamento, para a prática – realização, por exemplo, fui capaz de me adaptar às novas situações (não previstas) que iam ocorrendo no espaço de aula. Como é óbvio, algumas das estratégias foram difíceis de alcançar e refiro-me, por exemplo, ter a capacidade de abstrair-me de aspectos particulares e ter uma visão mais global do que se estava a passar, mas também foi minha preocupação conseguir o entusiasmo dos alunos e um bom ambiente de trabalho em cada aula. Em relação aos momentos de avaliação do estágio profissional, existem três momentos, no qual, ultrapassei rapidamente o primeiro momento, preocupando-me com o segundo e posteriormente com o terceiro. Com o passar do tempo fui ganhando mais à vontade e as interações saíam com mais naturalidade e espontaneidade, principalmente nas modalidades onde o conhecimento é maior, e nas quais já tinha alguma experiência ao nível da Faculdade e do treino. Nas modalidades novas para mim, como por exemplo, Dança e Badmington, preocupei-me em ter essas interações para não descurar o meu processo.

Penso que só se poderá evoluir, em qualquer área da vida com base numa reflexão minuciosa acerca de todos os aspectos que estiveram na origem do sucesso e/ou insucesso de qualquer actividade. A capacidade de avaliação e de reflexão deve abranger todos os domínios de intervenção, uma vez que o êxito na actividade pedagógica depende muito desta tarefa. Um dos aspectos essenciais que menciona Bento (2003), é que para um ensino eficiente são imprescindíveis, reflexões estratégicas, balizadoras da acção, durante todo o ano lectivo.

As aulas observadas e a posterior reflexão acerca das mesmas em reunião do Núcleo de Estágio, o confronto de ideias entre os colegas de estágio, a professora cooperante e a orientadora, as suas opiniões, reflexões e sugestões foram fundamentais para o enriquecimento, da minha competência pedagógica, por exemplo, as reuniões do dia 11/11/09 e 05/05/10. Ao longo do ano lectivo fui aprendendo, com as diversas situações que aconteceram na prática, o que me leva a dizer que a prática é uma “caixinha de surpresas” que obriga por vezes a alterar e a fazer ajustamentos ao que estava planeado.

Hoje em dia, a avaliação é um processo pelo qual todos os agentes educativos têm de passar. A avaliação é uma actividade subjectiva, abrangendo mais do que medir, a atribuição de um valor de acordo com critérios. Assim sendo, durante o ano utilizei os três tipos de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa. Para Ribeiro (1991), a principal função da avaliação é contribuir para o sucesso do processo educativo e verificar em que medida é que isso foi conseguido, com o grande objectivo de aperfeiçoar a actividade educativa, regulando e orientando o processo de ensino/aprendizagem.

Na **área 2**, a participação na vida escolar é algo que um professor nunca poderá descurar, pelo contrário, tem de actuar sempre e conjuntamente com os outros professores. “A escola é uma instituição social que existe pelas interacções que se verificam entre os seus membros.” (Pina 1995, p. 51). Com esse intuito, durante este ano lectivo participei em várias actividades, tendo conseguido realizá-las com a qualidade e eficácia, por exemplo, estive presente nas reuniões de agrupamento e da minha turma, acompanhei as equipas de futsal masculino e voleibol feminino do desporto escolar a outras escolas a fim de competir, colaborei no corta-mato, no torneio inter-turmas, no dia da alimentação, na “Semana do Fontes”, estive presente na palestra do Vítor Baia, e desenvolvi conhecimentos que me permite conhecer aspectos relativos à direcção de turma. De uma forma geral, penso que a minha participação na escola foi um dos aspectos mais positivos do Estágio Profissional.

No que diz respeito à **área 3**, sabendo que o meio onde a ES Fontes Pereira de Melo se insere num meio local com características muito próprias, torna-se fundamental conhecer esse meio para promover práticas sociais com relevância educativa. Neste âmbito, foi realizado o estudo de caracterização da escola. No início do ano lectivo propusemos à nossa professora cooperante a realização de algumas actividades tendo em vista a mobilização da comunidade escolar e a promoção de sinergias entre a Escola e a Comunidade, nas quais se integravam o Dia da Saúde, o Meeting e o Dia da orientação, mas como na Escola já existe a “Semana do Fontes” onde engloba algumas dessas actividades não se justificava a sua realização, e outras foi devido às obras na Escola, pela presença dos monoblocos no campo de jogos, o espaço exterior estava quase todo condicionado.

Por fim, a **área 4**, como acontecerá ao longo da vida, existirá um longo caminho a percorrer, e é nesse sentido que pretendo construir, ou melhor, ir (re) construindo a minha competência profissional. Durante este ano foram algumas as iniciativas realizadas neste âmbito, de forma a dar cumprimento a este ponto, por isso, destaco uma acção de formação de “Dança na Escola”, a palestra do Vítor Baia, no qual participei e a organização da nossa acção de formação “Ténis de Mesa na Escola”. “O percurso vai sendo construído através de diferentes mediações e condições que o conformam e transformam. Faz-se caminho, caminhando...” (Elias, 2008, p. 21)

Este trabalho, também tem como propósito um **Projecto de ensaio acerca do enquadramento conceptual e institucional do Estágio Profissional**, por isso, o tema que me propus a analisar foi os factores que determinam as condições locais da educação

(micromeio e estabelecimento de ensino), em que o processo ensino/aprendizagem se desenrola. A Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, encontra-se em “processo de mudança”, por isso, as obras estão presentes no dia-a-dia dos alunos e professores. Pretendeu-se pois perceber o modo como essas condições têm implicações no processo de aprendizagem dos alunos.

Começo por procurar no dicionário da Língua Portuguesa, o vocábulo "educação", ao referir que significa "acção e efeito de educar". A acção entende-se como o acto ou a actividade de educar e por efeito as consequências ou resultados de educar. Tentei encontrar uma definição de educação, mas existem diversos autores e cada um com uma definição. É difícil encontrar para a palavra educação o conjunto das suas significações e para tentar apresentar uma definição (Mialaret, 1980). De acordo com Cabanas (2002), o acto educativo é o exercício concreto da educação. É, por conseguinte, a confluência da actuação do educador com a reacção do educando, tendo como efeito o acesso deste a um nível de maior perfeição pessoal. Mas para perceber melhor todo o processo de educação, visto que é uma bagagem cada vez mais difícil e é necessário estar à altura desde o início da vida até ao seu fim, por isso, pretendo através dos quatro pilares da educação aprofundar melhor esse conhecimento. Poderia apenas falar só de duas mas o indivíduo para se desenvolver necessita das quatro, que são: *“Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a viver juntos, e Aprender a ser”*, (Delors, 2001), porque eles juntos fundam um, devido aos vários pontos que têm em comum.

A socialização é um processo social imprescindível que afecta todos, ensina a forma de “criar” membros activos e participantes da sociedade. A aprendizagem social está dependente de três variáveis: os atributos pessoais dizem respeito às características psicológicas, físicas e cognitivas do indivíduo; os agentes de socialização; e as situações de socialização definem-se pelas oportunidades nas quais a aprendizagem social é feita (Greendorfer, 1992). Como diz Duarte (1991), a socialização desportiva realiza-se, em grande parte, durante as idades mais baixas como a infância e a adolescência, e os principais geradores da socialização são a Escola, a família e os amigos. A família é, sem dúvida, uma das instituições tradicionais de educação, surgindo como um forte agente de socialização durante a infância, embora na adolescência pareça diminuir (Greendorfer, 1977).

Segundo Esteve (2001), nos últimos vinte anos, as transformações sociais, políticas e económicas foram tão acentuadas que quando se fala sobre a sociedade desse tempo, verifica-se que os pontos de contacto com a realidade actual são muito ténues. A situação é idêntica em relação ao sistema educativo. Ensinar hoje é diferente do que alguns anos atrás. Fundamentalmente, porque não tem a mesma dificuldade trabalhar com um grupo de crianças homogeneizadas pela selecção ou enquadrar a cem por cento as crianças de um país, com os cem por cento de problemas sociais que essas crianças levam consigo. Daí o desencanto que atinge muitos professores, que não souberam redefinir o seu papel perante esta nova situação.

Conforme diz Mialaret (1980), durante as últimas décadas desenvolveram-se imensos trabalhos de especialistas que se interessaram pela educação – instituição. As correntes

sociológicas foram ao encontro dos esforços feitos por organismos tais como a UNESCO, entre outros para tentar desenvolver a educação no mundo. Daqui deriva a evidência, não apenas da complexidade dos problemas, mas dos diferentes níveis de análise e da influência dos numerosos factores que entram em jogo. Os três grupos de factores são: As condições gerais da educação – instituição escolar: o tipo de sociedade, sistema de educação, programas gerais e particulares, métodos e técnicas pedagógicas, arquitectura escolar, e o recrutamento da formação dos educadores. As condições locais das situações de educação: o micromeio no qual se encontra o estabelecimento e famílias; o próprio estabelecimento, as suas características e o seu equipamento técnico; e a equipa docente. As condições do acto educativo: a classe; o educador; o grupo de classe; e as relações educativas.

De uma forma mais particular, vou debruçar-me mais sobre **o micromeio e o estabelecimento de ensino**, para ir de encontro ao objectivo deste estudo, que é procurar saber se estes dois factores são decisivos na E.F. e se influenciam na aprendizagem.

Existem condições particulares, como o meio social, os meios familiares que darão à acção educativa os seus traços particulares, (Mialaret, (1980). Para Greendorfer (1992, p. 209), a prática desportiva dos jovens é fortemente determinada pela influência da família. Segundo Mota (1997), a família também é, sem dúvida, uma das instituições tradicionais da educação, emergindo como um forte agente de socialização na infância, apesar que na adolescência a sua influência pareça diminuir. Para os autores Anderssen N. e Wold B. (1992), as influências dos pais e amigos estão igualmente relacionadas positivamente com os níveis de prática desportiva e nenhuma das influências é mais forte do que outra. Estes dois autores estudiosos também afirmam que todo o ambiente imediato é factor de influência, seja o grupo de amigos, a família ou a comunidade. O apoio dos pais à pratica desportiva dos seus filhos parece resultar muito da consciência que têm sobre os benefícios educativos, quando a orientação do processo de ensino (Souto, 2001). Segundo Ramalde (2008), a ES de Fontes Pereira de Melo, está localizada em Ramalde, por isso, é possível dizer que nesta freguesia do Ramalde, existe uma dúzia de bairros de habitação social aos quais se associam um tipo de habitação privada mas degradada, as “ilhas”, a escola é frequentada por uma população escolar oriunda de diversos meios socioeconómicos. A par desta realidade surge uma outra plenamente oposta constituída por áreas residenciais de luxo que se situam nos limites da mesma. Os contrastes socioeconómicos reflectem fortes assimetrias na qualidade de vida da população residente neste espaço.

As Escolas possuem determinadas arquitecturas mas nem todas são iguais. Em algumas Escolas os corpos de edifícios permita um encontro e uma dispersão fáceis, enquanto noutros estabelecimentos a disposição dos locais tornava obrigatórias regras estritas de disciplina e culminava com uma tensão que se produzia por uma inverosímil desordem nas horas de entrada, de saída, de mudanças de classe (Mialaret, 1980). O Programa Nacional de Educação Física diz-nos que, “...os espaços sejam, de facto, polivalentes, isto é, que admitam a possibilidade de se realizarem actividades de aprendizagem de todas as áreas ou

subáreas... evidentemente, certas instalações deverão oferecer melhores condições para o tratamento de determinadas matérias” (PNEF, 2001, p.23). Como refere Cunha (2007, p. 27), “a função fundamental da instalação desportiva é a de oferecer de uma forma cuidada a possibilidade de realização de uma prática desportiva num determinado local.”

Para o estudo em causa, utilizei, como instrumento de recolha de dados qualitativos, a entrevista semi-estruturada, onde o entrevistado teve oportunidade e a possibilidade de pensar nas suas ideias, resultado esse de uma reflexão pessoal (Tuckman, 2000). Nas entrevistas, não utilizo uma linguagem complexa, onde ninguém compreende nada de nada, mas também não utilizo texto muito simples nem complexo porque ambos não são sinónimo de um bom texto. Após a estruturação dos objectivos específicos do estudo e do guião da entrevista devidamente validado pela orientadora, este foi aplicado a um grupo de estudo constituído, por cinco professores de Educação Física, da E/S de Fontes Pereira de Melo com experiência profissional. Para a parte analítica do trabalho, foram transcritas as entrevistas e posteriormente, analisado o conteúdo com cuidado para obter os resultados consoante as categorias definidas “*a posteriori*”.

Ao finalizar o estudo, as principais conclusões a que cheguei foram:

1) O micromeio influencia no processo ensino/aprendizagem, devido aos seguintes factores: a população que frequenta a escola; heterogeneidade de indivíduos; culturas diferentes; a estrutura social; entre outros.

2) O local onde o estabelecimento de ensino se situa é preponderante para o desenrolar de algumas actividades, e a construção da própria escola também é importante sobre os tipos de situações que poderão ocorrer.

3) O estabelecimento de ensino influencia, porque as escolas possuem determinadas arquitecturas, mas nem todas são iguais, por isso, os professores têm a missão de desenvolverem situações que ajudem a enfrentar este tipo de problemas, para que o processo dos alunos não fique prejudicado.

4) A Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, por causa das obras, as suas condições arquitectónicas, não são as melhores, por isso, possuiu implicações na modalidade de atletismo e devido ao plano de contingência H1N1, na modalidade de ginástica. Mas as obras, não são justificação para não leccionação dessas modalidades, porque um bom professor tem que ter criatividade para dar a volta por cima.

5) O Programa Nacional de Educação Física, também tem alternativas para as modalidades que não podem ser leccionadas por algum motivo.

6) A escola é um local de aprendizagem mas não é única, como diz Mota (1997), a família também é, sem dúvida, uma das instituições tradicionais da educação.

7) A escola é um dos meios de educação, e os docentes são os maiores responsáveis, por isso, um dos deveres do professor de educação física é de educação da juventude.

Finalmente, julgo ainda se tornar necessário efectuar uma pequena síntese, de alguns aspectos que demonstram alguma importância para o tema estudado.

A escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, está situada num meio muito próprio, com alunos bastantes heterogéneos, culturas diferentes, etc., por isso, as experiências que os professores vivenciaram, nesta escola e em outras que passaram, mas com especial relevo nesta, não são para “deitar fora”, pelo contrário, são factos que acontecem na prática e os professores foram obrigados a enfrentar e resolver da melhor forma possível.

Os pontos mais relevantes e focados foram: os professores de Educação Física têm de “desenrascar-se e passar por cima” das dificuldades que aparecem; é necessário adaptar às condições que estamos envolvidos; procurar novas estratégias e redefinir objectivos; é possível fazer tudo e mais alguma coisa desde que as mentes, estejam abertas; os educadores nunca podem dar a aprendizagem como acabada, têm de estar sempre em permanente aprendizagem; quem achar que já sabe tudo, nada sabe; e quem leccionar nesta escola fica “Vacinado”, para o futuro.

Após a realização desta “missão”, a qual me propus encetar, julgo ter condições para expressar algumas **apreciações relativamente ao EP e às minhas expectativas futuras**.

Ao longo do ano, procurei dar sempre o melhor de mim e explorar ao máximo as minhas capacidades de modo a realizar todas as actividades propostas com qualidade e eficácia. Muita coisa ficou para trás, muitos sacrifícios foram feitos, mas chegados ao fim desta etapa, a convicção é de que valeu a pena, não só porque aprendi muito como pessoa mas, acima de tudo, como professor de Educação Física.

No que diz respeito, às **minhas expectativas para um próximo futuro** que não se avizinha nada fácil, mas sim muito complicado, são algumas mas com a plena consciência da importância de cada uma delas. Pretendo desempenhar o meu papel de professor com o maior profissionalismo, e para isso tenho de ensinar, transmitir e formar correctamente os meus alunos. Alcançar os meus objectivos pessoais e profissionais, sem nunca deixar de lado o relacionamento carinhoso com todos os que me possam acompanhar (direcção, colegas professores, alunos e funcionários).

Não seria justo, nem correcto terminar este documento sem efectuar qualquer referência aos meus colegas de estágio, à minha professora cooperante e à orientadora. No que concerne aos meus colegas, estes desempenharam um papel importantíssimo, na medida em que, possibilitaram que o Estágio Profissional se tornasse uma actividade enriquecedora e agradável. Relativamente à professora cooperante, professora Laura Lopes, é de louvar a forma competente e responsável com que encara a sua profissão, bem como a sua preocupação em nos integrar na comunidade escolar, fazendo com que a transição do estatuto aluno - professor fosse a mais harmoniosa e agradável possível. Quanto a Orientadora, Professora Doutora Paula Queirós, de salientar a sua constante preocupação em nos alertar para problemas didáctico-pedagógicos extremamente pertinentes, não dando a solução para os mesmos, nem receitas, mas “obrigando-nos” a reflectir sobre a profissão.

Quero realçar que este não foi um ano fácil, porém, olho para trás e chego à conclusão que tudo valeu a pena e que, actualmente, sinto-me mais capaz e seguro enquanto Professor.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7. Referências Bibliográficas

- Albarello, L. (1997). Recolha e tratamentos Quantitativos dos dados de Inquérito. In: Albarello, Digneffe, Hirnaux, Maroy, Ruquoy, Saint-Georges. Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.
- Anderssen, N.; Wold B. (1992): Parental and Peer Influences ou Leisure – Time Physsical Activily in Young Adolescents Research. Quart. Exerc. Sport, vol 63, nº4, pp. 341-348.
- Bardin, L. (2004). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Bento, J. O. (1987). Planeamento e avaliação em Educação Física. Livro Horizonte.
- Bento, J. O. (1991): Desporto, Saúde, Vida – Em defesa do desporto. Livros Horizonte, Colecção Cultura Física, Lisboa.
- Bento, J. O. (2001). Da Educação Física ao Alto Rendimento, Universidade da Madeira, Edição O Desporto Madeira.
- Bento, J.O. (2003). Planeamento e Avaliação em Educação Física. 3º edição. Livros Horizonte, Colecção Cultura Física, Lisboa.
- Biken, S. e Bogdan, R. (1994). Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.
- Brettschneider, W. –D. (1990). Context and Adolescent Sport Involvement. In: Risto Telama, Lauri Laakso, Maurice Piéron, Isto Ruoppila e Veikko Vihko (eds.), Physical Education and Life-Long Physical Activity, pp. 115-126.
- Cabanas, J. (2002). *Teoria da Educação. Concepção Antinómica da Educação*. Porto: Edições Asa.
- Carron, A. V.; Hausenblas, H. A.; Mack, D. (1996). Social Influence and Exercise: A Meta-Analysis. J. Sport Exerc. Psychol., 18 (1): 1-16.
- Constantino, J. M. (1991): O Desporto como meio do uso cultural do tempo livre. O papel dos municípios. In: J. Bento e A. Marques (eds), As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva, (volume 1), pp. 117-118. FCDEF-UP.

- Cunha, L. (2007). Os espaços do Desporto – uma gestão para o desenvolvimento humano. Coimbra: Edições Almedina.
- Delors, J. (2001): Educação, um tesouro a descobrir - Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI de, Porto, Edições Asa, pp.77-88.
- Dias, E.; Ramos, V. (1997): A escola Cultural e os valores: p. 151-156. Porto Editora, 1997.
- Dicionário de Língua Portuguesa (2010): *Dicionário de Língua Portuguesa*. Porto Editora. Porto
- Documento Orientador do Estágio Profissional 2009/2010. Conselho Coordenador do Estágio Profissional – FADE-UP;
- Duarte, A. (1991 a): A prática desportiva como ocupação dos tempos livres: um passatempo ou uma necessidade?. In: J. Bento e A. Marques (eds), Actas das Jornadas Científicas Desporto Saúde e Bem-estar, pp. 187-192. FCDEF-UP.
- Duarte, A. (1992): Contributo para o Estudo das Atitudes dos Alunos do Ensino Secundário face à Disciplina de Educação Física – O caso da região do grande Porto. FCDEF-UP.
- Elias, F. (2008). A Escola e o desenvolvimento profissional dos docentes guia prático para a avaliação de desempenho. Porto: Fundação Manuel Leão, p. 21.
- Encontro sobre Práticas de Gestão dos Estabelecimentos de Ensino não Superior. (1988). *Da diversidade de contextos à diversidade de iniciativas actas*. Lisboa: Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação.
- Esteve, J.M. (1987). *El molestar docente*. Barcelona: Laia.
- Esteve, J.M. (1988). "Profesores y enseñanza: reflexión y debate". *Nuestra Escuela*, 97, pp. 4-8.
- Esteve, J.M. (1989a). "Stratégies cognitives pour éviter lê malaise dès enseignants: 1'induction du stress et la désensibilisation systématique". *Education*, 213-214, pp. 9-18.

- Esteve, J.M. (1989b). "Teacher Burnout and Teacher Stress". In *Teaching and Stress*. Milton Keynes: Open University Press, pp. 4-25.
- Esteve, J.M. (1989c). "Training Teachers to Tackle Stress". In *Teaching and Stress*. Milton Keynes: Open University Press, pp. 147-159.
- Esteve, J.M. (1989d): "Educación, reforma y marginación". *Cuadernos de Pedagogia*, 174, pp. 70-73.
- Esteve, J. M. (2001). Mudanças Sociais e Função Docente. In António Nóvoa (Coord.). *Profissão Professor*, pp.93-124. Porto: Porto Editora.
- Graça, A. (2001). O conhecimento pedagógico do conteúdo: o entendimento entre a pedagogia e a matéria. *Educação Física e Desporto na Escola*. Novos desafios, diferentes soluções. P. Botelho Gomes; A. Graça (eds.), FCDEF.UP, 107-120.
- Greendorfer, S. (1977). Role of socializing agents in female sport involvement. *Res. Quart.*, 48 (2): 304-310.
- Greendorfer, S. (1992). Sport Socialization. In: Horn, T.S. (ed), *Advances in Sport Psychology*, pp. 201-218. Human Kinetics Publishers. Champaign, Illinois.
- Leal, J. (1993). A Atitude dos alunos face à Escola; à Educação Física e aos comportamentos de ensino do professor. Tese de Dissertação de Mestrado não publicada. FMH-UTL, p. 51.
- Luckesi, C. (2005). Prática educativa: processo versus produto. *ABC Educativo*, 52, 20-21.
- Magill, R. A. (1998). *Motor learning concepts and applications*. Boston: McGraw-Hill.
- Mialaret, G. (1980). *As ciencias da educaçao* (2ª ed.). Lisboa: Moraes.
- Mitter, W. (1985). "Goal aspects of teacher education". *European Journal of Teacher Education*, 8(3), pp. 273-282.
- Mota, J. (1991). Educação Física e Saúde. Que afinidades?. In: J. Bento e A. Marques (eds), *Actas das jornadas Cientificas Desporto Saúde e Bem-Estar*, pp.305-310. FCDEF-UP.
- Mota, J. (1997). *Actividade Física no Lazer – Reflexões sobre a sua prática*. Livros Horizonte Lisboa.

- Mota, J. (2001). A escola, a promoção da saúde e a condição física. Que relações. Revista Horizonte, Vol XVII, 98. pp. 34.
- Nevo, D. (1990). Role of the Evaluator. In H. Walber & G. Haertel (Ed.), The International Encycloppedia of Educational Evaluation. Oxford: Pergamon Press. 89-91
- Oliveira, P. S. (2001). Caminhos de Construção da pesquisa em ciências humanas. In P. S. Oliveira (ed), Metodologia das Ciências Humanas (2 ed., pp. 17-26). São Paulo: Hucitec: UNESP.
- Patton, M. (2002). Qualitative Research & Evaluation Methods. Calofornia: Sage Publications (3 ed.).
- Pina, M. (1995a). Dossier Desporto Escolar. O Núcleo/Clube Escolar Génese de Modelo Organizativo do Futuro. Revista Horizonte, Vol. XI, N.º 65, pp.1-8.
- Pina, M. (1995b). Dossier Desporto Escolar na última década. Revista Horizonte, Vol. XII, N.º 69, pp.1-8.
- Pinto, A. (1995). Sociologia da Escola. Lisboa: Editora Mcgrawhill.
- Pires, C. (2000). Gestão de infra-estruturas no Distrito de Vila Real. Tese de Mestrado – FCDEF-UP.
- Programa Nacional de Educação Física (2001). Programa Nacional de Educação Física – 3º ciclo de Ensino Básico. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ramalde, J.F. (2008). Caracterização Sócio-Demográfica. Ramalde, uma Freguesia em Permanente Evolução. Porto: (s.l).
- Regulamento do Estágio Profissional 2009/2010. Conselho Coordenador do Estágio Profissional – FADE-UP.
- Ribeiro, L. (1991). Avaliação da Aprendizagem. Porto: Texto Editora, 3ª ed.
- Rink, J. (1985). Teaching Physical Education for learning. College Publishing.
- Siedentop, D. (1983). Developing teaching skills in Physical Education, Ohio State University, Mayfield Publishing Company, Second Edition.
- Souto, J. (2001). Vidas em Educação Física e Socialização na Família. Horizonte, vol 17, nº 99, pp. 14-18.

- Stufflebeam, D. (1985). Institutional Self-Evaluation. In T. Husen e T. Postlethwaite (Eds.). International Encyclopedia of Education. Oxford: Pergamon Press, 2534-2538.
- Toffler, A. (1972). *El shock dei futuro*. Barcelona: Plaza y Janés.
- Tuckaman, B. (2000). Manual de investigação em Educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tyler, R. (1949). Basic Principles of Curriculum and Instruction. Chicago: University of Chicago. (1976), Principios Básicos de Currículuo e Ensino. Porto Alegre: Globo.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In Augusto Santos Silva e Jorge Madureira Pinto (orgs). Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Edições Afrontamento. pp. 101-115.
- Veenman, S. (1984). "Perceived problems of beginning teacher". *Review of Educational Research*, 54,(2), pp. 143-178.
- Velázquez, R. (2004). Debate sobre algunos tópicos del deporte escolar en España. In *El Deporte Escolar en el siglo XXI: una perspectiva europea* (pp.185). Barcelona: Editorial Grão.
- Vickers, J. (1990). *Instructional Design for Teaching Physical Activities*. Human Kinetics Books. Champaign, IL.
- Wold, B.; Anderssen, N. (1992). Health promotion aspects of family and peer influences on sport participation. *Int. J. Sports Psy.*, 23: 343-359.
- Legislação Nacional consultada:
 - Decreto-lei nº 317/1997 de 25 de Novembro
 - Decreto-lei nº 240/2001 de 17 de Agosto
 - Decreto-lei nº. 74/2006 de 24 de Março
 - Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro

8. ANEXOS

8. Anexos

Anexo I – Guião de entrevista

Entrevistas – Direccionada aos Professores de Educação Física com experiência profissional na Escola Secundária Fontes Pereira de Melo.

Entrevistado:	
Data:	
Anos de experiência no ensino:	
Escola/s que leccionou e quantos anos esteve em cada uma:	

Na opinião Mialaret (1980), as condições locais, em particular o micromeio (que consiste no meio social, nos meios familiares) e o estabelecimento de ensino (características arquitecturais), apresentam-se como factores que determinam as situações de educação.

1. De que forma você relaciona a importância do micromeio e do estabelecimento de ensino nas aulas de Educação Física?
2. Nas suas aulas de Educação Física, até que ponto o estabelecimento de ensino tem alguma importância para a leccionação das aulas (por exemplo, planificação das matérias a abordar)?
3. A escola está preparada do ponto de vista arquitectónico com as obras presentes, para o processo ensino - aprendizagem das aulas de Educação Física? Sentiu alguma limitação, em que medida?
4. Considera que as condições locais (micromeio, estabelecimento de ensino) contribuem para o desenvolvimento de novos conhecimentos, valores, atitudes, visando a melhoria do processo ensino - aprendizagem?

5. Acha que a experiência nestas condições locais vai influenciar o seu processo de ensino - aprendizagem? De que forma?
6. Refira quais as “experiências” que pode retirar destas condições locais?

Se não:

1. Conhece as condições locais, você acredita que existem factores com implicações no processo ensino – aprendizagem? Justifique.
2. Até que medida, o estabelecimento de ensino (características arquitecturais) e o meio social, meio familiar pode afectar as aulas de Educação Física?
3. Quais são os factores que considera influentes nas relações da educação?



(se não conhecer as condições locais, responde a estas três questões. A terceira questão é para verificar se o/a professor/a fala do micromeio ou do estabelecimento de ensino).

Anexo II – Transcrição das entrevistas

Entrevista número um

Data: 25/05/10

Hora: 12h00

Entrevistado

Anos de experiência: 8 anos

Escolas que leccionou: 97 em Armamar; Grijó; Joaquim Magalhães em Faro; Fontes Pereira de Melo no Porto; João de Meira em Guimarães; Guifões em Matosinhos; na escola de Marinha Grande; Fontes Pereira de Melo no Porto.

1º Questão – resposta: particularizando a nível de Educação Física é complicado nestes meios, por exemplo, onde se encontra a escola Fontes Pereira de Melo, onde temos alunos com uma heterogeneidade muito grande, alunos de meios sócio – económicos e culturais muito diversos, desde dos apelidados “alunos do Bairro”, que têm menos acesso à prática desportiva organizada e outros alunos que são filhos de classes médio - alta, que têm acesso à prática de educação física fora da escola. A nível de aulas temos umas certas dificuldades, porque as turmas tornam-se muito heterogéneas no ensino regular. Neste estabelecimento existem diferentes níveis de ensino, onde temos o profissional e aqui essa diferença é menos notória porque os alunos não têm acesso à prática regular, normalmente as aprendizagens motoras deles baseiam-se apenas no futebol, porque podem jogar na rua ou num clube, fora isso, os planos nacionais de educação física são extensos e diversos noutras matéria, torna-se difícil a implementação da educação física, até motivar os alunos para uma prática que eles desconhecem. Em relação ao estabelecimento de ensino e falando em opções pedagógicas aqui a escola Fontes costuma diversificar bastante as actividades leccionada na Educação Física, de momento e atendendo às situações arquitectónicas, não está fácil porque a escola está em renovação por completo e nós só temos disponível a sala de ginástica e mesmo assim não é muito grande, está mais ou menos bem

apetrechada e o pavilhão interior onde podemos desenvolver os colectivos, os desportos raquetes, etc. Tirando isso, o parque polidesportivo exterior onde poderíamos leccionar mais à-vontade (não quer dizer que não possa ser dado no pavilhão), por exemplo, a matéria do atletismo não é possível neste momento porque está o “verdadeiro estaleiro de obras”.

2º Questão – Resposta: sim é lógico. Nós temos de adaptar o programa nacional que nos é fornecido para os diferentes anos de acordo com as condições materiais e instalações disponíveis. Em todas as escolas que passei segui o que estava decidido pelo grupo de Educação Física, fazendo as adaptações necessárias à turma e planificando no caso à turma e também de acordo ao nível do material e das instalações desportivas porque não podemos fazer nuances.

3º Questão – resposta: Preparada está, como já falei disso anteriormente mas limitações existem, porque nas opções das matérias a nível da planificação anual, podemos optar pela ginástica ou atletismo e este ano é impossível abordar atletismo porque só conseguíamos leccionar duas ou três vertentes, por exemplo, o salto em altura, uma iniciação aos saltos em comprimento e triplo mas mesmo assim com algumas limitações e as provas de velocidade podem ser abordadas na vertente das barreiras a transposição da barreira mas a corrida formal não temos local onde fazer em segurança, por isso, tivemos de optar pela ginástica.

4º Questão – resposta: nós como professores e pedagogos, o nosso objectivo principal é mesmo formar e transmitir atitudes e valores que possam inserir os alunos na sociedade e na vida adulta. Em relação ao micromeio e neste caso a nossa escola nota-se uma elevada percentagem de alunos que não sabem estar numa sala de aula, comunicar e estar em grupo e a Educação Física é muito importante, por causa da partilha e da tolerância, o trabalho de grupo é fundamental nas aulas de Educação Física, mesmo em algumas modalidades individuais, por exemplo, a ginástica. Depois temos os jogos desportivos que

são muito importantes, onde eles têm de acatar as regras do desporto, a conduta dos colegas, têm de saber viver em grupo, por isso, acho que estas condições locais influenciam e contribuem, porque nós estamos sempre a aprender e mesmo com as partes negativas as más coisas que nos aparecem pela frente quando a gente as enfrenta os desafios torna-nos mais fortes.

5º Questão – resposta: Fujo um bocadinho, adapto-me. Tenho de me adaptar, porque não posso ter com estas características e este micromeio, onde me situo uma atitude normal de professor. A gente tem de descer ao nível da linguagem deste alunos porque se falarmos a linguagem dita normal não os conseguimos atingir. O nosso objectivo principal é motiva-los para a prática, fazer com que eles participem nas aulas, que contribuam porque através da sua participação continua e seu empenho é que conseguimos algum desenvolvimento e aprendizagens. Não podemos ter objectivos irreais, não podemos querer que eles atinjam todos patamares de atletas mas fomentar e incentivar a prática desportiva regular já é muito bom.

6º Questão – resposta: como eu disse anteriormente, se a gente tem de saber adaptar sempre que nos depara dificuldades e a gente conseguindo tentando ultrapassar e conseguir ultrapassar as dificuldades é o chamado processo ensino – aprendizagem. A gente estar a conseguir “desenrascar-se e passar por cima” dessas dificuldades é sempre útil no futuro. O objectivo é, conseguirmos adaptarmos às condições que temos, por exemplo, neste micromeio e com estas características (alunos de classe média - baixa, com muitas dificuldades motoras, com défices de atitudes, grupo heterogéneo, com as condições da escola que temos) é um desafio muito grande e se a gente conseguir ultrapassá-lo é claro que retiro desta experiência aproveitamento para o futuro, o que vier a seguir só deve melhorar.

Entrevista número dois

Data: 27/05/10

Hora: 10h00

Entrevistado

Anos de experiência: 26 anos

Escolas que leccionou: Passei por algumas escolas de um modo mais curto, numa delas nunca dei aulas porque estive no ensino militar obrigatório, mas basicamente a escola onde estive mais tempo foi Escola Secundária de Valbom onde estive 14 anos.

1º Questão – resposta: O micromeio é sem dúvida muito importante e tem haver sobretudo com hábitos enraizados, hábitos familiares, mas também hábitos que têm a ver com o facto de estarmos numa determinada região do país. Por exemplo, na escola Secundária Fontes Pereira de Melo, e talvez isso não seja totalmente evidente pelo facto do Boavista não estar em boas condições financeiras, mas quando eu vim para aqui nós tínhamos muitos jogadores de futebol, por isso, acabava por algum modo condicionar o desenvolvimento de certas situações pela predisposições dos nossos alunos têm para determinados tipos de actividades as quais nós muitas vezes e passo a expressão temos de contrariar no sentido de lhe dar uma maior riqueza do ponto de vista global na abordagem da Educação Física. Noutros locais, por exemplo, em Valbom já davam importância muito mais ao remo por a sua ligação ao rio, e são estes momentos que nós temos na Educação Física privilegiados para não renegando as suas origens, os seus gostos e os enraizamentos sociais e familiares procuramos demonstrar aos nossos alunos que eles podem melhorar as suas competências na modalidade que mais gostam através do trabalho e de outras modalidades de uma forma mais global. Nós nestas situações temos que ter nitidamente em consideração a situação do micromeio.

Relativamente às questões da escola isso é mais que evidente, se nós aqui nesta escola temos excelentes condições de trabalho a nível de educação

física e podemos trabalhar sempre em espaços cobertos já em outras escolas não podíamos porque simplesmente não tínhamos e já passei por uma escola onde as condições que me eram colocadas à disposição eram duas balizas de futebol e uma bola de voleibol, não havia mais nada na escola, por isso, imaginem estes espaços das escolas também condicionam muito o trabalho a desenvolver por o profissional de educação física.

2º Questão – Resposta: Tem sempre, tem sempre, porque se eu não tiver á disposição determinadas condições é evidente que eu depois não posso trabalhar determinadas situações. Agora isso por si só não condiciona a minha intervenção, por exemplo, a escola que eu falei na questão anterior, e os meus alunos conseguimos criar forma de ter bolas de futebol e um campo de voleibol, com postes, rede mas tudo isto, em terra batida. Portanto, criamos nós de algum modo algumas condições para depois proceder a esses trabalhos também. Portanto se é verdade que tem importância, não é por si um elemento redutor da nossa intervenção até pode ser estimulador para partir para outros voos.

3º Questão – resposta: Não. Tudo foi pensado e estruturado no sentido de não haver limitações, ou seja, se o pavilhão não está em obras esse espaço permaneceu intocável, os campos exteriores apesar de desactivados não foram completamente desactivados porque nós tivemos o cuidado de manter um espaço onde os alunos para além da educação física curricular, embora num espaço mais reduzido, também pudessem ter actividade física ou actividade desportiva não orientada nos seus espaços ou no seu tempo livre ou tempo de lazer. Portanto desse ponto de vista uma vez que as coisas foram pensadas e estruturadas dessa forma não houve grandes constrangimentos.

Pergunta: O professor não considera que existem modalidades que precisam de ser trabalhadas num espaço exterior, por exemplo, o atletismo? Considero e isso em sido sempre tomado em consideração, passo o pleonismo, as obras também são muitas das vezes uma oportunidade para nós mudarmos para melhor, por exemplo, nós tínhamos aqui um campo com um piso estreitamente

abrasivo como vocês sabem a grande maioria das escolas têm esse espaço exterior e nesse momento nós estamos a tentar por um piso verdadeiramente desportivo, nós não sabemos se vamos conseguir ou não mas temos de aproveitar esta oportunidade para melhorar. Se nós conseguirmos aquilo que pretendemos podemos ter um piso verdadeiramente desportivo e que dê, por exemplo, resposta a essa questão do atletismo. É esse o esforço que nós estamos a fazer.

4º Questão – resposta: podem contribuir ou não em função da importância que nós lhe dermos, ou seja, se nós ignorarmos esse micromeio e essas condições que você me falou do ponto de vista arquitectónico não vão contribuir nem vão acrescentar, nem vão reduzir, se nós lhe dermos importância com certeza que vai permitir toda essa enriqueça inclusive para nós, ou seja, nós enquanto professores e educadores não temos só a ensinar, temos muito a aprender. Uma das coisas que eu percebi e ninguém me ensinou e acho que fui eu que aprendi é que nós temos necessariamente de estar em condição de assumir uma formação contínua permanente, ou seja, aquele que de nós entender que já sabe tudo será certamente sempre o maior ignorante que nós vamos conhecer porque nós temos que dar sempre atenção a que não somos só agentes de ensino “ponto”, enquanto agentes de ensino, enquanto educadores e professores também temos muito a aprender inclusive com o micromeio que nos é colocado á disposição, inclusive com os benefícios e dificuldades das instalações que nos são disponibilizadas para o nosso trabalho.

5º Questão – resposta: acaba sempre por influenciar porque nós não podemos pensar que somos imunes às condições que nos envolvem e portanto até na sequência que eu disse anteriormente eu penso que nós porque vivemos em sociedade temos de ter a noção que influenciemos mas também somos influenciáveis e também somos influenciados, uns mais outros menos, isso também tem a ver com a personalidade mas eu sinceramente de cada escola que passo e que não foram muitas apesar dos muitos anos, retiro sempre muitas aprendizagens que condicionam o meu futuro do ponto de vista positivo.

6º Questão – resposta: posso dizer que cheguei aqui à cinco anos e nunca tinha deparado com estudantes deste género, globalmente com este tipo de atitude que eu não desconhecia mas tão concentradamente não conhecia e como educador também não conhecia também, isso obrigou-me a redefinir objectivos, procurar novas estratégias para ter uma acção eficiente. Basicamente dizer que aqui já aprendi muito que vai condicionar do ponto de vista positivo o meu futuro e que de algum modo também me levou a modificar algumas das minhas crenças e algumas das minhas intervenções na própria aula, na própria planificação e em alguns cuidados que afim ao cabo imporei para a minha vida pessoal e profissional, a partir desta nova experiência.

Entrevista número três

Data: 27/05/10

Hora: 11h00

Entrevistado

Anos de experiência: 17 anos

Escolas que leccionou: 10 a 12 escolas que leccionei durante este tempo. A escola que estive mais tempo foi a Escola E/B 2/3 de Miragaia no Porto, 6anos.

1º Questão – resposta: O micromeio é determinante, como é determinante, tendo em conta, o local da aula, os materiais que se podem utilizar, a distribuição das aulas de educação física, as instalações, etc., isso é fundamental, em função disso consegue-se abranger mais ou menos modalidades, mais ou menos matérias, e de uma forma mais ou menos agradável. Em relação ao estabelecimento de ensino (características arquiteturais), por exemplo, na escola que eu estive mais tempo era uma escola em Socalcos em que para sair do ginásio para a sala dos professores era preciso subir um piso ou dois, o local onde os alunos se alimentavam ou os professores também era bastante distante do pavilhão de Educação Física, havia espaços interiores e exteriores. O espaço exterior, por exemplo, em termos de qualidade do piso era asfalto que limitava muitas matérias que se podiam leccionar no interior, existia caixa de saltos mas não era possível utilizar. No espaço interior, era um espaço pequeno que muitas vezes tinha de ser repartido por duas turmas e onde a questão da acústica determinava muitas vezes, por exemplo, já com uma turma era muito barulhento então com duas quase que nem se ouvia muitas das vezes, principalmente quando era modalidades eram de bola e estas batiam no chão o barulho era enorme.

Em relação ao meio social e familiar os alunos dessa escola que é onde eu estive mais tempo, o meio sócio - económico é muito baixo, é uma escola com um tipo de gestão especial e diferente das “escolas normais” é uma escola de território educativo de intervenção prioritária em que tem algumas condições onde podem ser melhoradas em relação às outras escolas. Em relação à nossa

Escola é diferente porque uma escola num território educativo de intervenção prioritária tem outros objectivos que não tem esta escola. A nossa escola recebe alunos de meios sócio – económicos baixos mas também de famílias de classe média e aqui juntam-se várias populações e ao trabalhar é preciso ter isso em conta.

2º Questão – Resposta: este estabelecimento de ensino está neste ano lectivo e penso que no próximo ano lectivo também está como se fosse um “estaleiro de obras”, porque as obras retiraram espaço de leccionação de aulas do espaço exterior, todas as matérias deverão ser abordadas no espaço interior e isso condiciona a escolha das matérias e a planificação. Além disso, as condições que temos para poder trabalhar no interior já condicionam por si, por exemplo, na modalidade de atletismo os saltos em comprimento e triplo não podem ser abordados no interior, porque não temos condições para isso. Já daí, temos uma limitação, o espaço interior tem dois espaços, o gimnodesportivo e a sala de ginástica. Na sala de ginástica, onde só se vai cerca de três em três semanas e se está lá de uma hora e meia a três horas isso condiciona na planificação porque vai ter que haver alternâncias de matérias. Uma condicionante é o “*roulement*” as instalações, a obrigatoriedade de passar pela sala de ginástica, onde se pode fazer para além da ginástica, por exemplo, a dança o badmington, mas não se pode fazer desportos com bolas por causa do pé direito da sala. No gimnodesportivo pode-se fazer todas as outras modalidades inclusive atletismo, por exemplo, todas aquelas que não é preciso uma caixa de saltos ou local para se lançar um dardo, por isso, tem implicações directas na planificação.

3º Questão – resposta: Eu penso que o processo ensino – aprendizagem não estará comprometido em termos globais e em termos latos. O processo ensino – aprendizagem não está comprometido, há matérias que se podem leccionar compensando aquelas que não se podem leccionar, ninguém está impedido de ir para o exterior fazer as aulas, no entanto, muitas vezes a integridade física dos alunos pode ser colocada em causa, porque se foram jogar futebol no

asfalto e agora que há obras e que andam areias no chão (cimento, etc.), eu nem se quer aconselho a que se vá fazer aulas no exterior.

4º Questão – resposta: Como disse anteriormente o processo ensino – aprendizagem, a meio ver, não estará condicionado porque há matérias que vão compensar aquelas que não se podem leccionar. As condições da escola condicionam mas não determinam que o processo ensino – aprendizagem não se faça. Não é condição obrigatória, isto está em obras, não posso ensinar e os alunos podem não aprender. Não eles aprendem, aprendem outras coisas dentro das condições que existem, há escolas que não estão bem equipadas mas esta escola está relativamente bem equipada e acho que se consegue superar a limitação devido às obras, com outras matérias, desenvolvendo novos conhecimentos, atitudes e valores.

5º Questão – resposta: a minha experiência anterior de ter de me adaptar a situações complicadas, a minha experiência anterior, o meu “*background*” já está a ter influência na maneira de trabalhar nesta escola, porque já é proposto que se faça outro tipo de matérias que se alarguem os conhecimentos dos alunos não só para as modalidades mais tradicionais como os jogos desportivos colectivos como o futebol, andebol, voleibol, mas por exemplo, para aquelas que eles até têm alguma relutância em fazer, a dança é um exemplo. Pergunta: A professora não acha que este tipo de actividades como a dança não é de referir, não e muito devido ao micro meio existente neste espaço em que a escola está envolvida? Pode haver um preconceito da parte dos alunos mas também da parte dos docentes, por exemplo em relação à dança, mas é notório e sendo esta entrevista feita na altura em que é, é notório que ultrapassado o preconceito por parte dos professores e por parte dos alunos, eles aderem e os professores também aderem. Eles estão abertos a conhecer mais o que os professores lhes ensinarem. Assim se calhar se torna mais rico, não quer dizer com isto que se façam obras todos os anos mas a adaptabilidade dos professores podem contar com a adaptabilidade dos alunos porque eles estão receptivos a aprender.

6º Questão – resposta: em modo de conclusão pode fazer-se sempre tudo e mais alguma coisa mesmo com poucas condições de trabalho. A nível do micro meio e das características arquitecturais (estabelecimento de ensino). Pode-se fazer tudo e mais alguma coisa, haja vontade e disponibilidade. Desde que as mentes estejam abertas pode-se fazer tudo. Pergunta e as mentes dos nossos alunos estão abertas? Se calhar as turmas que tivemos foram turma com características especiais, mas eu acho que as pessoas se conseguem tocar algum ponto especial dos alunos, retirar aquilo que os alunos conseguem fazer de melhor, conseguem conduzi-los e levarem a que os alunos façam aquilo que conseguem fazer mesmo com uma relutância inicial dos alunos. Este ano foi muito rico porque em relação a alunos de uma turma de cursos profissionais onde só tem rapazes, conseguiram chegar ao final do ano e fazer uma coreografia de dança tradicional

Entrevista número quatro

Data: 01/06/10

Hora: 10h30

Entrevistado

Anos de experiência: 34 anos

Escolas que leccionou: Povia de Varzim, 2 anos; Secundária de Gondomar, 1 ano; Escola Secundária Clara de Resende, 2 anos; Aurélio de Sousa, 2 anos; Carolina Michaelis, 1 ano; Aurélia de Sousa, 1 ano; Povia de Varzim, 1 ano; efectivei na Escola Secundária Fontes Pereira de Melo onde lecciono há 25 anos.

1º Questão – resposta: a escola está integrada num meio onde temos uma classe alta, média - baixa e baixa. A população escolar é mais baixa sociocultural, do que média – alta ou alta. Em função disso os cursos existentes na escola também são mais CEFES e Profissionais é evidente que a própria programação desses cursos já vai de encontro a esses meios e à necessidade desses alunos, portanto a nossa programação em Educação Física também vai de encontro a essas necessidades, por outro lado, o facto de termos aqui um clube de futebol também influência de certa maneira a nossa programação, porque temos alunos que vêm do Boavista e que estão muito vocacionados para o futebol, nas turmas onde estão integrados o que eles querem é futebol como é que gerimos isto? Como esta a dizer no curso geral é fácil, nós temos uma programação que temos de cumprir, abordamos todas as modalidades, quando chegamos ao 12ºano, eu pessoalmente não abordo todas porque já foram abordadas ao longo do 2º ciclo e depois no secundário, dou-lhes a prioridade de escolha de estarem mais tempo com uma ou outra modalidade. Nos profissionais e os CEFES nós temos módulos a cumprir, portanto, em função desses módulos a programação tem de ser feita e eu pessoalmente e como já referi o que eles querem é o Futebol ou futsal, logo no inicio das apresentações falo com eles, em função do comportamento deles

nas aulas ou em função do cumprimento ou não do meu plano de aula, no final da aula eles têm 10 minutos de futebol para os compensar.

2º Questão – Resposta: tem muita. Nós temos este pavilhão desde de 2002, salvo erro, até esse ano não tínhamos pavilhão gimnodesportivo e dávamos aulas lá fora, portanto, o que é que podíamos fazer. Se chovesse, não dávamos aulas, só tínhamos os balneários exteriores. Só podíamos fazer atletismo e jogos desportivos colectivos, os individuais estava vento ou outras condições e não dava para fazer, por exemplo, badmington. Nunca abordávamos ginástica, nem de solo e aparelhos porque era no exterior, como já disse, chovia não dava aulas, portanto estávamos muitíssimo condicionados. Com as instalações que temos actualmente, eu acho que mesmo com as abras que estamos a sofrer neste momento não fomos muito condicionados porque podemos abordar todos os desportos colectivos e individuais e o pavilhão que temos boas condições e bom material. Com a excepção do atletismo que está a ser um pouco prejudicado porque como não temos o exterior existem algumas vertentes que não podemos abordar.

3º Questão – resposta: Eu acho que não fomos assim muito prejudicados, tanto isso, sem ser no atletismo, como já referi na pergunta anterior.

4º Questão – resposta: Qualquer escola tem essa função. A principal função da escola é visar melhoramento de atitudes, desenvolvimento de novos conhecimentos. Esta escola, eu acho que tem uma função ainda maior nesse aspecto devido ao tipo de alunos que nós temos aqui na escola e mais do que professores de Educação Física nós temos de ser educadores e eu sinto-me privilegiada de ser de educação física porque através das regras de um jogo eu posso impor as regras aos alunos nas suas atitudes, nos seus comportamentos. Sinto-me privilegiada por ser professora de educação física e poder transmitir esse tipo de conhecimento aos alunos e de regras, ao fim ao cabo, imposição de regras que todos eles necessitam, todos nós necessitamos.

5º Questão – resposta: acho que mais nada me influencia. Eu fui sempre uma pessoa e costumava dizer aos colegas mais novos “Nós temos de acreditar naquilo que fazemos”, e “Saber defender naquilo que acreditamos”, e não é porque o colega mais experiente ou menos experiente nos críticos por nós darmos esta aula desta forma, ou estarmos a bordar a matéria desta maneira, “Nós temos de acreditar e tentar sempre fazer o nosso melhor”, é claro que aceito críticas, é claro que aceito sugestões, é claro que não sei tudo apesar dos meus anos de serviço e da minha experiência mas ainda não sei tudo. “Estou sempre a aprender” e com os estagiários é que eu aprendo sempre, a sério, eu “aprendo convosco”, estou sempre a aprender, tenho é que estar sempre aberta a novas experiências e ter a noção que nunca se sabe tudo.

6º Questão – resposta: É complicado, porque eu daqui só para a reforma. É o seguinte quem lecciona nesta escola eu costumo dizer que fica “Vacinado”, e não estou a dizer mal desta escola porque se estou aqui à vinte e cinco anos é porque gosto de estar aqui. Prefiro às vezes e desculpem o termo, ter estes miúdos que são de bairro, embora não tenha nada contra os bairros, existem pessoas muito boas nos bairros, “prefiro ter esse tipo de alunos do que filhinhos dos papas”, portanto, a experiência é claro que, quem passa por esta escola, tem uma experiência muito enriquecedora porque tem alunos do curso geral, alunos com comportamentos normais, não quer dizer que os outros sejam anormais, de modo algum, mas são mais rebeldes, os do curso são mais rebeldes é mais difícil de trabalhar com eles, é mais difícil de lhes impor regras, mas passando por aqui, eu acho que as pessoas ficam aptas a leccionar em qualquer escola com qualquer tipo de alunos

Pergunta realizada na hora: Eu sei que a professora tem um cargo muito importante aqui na escola, esse cargo influencia ou não, se tem outro tipo de pensamento ou maturidade?

Resposta: Eu detesto cargos porque cargos implicam por regras aos nossos próprios colegas e é muito complicado trabalhar com os colegas nesse

aspecto. Eu prefiro ser mandada do que mandar. Sou coordenadora de agrupamento, é claro que dá o seu trabalho outra maturidade não sei se dá, mas é bom que todas as pessoas passam por todos os cargos de uma escola. Eu já passei por todos, com a excepção da direcção, porque não quis, embora tivesse sido convidada várias vezes para pertencer aos executivos, nunca quis porque “Gosto de dar aulas”, e uma pessoa nesse cargo praticamente não dá aulas. Sou directora de turma, acho que é dos cargos mais trabalhosos que existem numa escola mas também dos mais compensadores. Temos um relacionamento muito próximo com os alunos, com a família, portanto, acho muito importante ser-se director de turma. Através deste cargo também nos apercebemos dos problemas familiares e tenho apanhado nas minhas direcções de turma pessoas de todos os meios sociais, pelos mais diversificados problemas, tenho tentado solucioná-los ou pelo menos tentar ajudar as turmas e os alunos em algumas situações difíceis. Tenho apanhado alunas grávidas, alunos de instituições, “tem sido complicado mas compensador ser director de turma”, eu acho que é o cargo que mais compensa numa escola é ser director de turma.

Entrevista número cinco

Data: 01/06/10

Hora: 11h00

Entrevistado

Anos de experiência: 12 anos

Escolas que leccionou: Secundária de Balcambra, 2 anos; Teixeira Lopes agora que é António Costa Matos, 1 ano; Almeida Garrett liceu de gaia, 4 anos; Escola Secundária Oliveira de Azemães, 2 anos; escola de Pinheiro na Branca, 1 ano; Águeda, 1 ano e na Escola Secundária Fontes Pereira de Melo este ano.

1º Questão – resposta: Fala-se muito na auto-gestão da escola, na independência da escola, neste momento nos órgãos gestão da escola está envolvida a comunidade que a envolve, por isso, a escola cada vez mais tenta abrir, tenta perder as grades que separam do mundo de lá de fora e envolver-se mais com o meio que a rodeia. Pronto, esta escola na minha opinião, é uma escola muito própria que tem como sua principal função população alunos com muitas dificuldades, de muitos meios familiares e que, evidentemente não só as aulas de educação física mas como todas as outras aulas. Há uma grande dificuldade em eu transmitir e cumprir programas e em transmitir e leccionar, portanto, sem duvida nenhuma, que o micromeio influencia as minhas aulas, devido ao meio que a escola está inserida, a população que a frequenta é uma população muito própria com muitas carências a nível social, ao nível familiar, a nível educacional, são miúdos muito poucos socializáveis e a escola aí tem que ter um papel preponderante, se calhar não tanto de transmitir conhecimentos mas mais de transmitir valores, de socializar esses miúdos de educar, lhes transmitir coisas básicas que lhes falta em casa e no meio familiar.

2º Questão – Resposta: É um bocado um seguimento da primeira pergunta, no meu entender, mas de tudo aquilo que te referi, que há uma população muito própria, muito específica. Eu pessoalmente não dou tanta importância à

planificação das matérias nas minhas aulas, dou mais importância a transmitir valores, regras e que os miúdos consigam ter algum prazer nas minhas aulas e que conseguiram uma coisa que eu acho fundamental que é ganharem gosto e hábitos de praticar desporto. O estabelecimento de ensino influencia porque está enquadrado num meio muito próprio que me fornece alunos com características muito próprias e isso evidentemente que influencia a minha planificação e a minha forma de dar as aulas.

3º Questão – resposta: sempre que se muda a morfologia de uma escola isso vai ter repulsões ao nível da organização, etc. Este ano, tivemos ainda mais uma limitação, que foi o caso da gripe A, em que não podemos leccionar a ginástica, a juntar às obras e fundamentalmente a grande limitação que houve aqui foi a nível do atletismo, nomeadamente os saltos, foi a ginástica, agora felizmente para nós, pelo menos nas aulas práticas, o nosso pavilhão não foi afectado como a nossa sala de ginástica ou de ténis de mesa ou o que quer que lhe chamem. Dentro de todas as limitações que houve, penso que não foi muito significativo, pronto não se abordaram algumas modalidades mas se eu comparar com outras escolas que nem pavilhão tinham então essas estão muito pior, penso que nós aqui nos podemos dar por muito felizes porque tivemos as condições mínimas para desenvolver o nosso trabalho.

4º Questão – resposta: eu acho que aqui não se contribui para o desenvolvimento, eu acho que aqui se fomenta e se inicia o conhecimento, aqui incutem-se esses valores e atitudes nos alunos porque é uma escola que é frequentada como eu disse por alunos muito próprios e fundamentalmente se analisarmos o caso dos alunos dos cursos CEFES, por exemplo. Nós aqui, eu falo pela minha experiência, não se trata tanto de se desenvolver mas sim de incutir valores, atitudes e regras fundamentalmente. É claro que isto é uma escola muito própria com alunos muito próprios e eu falo da minha experiência, aqui é mais o incutir do que o desenvolver, acho que aqui não se desenvolvem, pronto desenvolvem-se novos conhecimentos para os alunos nessas áreas nos valores e atitudes, coisas que eles não têm e na minha opinião devem ter.

5º Questão – resposta: Com certeza que vai, porque nunca tinha tido alunos como estes, felizmente sempre estive em escolas digamos “bem resolvidas” e com alunos de outro nível de competências sócias, de conhecimento, atitude e regras é uma experiência que eu acho que todos os professores e profissionais devem ter porque ao fim ao cabo nos prepara para tudo. Se no futuro for leccionar para uma escola onde a população seja idêntica a esta não vou ter as dificuldades que senti no início deste ano, vou estar já preparado para essas contrariedades.

6º Questão – resposta: Sim. O facto de não ser tão na minha opinião tão importante aquilo que leccionas, nem estares tão preocupado o teres de cumprir um determinado programa ou matéria e sentires que aquilo não está a avançar porque aqui é impossível avançar, porque o nível de conhecimento e o próprio desempenho dos alunos é baixo, aqui acho que tens de te focar noutros aspectos básicos como assiduidade, os hábitos higiene, as atitudes, as regras que este miúdos não estão habituados a cumprir e não têm e que não têm em casa de certeza absoluta e é o único sitio do percurso de vida diária para estes miúdos onde eles de facto têm uma convivência com algumas regras, atitudes e que nós não nos podemos divorciar desse papel, acho que é esse o nosso principal papel nesta escola e com este alunos, acho que é fundamental desenvolver isso aproveitar os nossos alunos para desenvolver esses aspectos básicos que eles não têm.